

Carmem Zeli Vargas Gil de Souza

**NO TECER DA VIDA, A JUVENTUDE;
NO TECER DA JUVENTUDE, A VIDA:
Práticas educativas de jovens de Santo Antônio da Patrulha,
em grupos de música e religião**

Porto Alegre

2003

Carmem Zeli Vargas Gil de Souza

**NO TECER DA VIDA, A JUVENTUDE;
NO TECER DA JUVENTUDE, A VIDA:
Práticas educativas de jovens de Santo Antônio da Patrulha,
em grupos de música e religião**

**Dissertação apresentada ao Programa
de Pós-Graduação em Educação da
Universidade Federal do Rio Grande
do Sul, para obtenção do título de
Mestre em Educação.**

Orientador: Dr. Nilton Bueno Fischer

Porto Alegre

2003

*Este é um trabalho coletivo,
porque é sempre com os outros
que fazemos nossa vida cotidiana.*

*É dedicado a meus filhos,
força e esperança da minha vida.*

Em especial, pelas muitas lições de sensibilidade.

AGRADEÇO...

A minha família que ajudou, esperou e compreendeu as ausências. Com eles aprendi a ser o que sou.

Ao meu marido que, nestes dois anos, assumiu a infra-estrutura da casa.

Ao meu pai e a minha mãe, com quem aprendi a importância do estudo.

Ao Doutor Nilton Bueno Fischer, orientador desta pesquisa, pela constante disponibilidade, afetividade e diálogos que apontavam caminhos. A sua presença reflexiva e respeitadora de meu processo, foi fundamental para a realização deste trabalho.

Aos jovens que me falaram de suas vidas, sempre disponíveis e pacientes frente a minha curiosidade.

À professora Marília Sposito que aceitou fazer parte da banca examinadora desta pesquisa, cuja produção teórica apontou novos vãos para o trabalho.

Às professoras Jaqueline Moll e Maria Stephanou, pelas reflexões e belas leituras proporcionadas.

Aos amigos de coração que acreditaram neste trabalho.

Aos meus/minhas alunos/as que cotidianamente apresentam desafios e fazem do meu tempo na escola um tempo de reflexão.

Aos colegas do grupo de orientação, pelas aprendizagens, angústias e apostas compartilhadas.

RESUMO

Este trabalho tem como tema a juventude. Propõe-se discutir os processos educativos dos jovens da cidade de Santo Antônio da Patrulha, em grupos de música e religião. Tendo como foco dois jovens integrantes de uma banda de hardcore e duas jovens de um grupo da Pastoral da Juventude, procura analisar as experiências dos jovens no grupo, dando visibilidade aos processos educativos e as relações com outras instâncias sociais como a escola, família e trabalho. Significa discutir que existe um educativo para além do escolar. Diário de campo, observação, entrevistas individuais e coletivas foram estratégias importantes usadas na pesquisa. Autores como Alberto Melucci e Marília Sposito constituem as principais referências teóricas deste estudo. A investigação aponta que a imagem que esses jovens colocam em questão é a juventude vista como um tempo de quem não sabe ainda o que quer. Nesta aproximação, foi possível perceber que os conflitos e as incertezas existem entrelaçados com projetos de vida. Nutrem sonhos que expressam o desejo de serem tratados com mais respeito pelas opções que fazem. Denunciam o preconceito como um aspecto que os afasta de outros grupos, do mundo adulto e de uma participação mais ativa na cidade.

PALAVRAS-CHAVE: Juventude, música, religião e práticas educativas.

ABSTRACT

The theme of this paper is the youth. Its purpose is to discuss the educational processes of young people from Santo Antônio da Patrulha in groups of religion and music. The focus of this work is on two young men who are part of a hardcore band and on two young girls from a Pastoral da Juventude group trying to analyze their experiences in the group, giving visibility to the educational processes and its relationship with other social instances such as school, family and work. It means that there is an educational process beyond the school. Important strategies used in this paper were, camp book, observation, individual and collective interviews. Authors like Alberto Melucci and Marília Sposito are the main theoretical references on this study. The investigation says that the image these young people put into question is seen as a time of those who do not know what they want. Through this approach it was possible to realize that the conflicts and the uncertainties go along with their lives projects. They dream about being respected towards the decisions they take. They complain about the prejudice that turn them apart from other groups, from the adult world and from a more active participation in the city.

KEY WORDS- Youth, music, religion and educational practices.

SUMÁRIO

LISTA DE TABELAS	09
LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS	10
INTRODUÇÃO	12
1 ENCONTROS, ENCANTAMENTOS E APROXIMAÇÕES COM O TEMA	12
1 CENÁRIO DA PESQUISA	21
1.1 SANTO ANTÔNIO DA PATRULHA: UM SONHO ENTRE O PORTO E O MAR	21
2 JUVENTUDE E CONTEMPORANEIDADE	32
2.1 JUVENTUDES.....	33
2.2 ESTUDOS SOBRE A JUVENTUDE	37
2.3 CONDIÇÕES SOCIAIS	47
2.4 IDENTIDADES.....	53
2.5 TEMPO E JUVENTUDE.....	56
2.6 SOCIALIZAÇÃO E SOCIABILIDADE JUVENIL.....	61
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS: O CAMINHO PERCORRIDO	66
3.1 ITINERÁRIOS	67
3.2 ENTREVISTA: ARTE DA ESCUTA	74
4 PROCESSOS EDUCATIVOS DOS JOVENS PESQUISADOS	79

4.1 CONVIVÊNCIA COM OS GRUPOS	81
4.1.1 Os grupos dos jovens da pesquisa	86
4.1.2 A Banda de rock hardcore Scream Noise e Ornintorrincos.....	88
4.2 A CENA PUNK HARDCORE	92
4.3 GUSTAVO E DANIEL: ENTRE O RITMO E A POESIA	95
4.3.1 Gustavo: tecendo a vida com poesia	96
4.3.2 Daniel: tecendo a vida com a música	108
4.4 FANZINES COMO PRÁTICA EDUCATIVA.....	117
4.5 LIANA E SABRINA: ENTRE O SONHO E A TRANSFORMAÇÃO.....	131
4.5.1 Liana: tecendo a vida com ações sociais.....	131
4.5.2 Sabrina : tecendo a vida com sonhos	138
4.6 A PASTORAL DA JUVENTUDE	151
CONCLUSÃO.....	156
REINVENTANDO FORMAS DE PROXIMIDADE.....	156
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	165
ANEXOS	173
ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO.....	174
ANEXO B – RELAÇÃO DOS GRUPOS MUSICAIS DE SANTO ANTÔNIO DA PATRULHA.....	176
ANEXO C – LISTA DOS FANZINES PESQUISADOS.....	178
ANEXO D – FRAGMENTOS DE FANZINES E FLYERS	180
ANEXO E – TEXTO <i>REFLEXÕES LIBERTÁRIAS</i> E POESIA <i>LAMENTAÇÕES</i> <i>PROFÉTICAS</i> , DE AUTORIA DE UM DOS JOVENS PESQUISADOS.....	190
ANEXO F – ROTEIROS DAS ENTREVISTAS	193
ANEXO G – QUESTIONÁRIO E GRÁFICOS	200
ANEXO H – MAPAS DA CIDADE.....	208
GLOSSÁRIO DE TERMOS E EXPRESSÕES.....	211

LISTA DE TABELAS

1 – Distribuição da produção em juventude, por temas	38
2 – Distribuição da produção sobre juventude, por subperíodo	39

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CD – Compact Disc

CELAM – Conselho Episcopal Latino-Americano

CIEE – Centro de Integração Empresa-Escola

CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil

CRE – Coordenadoria Regional de Educação

CTG – Centro de Tradição Gaúcha

CTPS – Carteira do Trabalho e Previdência Social

DIEESE – Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sócio-Econômicos

DNJ – Dia Nacional da Juventude

ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente

EJA – Educação de Jovens e Adultos

EJC – Encontro de Jovens com Cristo

FACCAT – Faculdades de Taquara

FAT – Fundo de Amparo ao Trabalhador

FGTAS – Fundação Gaúcha do Trabalho e Ação Social

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais

JAC – Juventude Agrária Católica

JEC – Juventude Estudantil Católica

JOC – Juventude Operária Católica

JESA – Jovens Evangélicos de Santo Antônio

JOMISP – Jovens Missionários da Paz

JUC – Jovens Unidos em Cristo

MEC – Ministério da Educação e Cultura

MOVA – Movimento de Alfabetização

MPB – Música Popular Brasileira

ONG – Organização Não Governamental

PEA – População Economicamente Ativa

PED – Pesquisa de Emprego e Desemprego

PMDB – Partido do Movimento Democrático Brasileiro

PPB – Partido Progressista Brasileiro

PJ – Pastoral da Juventude

PJB – Pastoral da Juventude do Brasil

PJE – Pastoral da Juventude Estudantil

PJMP – Pastoral da Juventude do Meio Popular

PJR – Pastoral da Juventude Rural

PT – Partido dos Trabalhadores

PUC/SP – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

RCC – Renovação Carismática Católica

REJOC – Retiro de Jovens com Cristo

SAP – Santo Antônio da Patrulha

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação e à Ciência

UNICEF – Fundo das Nações Unidas para a Infância

INTRODUÇÃO

1 ENCONTROS, ENCANTAMENTOS E APROXIMAÇÕES COM O TEMA

O curso de mestrado em Educação oportunizou-me uma revisitação e uma busca pela identidade como mãe, mulher e professora¹. A escuta do outro e a busca do diálogo respeitador, bases fundamentais para este trabalho, têm me ajudado a pensar alunos, professores e a escola de forma diferente, pois, o que antes me indignava, hoje me encanta como possibilidade de entender sem classificar. Isso gerou uma atitude de respeito e compreensão do outro.

Nas palavras de meu orientador: “A atitude de benquerença com o outro é que produz o ato reflexivo, porque isso pressupõe a confiança, ou seja, respeito ao outro sem julgamento a priori,” descubro que se é mais feliz assim... É como tirar um peso dos ombros – o peso da resposta pronta. É uma postura a tomar não só em relação à educação, mas em todas as situações da vida, pois me vejo mais compreensiva com o outro, porque quero entendê-lo e não julgá-lo. Mas sinto que essas questões estavam dentro de mim, na solidariedade radical de minha mãe, sempre com a mão estendida para o outro e na atitude compreensiva de meu pai, relevando tudo. Uma combinação de solidariedade e otimismo aprendi na família e que está sendo fundamental no encontro com os autores Freire e Melucci, oportunizado a partir de um

¹ Em algumas partes do trabalho (introdução, procedimentos metodológicos e conclusão) usou-se a primeira pessoa, pois representam momentos importantes na constituição da pesquisadora. Difícil torná-los impessoal.

outro encontro com o Mestre Nilton Bueno Fischer, que orienta minhas descobertas, respeita meu processo e intensifica meu encantamento.

Minha atuação como professora de escola da rede pública e da privada, tanto no Ensino Médio como Universitário, contribuiu para a construção de relacionamentos com os jovens, também sob o aspecto afetivo. As trocas e ações com jovens/alunos têm me sensibilizado, no sentido de apostar muito numa positividade em relação à juventude. Por outro lado, o convívio com professores de Ensino Fundamental e Médio, feito pelas assessorias e um trabalho de quatro anos na Secretaria Municipal de Educação de Santo Antônio da Patrulha, colocaram-me frente à ausência de expectativas positivas por parte de professores em relação aos jovens alunos. Na fala dos professores, com os quais tenho contato, percebo uma negatividade muito grande em relação à juventude. Muitos são os rótulos atribuídos aos jovens: descompromissados, desinteressados, consumistas, não se ligam em nada... Também os jovens alunos ressentem-se da falta de atenção às suas aspirações.

Essa convivência com a juventude e o mundo adulto constitui-se num processo educativo que aguçou a curiosidade e o interesse em investigar mais profundamente as práticas dos jovens para além do espaço escolar. O aluno é jovem e, para me aproximar de sua complexidade, é necessário observá-lo em diferentes espaços de socialização.

Falo sobre minha inserção profissional, porque esta pesquisa está intimamente relacionada com os limites e possibilidades de minha vida profissional e pessoal. É com esse desejo que me lancei na pesquisa, na expectativa de fazer e me fazer, esperando que minhas reflexões possam colaborar para o encontro do aluno com o jovem e do jovem com o professor.

O caminho percorrido no pós-graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul trouxe muitas descobertas e encantamentos que marcaram profundamente a trajetória dessa pesquisadora em permanente processo de formação. O Seminário Avançado Escola Possível e Classes Populares, ministrado pelo professor Nilton Bueno Fischer, oportunizou a reflexão sobre o paradigma da modernidade e ofereceu leituras de um sociólogo e psicanalista italiano, Alberto Melucci, muito preciosas para o entendimento dos jovens. Com este mestre, fui instigada a ampliar minhas reflexões teóricas e metodológicas que sinalizavam buscas concretas de alternativas para a materialização da escola possível, pela *escuta sensível* dos

jovens. Em Pedagogias da Cidade, ministrado pela professora Jaqueline Moll, fui percebendo a historicidade da escola. Afinal, ela nem sempre existiu e, mais importante, as pessoas se educam para além do espaço escolar. No Seminário Configurações Contemporâneas da Esfera Pública e da Esfera Privada nos Espaços da Cultura, coordenado pela professora Rosa Fischer participei de uma reflexão sobre o público e o privado na cultura contemporânea. Os textos lidos apontavam para uma *tiranía da intimidade* (SENNETT, 1988), na qual as pessoas passam a rejeitar a participação na esfera pública que traz o risco das trocas impessoais com desconhecidos. Neste seminário, comecei a pensar se os jovens não estariam reinventando o espaço público. Finalmente, no Seminário de História Oral e Pesquisa em Educação, ministrado pela professora Maria Stephanou, coloquei sob suspeita muitas idéias sobre pesquisa em educação. Nele foram propostas leituras sobre a relação pesquisador/pesquisado, ética na pesquisa e o evento da entrevista, de fundamental importância para a constituição da pesquisadora que ora se delineava. O sentimento que toma conta de mim, em relação a estes mestres, é de profunda gratidão pelos momentos de reflexão e estudo que me proporcionaram.

Na travessia da vida, este momento tem sido uma temporada de oásis, pois emerge a pesquisadora; não do nada ou de algo em especial, mas de um percurso de vida marcado por sonhos, esperanças, dúvidas, tristezas, otimismo, contradições e muitos questionamentos. As andanças pelas escolas, o contato com os jovens, os projetos concretizados ou não, as vivências como filha e mãe, as leituras realizadas, as interações com amigos/as e tantos outros fatos foram marcando minha vida e despertando, progressivamente, a necessidade de saber mais sobre o universo de meus alunos e, também, interrogar-me; *saber como e por que acredito naquilo em que acredito* e, no fim das contas, reexaminar o que eu penso do mundo, de meus alunos e da pesquisadora que vai aos poucos se constituindo, entrelaçada nas identidades de mãe, filha, mulher, professora, patrulhense, cidadã do mundo...

A motivação principal para essa pesquisa é de natureza educativa, apesar de não estudar diretamente a escola. Mas me sinto impulsionada pelas palavras de Arroyo (2000, p. 244) quando ele anuncia:

que os educadores conheçam mais os educandos não apenas como sujeitos de aprendizagens, de alfabetização, mas como sujeitos humanos, sociais, culturais. Conhecê-los na concretude de suas existências. Conhecer a história social da infância, da adolescência e juventude. Não apenas como o imaginário social e a

mídia constroem e impõem suas imagens da infância, adolescência e juventude e como o mercado configura demandas, músicas e roupas, gestos e culturas.

Assim, talvez, tenhamos que ampliar nosso olhar para além do saber ler, escrever e contar.

Os jovens, atualmente, são encarados a partir de muitos estereótipos², em alguns casos nascidos da atuação da mídia. Se não fazemos recortes de classes sociais, os jovens aparecem como alienados e consumistas. Se consideramos a classe social, os jovens de periferia aparecem como violentos e marginais, e os de classes mais elevadas, como individualistas e inconseqüentes. Suas experiências e vivências, às vezes, constroem preconceitos. Sposito et al. (1999, p. 8), sinalizara que os meios de comunicação contribuíram para trazer à arena pública o tema da juventude. No entanto, coloca que: “também propiciaram o surgimento de vários estereótipos sobre uma pretensa condição juvenil, homogênea e com características universais, que atingiria de igual modo a todos os jovens”. Determinando características *a priori*, ficamos impossibilitados de escutar o que esses jovens teriam a nos dizer sobre si, o que talvez nos ajudasse a compreendê-los como alunos. Ao contrário, às vezes, acabamos adotando as definições exteriores e eles – o aluno jovem – incorporando-as ao seu auto-reconhecimento.

Melucci (1997, p. 11) apresenta uma leitura da juventude recheada de possibilidades. Ele diz: “Desafiando a noção dominante do tempo, os adolescentes anunciam para o resto da sociedade que outras dimensões da experiência humana são possíveis”. Estudar os jovens é instigante, pois, num tempo de mudanças, no qual a unidade, a constância e a regularidade dão lugar à diversidade, à fragmentação e ao efêmero, são os jovens protagonistas privilegiados desta transição, segundo Melucci (1997). Não esqueço, porém, que esse mundo acelerado é também o tempo do adulto e é importante pensar como cada um está respondendo a esses estímulos.

² Estereótipo como uma opinião pré-formada, forma rígida, anônima, imposta, que reproduz imagens e comportamentos, separando os indivíduos em categorias. Em nossa sociedade, constroem-se ou divulgam-se imagens positivas ou negativas de diferentes grupos através de diversos meios. Entre os principais, destacam-se a televisão, os jornais, as revistas, o cinema – que contribuem para que as pessoas formem imagens negativas ou positivas sobre outras pessoas ou acontecimentos.

Voltada para essas questões e estimulada pelos desafios dos resultados do trabalho coordenado por Marília Sposito³, que apontou lacunas na compreensão da juventude e suas relações com a escola, é que me aventuro nesta investigação.

O conjunto das pesquisas analisadas, no balanço já citado, entende o jovem a partir de uma de suas facetas que é sua condição de aluno. Ainda é pequeno o número de trabalhos dedicados a perceber como os jovens elaboram suas situações de vida, formas de socialização e atuação. Segundo Sposito (1997), a socialização dos jovens vem ocorrendo cada vez mais em espaços e tempos variados, com uma multiplicação das referências culturais, constituindo um conjunto heterogêneo de redes de significados que adquirem sentido na ação cotidiana dos jovens. Para uma compreensão da realidade juvenil, das suas práticas e da relação que estabelecem com a escola, é necessário que os pesquisadores, ao menos, reconheçam a presença dessas outras dimensões na construção da condição de aluno. E para isso é preciso conhecer as diferentes maneiras de ser jovem na sociedade atual.

O trabalho de Sposito evidencia lacunas quanto ao estudo dos jovens de pequenos centros, classe média, escolas particulares e estudantes da zona rural, tendo em vista que as pesquisas privilegiam centros urbanos – capitais e escolas públicas de periferia.

Buscando contribuir para os estudos sobre jovens, considerando minha inserção profissional, construí a pesquisa na pequena cidade do interior – Santo Antônio da Patrulha – visando conhecer um pouco mais a condição juvenil. Numa compreensão mais ampla, procuro situá-los no conjunto das relações sociais em que se inserem. Rastreando suas formas de agregação para além das formas tradicionais como escola, família e trabalho, focalizei-os como protagonistas de ações sociais.

Essa opção pela investigação do jovem como sujeito não esquece sua condição de aluno. Ao contrário, afasto-me da escola, mas como professora, retorno a ela com elementos que nos ajudem a entender o jovem e o aluno.

³ Constitui um balanço da produção de conhecimento sobre o tema juventude, apontando questões advindas do estudo de dissertações e teses defendidas nos Programas de Pós-Graduação em Educação, de 1980 a 1990. A constituição deste acervo, chamado *Estado de Conhecimento sobre Juventude na Área de Educação no Brasil*, foi realizado por uma equipe de pesquisadores de várias instituições com a coordenação de Marília Pontes Sposito, partilhada com outra equipe de pesquisadores, coordenada por Sérgio Haddad.

Aproximando-me dos jovens, encontrei-os organizados em torno de diferentes formas: esporte, religião, música, teatro, grupos que se encontram para sair juntos, beber, ouvir música, namorar, estudar... Entretanto, predominavam os grupos de religião e música.

Os contatos que mantive com os grupos religiosos e musicais revelavam que esses jovens, juntos, desenvolviam práticas que eram potencialmente educativas. E o objeto da pesquisa se fez presente: **Como as vivências de jovens em grupos musicais e religiosos, enquanto experiências socializadoras, constituem processos educativos fundados no desenvolvimento do sentimento de pertencimento e na construção de identidades positivas?**

Compreendendo que a vida é tecida com fios de uma teia de relações históricas que vamos confeccionando, busquei, nessa rede de significados, entre o formal e o não formal, discutir as práticas educativas dos jovens para melhor compreender sua condição de jovem/aluno, apesar de não pesquisar e escola em si.

Pensei na *Moça Tecelã*⁴ que jogava a lançadeira de um lado para outro, batendo os grandes pentes do tear para frente e para trás; passava seus dias tecendo fios dourados para o sol, grossos fios cinzentos para as nuvens, nós de lã que faziam a chuva vir cumprimentá-la à janela, tecia o peixe na hora da fome e, se a sede vinha, suave era a lã cor de leite que entremeava o tapete de sua vida. E à noite, depois de lançar seu fio de escuridão, dormia. Tecer era tudo o que fazia. Tecendo, trazia tempos de alegrias e de tristezas; marcava o presente com ações e sonhava o futuro. Tecendo, unia passado, presente e futuro.

O título deste trabalho – *No tecer da vida, a juventude; no tecer da juventude, a vida* – é esperança de que as gerações podem viver solidariamente numa comum descontinuidade, pois juventude não é forçosamente uma crise que, não podendo ser evitada, procura-se apressar a sua passagem, ou preparação para a vida adulta. A vida, em qualquer geração, é sempre um tempo de possibilidades e limites quando podemos tecer encontros ou desencontros. E, tal como a moça tecelã, sempre é tempo para chamar o sol. Um dia, ela percebeu que passou semanas e meses tecendo tetos, portas, escadas, salas... A noite chegava, e ela não tinha tempo para arrematar o dia. Tecia entristecida acompanhando o ritmo da lançadeira. A neve caía, e

⁴ Utilizo nestes parágrafos fragmentos do texto *A Moça Tecelã*, de Marina Colassanti, Escola Cidadã, Série Debates, nº 2, março de 2000, p. 2 a 4, Secretaria Municipal de Educação de Porto Alegre.

ela não tinha tempo para chamar o sol. Então, quando anoiteceu, segurou a lançadeira ao contrário e, jogando-a veloz de um lado para o outro, começou a desfazer seu tecido. Mas depois, como se ouvisse a chegada do sol, a moça escolheu uma linha clara e foi passando-a devagar entre os fios, delicado traço de luz que a manhã repetiu na linha do horizonte.

Nesse texto, tendo situado minhas inquietações, o objeto da pesquisa e alguns autores que me ajudaram na caminhada, apresento a divisão dos capítulos que segue a lógica do desenvolvimento da pesquisa. Inicia com aproximações teóricas sobre juventude, ocorridas em paralelo com o encontro das práticas dos jovens na cidade de Santo Antônio da Patrulha, chegando nos grupos musicais e religiosos para, então, descrever e refletir sobre as práticas e vivências dos jovens pesquisados.

Partindo dessa estrutura, proponho, no capítulo a seguir, uma visão geral sobre Santo Antônio da Patrulha – cenário da pesquisa – na perspectiva de possibilidades e limites desse município, para os jovens.

No segundo capítulo, uma divisão em subitens que contemplam, primeiro, alguns estudos sobre juventude, segundo, as categorias teóricas que nortearam as reflexões realizadas a partir do encontro com os jovens.

O terceiro capítulo apresenta a descrição dos passos realizados na pesquisa, que se caracterizou por três momentos que se entrelaçaram. O primeiro movimento foi levantar dados a partir dos estudos realizados sobre juventude; o segundo, aproximar-me dos grupos juvenis da cidade de Santo Antônio da Patrulha, mapeando as formas de sociabilidade, e o terceiro momento foi marcado pelas entrevistas individuais e coletivas, que se caracterizaram por momentos de forte interação que se constituíram no principal recurso metodológico da pesquisa e, por último, aplicação de um questionário em jovens integrantes de grupos musicais e religiosos.

No quarto capítulo, apresento as práticas educativas dos jovens que me acompanharam nesta pesquisa. Partindo de breves descrições das experiências que vivenciam na família, na escola e no trabalho, focalizo o grupo como espaço de pertencimento que desencadeia vivências importantes na construção das identidades. Para isso, apresento algumas considerações sobre a *Pastoral da Juventude* e a cultura *underground*, mais especificamente

sobre o *punk*, o *hardcore* e os *fanzines* como forma de contextualizar as práticas dos jovens pesquisados. Nos subitens deste capítulo, a breve reflexão sobre o *hardcore* é colocada antes do diálogo com os jovens, forma que pareceu facilitar a compreensão das falas dos jovens pesquisados. No entanto, as reflexões sobre a *Pastoral da Juventude* aparecem ao final do diálogo com as jovens, pois, neste caso, seria antecipar reflexões mais conclusivas.

Na capa e na abertura dos capítulos, uma imagem⁵ que agrega falas de jovens entrevistados, letras de músicas ou pensamentos de autores e fotos que *contam* um pouco da trajetória desta pesquisa. Com exceção das fotos da paisagem e casario da cidade, as demais são resultado das andanças, observações e encontros com os jovens. Revelam a tentativa de guardar os momentos significativos da pesquisa, tecidos em diferentes espaços de sociabilidade dos jovens. As fotos da cidade fazem parte do acervo da Prefeitura e foram feitas por um fotógrafo profissional.

Na conclusão, retomo as principais questões da pesquisa voltada para a forte esperança de que conseguiremos reinventar formas de aproximação com os jovens. Embora as narrativas diferem em si, na conclusão foi possível tecer alguns fios de uma história que será sempre uma possibilidade para receber novos fios.

Nos anexos, estão presentes o termo de consentimento informado, a relação das bandas mapeadas, relação dos *fanzines* pesquisados, fragmentos de *fanzines*, alguns *flyers*, texto *Reflexões Libertárias* e a poesia *Lamentações Proféticas* escritos por um dos jovens pesquisados, os roteiros das entrevistas individuais e coletivas, o questionário aplicado nos jovens integrantes dos grupos de música e religião e os gráficos referentes às questões citadas no texto.

No final, encontra-se um glossário de termos e expressões que são recorrentes durante o texto. Estão incluídos tanto aqueles de língua inglesa, quanto os de língua portuguesa.

⁵ A imagem de fundo encontra-se no livro: SOUZA, Gláucia de. **Tecelina**. Porto Alegre: Editora Projeto. 2002.

1 CENÁRIO DA PESQUISA

1.1 SANTO ANTÔNIO DA PATRULHA: UM SONHO ENTRE O PORTO E O MAR

Há apenas três décadas, os sujeitos formavam a sua imaginação do mundo a partir das referências da vida no campo, no contato com a natureza, do mundo agrário, num tempo em que a publicização da vida ainda não era tão eminente. Com o crescimento das cidades e o melhoramento dos sistemas de transportes e de informação, assistiu-se a uma transformação nas estruturas da vida cotidiana. Santo Antônio da Patrulha⁶ ingressa lentamente nesse processo que conduz a tempos agitados; constitui-se como uma cidade cujos usuários do cenário urbano falam constantemente da sensação de conforto que a cidade lhes proporciona. Querem o conforto do desenvolvimento e a tranquilidade do passado, as facilidades tecnológicas e de transportes e a preservação da imagem antiga da cidade. Talvez essa cidade não fuja ao espírito de sua época, marcado pelo desejo de querer coisas contraditórias entre si.

É uma cidade que oferece a oportunidade de passear a pé, calmamente, com amigos, sem os incômodos da industrialização ou da agitação do trânsito moderno. Constitui-se num refúgio para quem trabalha e estuda em grandes centros, refúgio para quem tentou viver na *cidade grande e acolhida* para quem sai do campo. Localiza-se próximo a Porto Alegre e tem uma rodovia de acesso rápido.

⁶ As idéias apresentadas neste texto, de conteúdo histórico, apóiam-se nas pesquisas da historiadora Vera Lúcia Maciel Barroso.

Santo Antônio é uma cidade que tem potencial para ser bonita. Apresenta um traçado urbano interessante; ruas e avenidas vão se moldando conforme os contornos da natureza. Diferente do traçado em xadrez que homogeneiza a paisagem, Santo Antônio da Patrulha constitui um cenário urbano diferenciado.

É uma cidade que cresce de dentro para fora, com vazios urbanos demarcados por cercas de arame, criação de animais e cultivo de cana, como se a vida rural resistisse ao abraço do urbano que ocorreu sem industrialização. Insistentemente, as pessoas burlam as regras do Plano Diretor da Cidade (1992) construindo uma marca muito própria em cada lote urbano.

Ruas curvas, descidas e subidas vão dar à cidade a possibilidade de qualificar os espaços urbanos promovendo um encontro com a natureza, mas as verbas são raras, e a população raramente se apropria destes espaços para cuidá-los.

O cenário urbano é um fator de atração para os jovens, seja circulando de carro, parados com o carro em frente a lugares que elegem como local de encontro ou explorando a pé ou de bicicleta os diferentes pontos da periferia. O desenho da cidade é um convite a essa circulação. As subidas e descidas mostram ao observador uma paisagem bela e o privilégio único de estar, quase ao mesmo tempo, no urbano e no rural. Na chamada *Cidade Alta*, a frente das casas está voltada para a principal avenida da cidade, e os fundos, para uma área de campo, com criação de animais – uma paisagem do meio rural.

O urbano concretiza o encontro do passado com o presente, pois, no coração da cidade, as marcas da história denunciam que o passado não é uma terra distante. O maior exemplo disso está na arquitetura que registra a presença dos lusos e açorianos e os avanços da modernidade. Mas o cenário urbano é, também, o espelho da desigualdade econômica entre as pessoas. As disparidades de infra-estrutura nos espaços urbanos mostram as prioridades de investimentos e o grau de pobreza de parte da população. Falta-nos uma atitude ecológica global, feita na compreensão de outro comportamento perante a vida em comum, incluindo a procura de soluções para tratamento do lixo, preservação dos rios e lagoas, condições de higiene, saúde, pavimentação e saneamento nos bairros pobres.

Voltando no tempo, pode-se dizer que Santo Antônio da Patrulha – terra dos caminhos – sempre foi um ponto de passagem. Em tempos idos, caminho das tropas de gado; nas décadas de 1960 e 1970, parada obrigatória para degustar o sonho e, hoje, com a rodovia RS 474, novamente uma passagem e o desejo de voltar a provar o sonho, a cachaça e a rapadura.

Como ponto de passagem para a Capital ou para o Litoral, acabou desenvolvendo um comércio à beira da estrada que originou a *Cidade Baixa*, em oposição à *Cidade Alta*, a parte antiga que guarda lembranças açorianas. Assim, Santo Antônio passou a ter dois centros, duas rodoviárias, duas cidades, duas histórias, um só romance. Segundo consta na documentação da história escrita sobre esse município, parece que um romance, seguido de casamento, marcou uma doação de terras em 1743 a Inácio José de Mendonça e Silva, no local onde hoje está o centro histórico da cidade. Em 1760, ele manda construir a capela em homenagem a Santo Antônio, em agradecimento ao *final feliz* do romance, impulsionando, a partir daí, a ocupação da, mais tarde, Vila de Santo Antônio.

O município construiu sua trajetória abraçando distritos serranos e litorâneos, pois como quarto município do Rio Grande do Sul a ser criado, já contou com uma extensão de terras de Vacaria a Torres. De 34.184 km² iniciais chega, ao final do século XIX, com uma área de 1.833 km² e hoje conta com 975,50 km².

Crescendo como ponto de passagem dos tropeiros, o município tem seu desenvolvimento pautado na pecuária extensiva e, mais tarde, na agricultura canavieira e seus derivados. Acompanhando uma tendência do estado, ingressa no século XX com a lavoura do arroz que propicia o surgimento da indústria metalmeccânica, até hoje setor de ponta no município com expressão nacional. Indústria de calçados, comércio, turismo em fase muito inicial, agroindústrias e piscicultura em lenta expansão completam o quadro de um município que tem um reduzido mercado de trabalho.

Somando-se à inexistência de Cursos Superiores e apenas um curso profissionalizante – Normal em Nível Médio – temos uma situação de afastamento dos jovens. Zona urbana e zona rural enfrentam, hoje, a saída da população jovem em direção aos mais variados centros do Brasil. O fluxo migratório do meio rural para a sede do Município e para as áreas

metropolitanas da grande Porto Alegre foi maior entre 1970 e 1990⁷. Por outro lado, a distância de Porto Alegre – 84 km – apresenta-se como um fator de atração para muitos jovens que, em condições financeiras favoráveis, continuam morando no município e estudam na capital.

Os jovens assalariados buscam na modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA), dos cursos do Ensino Fundamental e Médio noturno⁸, a possibilidade de completar sua escolarização. Têm aumentado, nos últimos anos, as solicitações à Coordenadoria Regional de Educação (CRE) e à Secretaria Municipal de Educação para ampliação dos cursos noturnos. Há, também, uma procura muito grande de curso superior. Muitos são os ônibus que, diariamente, deslocam-se a Osório, Canoas, Gravataí, Taquara e São Leopoldo, levando jovens para diferentes cursos, na maioria da área educacional. Essa demanda está relacionada, em parte, às políticas públicas de incentivo à formação de professores.

Em Santo Antônio da Patrulha, os jovens estão ausentes nas ações do poder público. Investigando os programas e realizações da administração, encontram-se projetos destinados à infância (cadastro único, contemplando 1.243 estudantes no programa Bolsa Escola, sendo um dos primeiros municípios brasileiros a completar todo o programa; atendimento a 143 crianças de baixa renda no projeto *Pé Quente*; manutenção da Casa da Criança, Natal da Criança), atendimento ao idoso (projeto *Viver Melhor*, atendendo 54 idosos; Projeto *Conviver* para 150 idosos; Convênio de repasse de verbas para os Asilos Luzia Catarina e Oscar Vargas; programação cultural para a *Melhor Idade* e revisão dos benefícios de Prestação Continuada aos aposentados do Município), atenção à família (acompanhamento de 44 famílias no programa *Família Cidadã*, em parceria com o Governo do Estado; incentivo aos Clubes de mães com exposições, cursos e atividades recreativas; realização do *Domingo da Solidariedade* com shows, cortes de cabelo, conscientização sobre o meio ambiente e emissão de documentos).

⁷ Com uma população de 37.035 habitantes, segundo o censo de 2000, 41,1% estão na zona rural e 58,9% na zona urbana; 18.633 homens e 18.402 mulheres.

⁸ O município conta, hoje, com cinco cursos de EJA em escolas estaduais, sete escolas municipais com Ensino Fundamental noturno, quatro escolas com Ensino Médio noturno, sendo uma particular e um Núcleo Estadual de Educação de Jovens e Adultos e Cultura Popular. Atendendo as mudanças introduzidas pela LDB 9394/96, esse núcleo foi criado em 2002, a partir da transformação do NOES (Núcleo de Orientação e Ensino Supletivo) em um Núcleo que oferece ensino fundamental e médio voltado às demandas de jovens e adultos trabalhadores. A Proposta Pedagógica e Regimento do Núcleo seguem as orientações dos Pareceres emitidos pelo CNE e CEE, garantindo, aos estudantes, certificação em tempo próprio.

O atendimento aos jovens fica diluído em outros programas, entre os quais: Saúde Mental, Prevenção ao HIV, Balcão do Sebrae, combate à dengue (realizado por jovens) qualificação profissional (desde 1996, o Município participa do *Qualificar*⁹, oferecendo cursos para um público prioritário de 16 a 24 anos. Iniciou o programa oferecendo vinte cursos por ano e, nos últimos anos, ofereceu apenas sete cursos).

Duas empresas aderiram ao programa *Primeiro Emprego*¹⁰, contratando dois jovens em 2001 e, onze em 2002. O município nunca atingiu a meta de 160 empregos definida pelo programa. Segundo informações da Secretaria Municipal de Agricultura e Fomento Econômico, os repasses de verbas do Governo estadual atrasavam e os encargos trabalhistas levavam as empresas a optarem pelos estágios do CIEE.

O Centro de Integração Empresa-Escola (CIEE) existe há dez anos no município, oferecendo estágios remunerados para estudantes de Ensino Médio e Superior. Nunca atingiu a meta de 150 bolsas anuais, previstas pela regional de Porto Alegre, mantendo uma média de 130 estagiários por mês. A Prefeitura mantém convênio para receber 53 estudantes, envolvendo a própria Prefeitura, Escolas Municipais, Hospital Municipal e a Fundação Museu Caldas Júnior. Em contato com representantes da instituição CIEE, em Santo Antônio da Patrulha, fui informada da inexistência de estudos ou relatórios avaliativos que apontassem desdobramentos e repercussões na vida profissional dos jovens participantes dos estágios remunerados.

⁹ Segundo informações da Fundação Gaúcha do Trabalho e Ação Social (FGTAS), o Planfor/Qualificar-RS, financiado com recursos do FAT (Fundo de Amparo ao Trabalhador) e do Governo do Estado, é um programa de educação profissional que busca desenvolver no trabalhador habilidades da rotina ocupacional, do processo e organização do trabalho. O objetivo do programa é contribuir no combate ao desemprego e à exclusão social, permitindo aos trabalhadores melhores condições de inserção e permanência no mercado de trabalho. As ações são destinadas, preferencialmente, aos trabalhadores desocupados ou em risco de desocupação, com maior vulnerabilidade social e econômica, empreendedores, autônomos, associados, cooperados e autogeridos. Entre estes é dispensada especial atenção aos mais pobres, com menor escolaridade, mulheres chefes de família, jovens, pessoas de etnia afro-brasileira, indígenas e portadoras de necessidades especiais.

¹⁰ O Governo do Estado criou um programa que garante o ingresso de jovens de 16 a 24 anos – estudantes em qualquer nível de ensino – no mercado de trabalho. Para cada vaga criada, a empresa recebe incentivo financeiro do Estado, baseado no piso da categoria limitado a dois salários mínimos vigentes. O programa prevê emprego formal com carteira assinada, além de direitos sociais aos jovens, que devem ter, no máximo, seis meses de CTPS assinada. Para os casos especiais (pessoas portadoras de deficiência e de altas habilidades, jovens em situação de risco social), não são exigidos os critérios de idade, escolaridade e experiência profissional. As empresas que contratarem dentro dos casos especiais têm direito a receber o repasse dos incentivos durante período de até 12 meses.

Obviamente que estes programas não se constituem em ações destinadas ao atendimento das demandas juvenis. Primeiro, porque não se tem, em nível municipal, nenhuma política para os jovens, e o poder público limita-se a implantar projetos estaduais e federais; segundo, sabe-se quais são as demandas dos jovens patrushenses?

Na área cultural, encontram-se algumas atividades voltadas ao público jovem: Festival Estudantil de Teatro, seminários e oficinas de teatro, apresentação de espetáculos estaduais, 1º Festival Municipal de Bandas, projeto *Música na Praça* nos bairros Cohab, Madre Tereza, Pitangueiras, Cidade Alta, Várzea e no interior do município (Monjolo, Catanduva Grande e Lagoa dos Barros). Projeto *Quartas na Fonte* valorizando músicos locais, projeto *Primeira Audição* no Museu Caldas Júnior e o Festival Estudantil de dança. Em maio de 2003, houve o I Fórum da Cidade para discussão e construção de um plano de desenvolvimento para Santo Antônio da Patrulha. Uma das temáticas, depois de muita argumentação, foi juventude.

A população de 10 a 29 anos¹¹ constitui-se num terço da população de Santo Antônio da Patrulha, segundo o censo do IBGE de 2000. Considerando a contagem populacional do IBGE de 1996, havia 10.519 habitantes de 10 a 29 anos, num total de 34.567 habitantes. Percebe-se um crescimento desta faixa etária e, no entanto, uma total ausência de discussão, estudo e projetos pensados para os jovens, muito menos, com a participação dos jovens. Segue uma tendência nacional de políticas públicas ausentes ou focadas numa dimensão específica da juventude.

Em relação ao lazer, esporte e cultura, o município apresenta quadra de futebol de salão, campos de futebol, ginásio de esportes, academias, pista de *skate*, teatro, bares noturnos que funcionam aos finais de semana como tradicional ponto de encontro dos jovens, salões de bailes no interior da cidade, festas religiosas, grupos de capoeira, uma academia de dança, times de futebol, grupos de teatro, balneário da Lagoa dos Barros com programação semanal, dois Centros de Tradição Gaúcha (CTGs), conjuntos profissionais de música, bandas de garagem e grupos de jovens de diferentes religiões. Sobre o lazer na cidade, os dados do questionário¹² aplicado nos jovens integrantes de bandas de música e grupos religiosos de

¹¹ Segundo censo do IBGE de 2000, dos 37.035 habitantes temos: 10 a 19 anos 6.546 habitantes e de 20 a 29 anos 5.502 habitantes, totalizando 12.048 habitantes.

¹² No capítulo dos procedimentos metodológicos estão expostas as razões e forma da aplicação deste questionário.

SAP apontam que 45,7% dos entrevistados gostariam que tivesse um *Shopping Center* na cidade; em segundo lugar (33,3%), um cinema, e, em terceiro (13,7%), uma livraria. As modalidades mais intensas de lazer, isto é, aquelas praticadas pelos jovens no seu tempo livre, concentram-se nas seguintes alternativas: outras atividades (16,9%); assiste à TV (15,8%); lê (15,7%); pratica esportes (15,1%); freqüenta os bares da cidade (11,5%); estuda (7,8%)...

Alguns eventos realizados no Município vêm alcançando destaque em nível estadual, entre eles a MOENDA¹³ da Canção, que conquistou maturidade e respeito do público e artistas, cuja participação dos jovens, na organização, é destaque. A MOENDA está em sua 17ª edição e tem oferecido à cidade shows de grandes artistas como Gilberto Gil, Alceu Valença, Ivan Lins, Almir Sater, Martinho da Vila, Jorge Ben Jor, oportunidades raras numa cidade do interior. Tem, também, impulsionado muitos jovens para a música. Entre as revelações, está o grupo *André Salazar e banda*, com destaque para um jovem patruhense, que participou do CD da 15ª MOENDA, com a música *Voz de Anjo*. Bandas patruhenses como: *Israel e os Palestinos*, *3x4*, *Registro Provisório*, *eRamos3*, *Escaravelho Mutante*, *Clandestinos*, *Outros Planos* deixam evidente a influência da MOENDA, pois trazem, em seus repertórios, músicas do festival ou surgiram impulsionadas pelo festival. A MOENDA tem incentivado os jovens músicos, oferecendo o palco de rua Eliseu de Venuto para *shows* das bandas locais e apresentou a banda *Israel e os Palestinos* como grande atração do festival, em um *show* em conjunto com a banda pelotense *Doidivas*.

Em 2001, os organizadores da MOENDA – Associação de Cultura e Arte Nativa- ampliaram as oportunidades de participação dos músicos, compositores e intérpretes patruhenses e da região litorânea. Criaram a fase regional – *Moendinha*, cuja participação está vinculada à comprovação de naturalidade e/ou residência em um dos vinte e três municípios que integram a região do Litoral Norte do Rio Grande do Sul, bem como nos

¹³ A MOENDA da canção é um festival que se caracteriza pelo equilíbrio entre a música regionalista tradicional e a música popular urbana, abrindo espaço, também, para o “nativismo” do Litoral Norte do Rio Grande do Sul. É considerada um dos três maiores festivais do Estado e um dos mais conhecidos do país. As composições devem ser inéditas e, segundo Monteiro (2002), são recebidas de 500 a 700 músicas por edição, sendo que 70% são do estado e 30% de diferentes estados do Brasil. O festival é organizado pela MOENDA – Associação de Arte e Cultura Nativa que, além do festival, desenvolve outras atividades culturais, entre as quais, oficinas e apresentações de teatro, edição de livros, discos, CD, revistas e é responsável pelo inventário arquitetônico e paisagístico da área urbana e rural do município de Santo Antônio da Patrulha. As pessoas que fazem parte da associação e a equipe de trabalho que organiza o festival não recebem remuneração, desenvolvendo um trabalho voluntário. Outro aspecto a salientar é que os artistas, músicos e produtores são hospedados nas casas dos moradores da cidade, pois o município não tem infra-estrutura para recebê-los, o que não inibiu a realização dos dezessete festivais.

demais municípios limítrofes de Santo Antônio da Patrulha. A fase regional classifica duas composições para concorrer, em igualdade de condições, com as dezoito classificadas para o festival, que resulta em um CD.

Outras promoções que tiveram interrupção em suas realizações como o *Fórum Estudantil Litorâneo*, realizado em 1992, 1993, 1994 e 1995, e o *Circuito de Rock Loucos de Cara* (1996), eram destinados ao público jovem. Mesmo assim, a ausência de atividades e estruturas de lazer destinadas aos jovens é muito grande.

Uma das fontes de diversão de Santo Antônio da Patrulha é o futebol que, como prática cotidiana, marca elos de ligação entre a população, assim como serve de elemento de disputa entre as diversas comunidades do interior. Equipes como o *Jaú* e o *América* disputam campeonatos regionais. Na prática esportiva patrulhense, destacam-se também grupos de capoeira, karatê, vôlei e atletismo. Jipeiros patrulhenses realizam o *Raid dos Sonhos*, já inserido no calendário de eventos estadual, e os esportes náuticos, com disponibilidade da Lagoa dos Barros, que estão em fase inicial.

Importante falar também da *sociabilidade tecida nas ruas* do cenário urbano, pois determinados lugares, conforme o horário, são tomados pelos jovens ou adultos. A avenida Borges de Medeiros – centro histórico – com um amplo canteiro central, recebe, à tardinha, adultos e idosos para o convívio regado a chimarrão. Nos finais de semana, à noite, os jovens ocupam a avenida com seus carros, sons e surdinas, numa concorrência entre quem tem o equipamento melhor e faz o som mais alto. A polícia vem, eles baixam o som e, depois, aumentam-no novamente. Os bares *Porão*, *Sótano* e *Baiúca* disputam a atenção com shows de bandas locais e regionais. Mas, uma parte dos jovens preferem os bancos do amplo canteiro da avenida Borges de Medeiros, ou o namoro nos carros, para os que os têm. Para muitos, as festas no bar *Porão* são onerosas financeiramente, e o convívio fora é tão interessante quanto dentro. No questionário aplicado, os bares aparecem como o lugar da cidade de maior interesse dos jovens entrevistados (36,6% preferem os bares; 19% a Igreja; 14,7% a frente da cooperativa...).

No domingo à tardinha, é a vez da velha cooperativa¹⁴ receber os jovens que estacionam seus carros, sempre com a frente para a RS 30, muita música, bebida e conversas. Durante a semana, o ponto de encontro é a avenida Porto Emerim. Com pavimentação ampla, recebe, nos finais de tarde, os skatistas e os adeptos das caminhadas que disputam espaços com os carros. Tem sido também um local para shows de ruas, principalmente em épocas de campanha política.

Em relação às praças da cidade, as pessoas vão se apropriando e conferindo diferentes significados. A praça Nossa Senhora da Boa Viagem é destinada ao namoro, ao chamarão à tardinha e à apresentação do grupo de capoeira; a praça Júlio de Castilhos transformou-se num espaço para o futebol, mesmo que não tenha sido pensada para tal; a praça Arquipélago dos Açores é ponto de encontros dos estudantes, do namoro e da capoeira; a praça Major Antônio Pompílio da Fonseca é das crianças e, por fim, a praça João Marques de Moraes, antiga praça da Bandeira, é de *ninguém*, pois é um espaço onde ninguém circula. O medo da rua, existente nas grandes cidades, parece não ter contagiado os relacionamentos em Santo Antônio da Patrulha.

Os jovens que moram na periferia da cidade circulam por todos estes espaços, mas preferem os campos de futebol, a bocha, as festas religiosas do interior e, principalmente, os tradicionais bailões¹⁵. O bailão é o local do encontro com os amigos/as, o local do namoro, do *acerto de contas*, das pegas de carro. Com um tipo de música característico, denominadas pelos frequentadores de *música de bailão* (*Atuais, JM, Terceira Dimensão...*), uma *clientela* assídua e uma forma de deslocamento peculiar, o bailão é quase a única opção de lazer de muitos jovens trabalhadores, estudantes das escolas públicas ou sem ocupação formal e uma grande fonte de renda para os donos dos bailões. O deslocamento destes jovens até os bailões ocorre em ônibus fretados pelos donos dos salões de bailes. Entre os jovens que responderam o questionário, os bailões não se contituem numa prática de lazer interessante. Na pergunta: qual o lugar da cidade em que você não se sente à vontade, 32,6% dos entrevistados dizem ser

¹⁴ Um prédio que foi a sede da Cooperativa Rizícola Santo Antônio Ltda, fundada em 1951 e pioneira da região do Litoral Norte do Estado. Nesse período, a economia patrulhense vivia o apogeu da orizicultura. Hoje, resta o velho prédio fechado, cuja frente foi apropriada pelos jovens como lugar de encontro.

¹⁵ Os bailões acontecem aos sábados à noite em salões comunitários ou particulares, animados por conjuntos musicais locais ou regionais.

os bailões e na pergunta qual o lugar da cidade onde você nunca iria, novamente os bailões ficam na liderança, com 28,9%.

No verão, a opção é o balneário da Lagoa dos Barros, cujo deslocamento, nos finais de semana, é facilitado pelos ônibus extra da empresa concessionário da linha.

Não fugindo à regra, também aqui há definições estereotipadas para os jovens. *Magal, playboys, riquinhos*, filhos de papai, os que consomem drogas, e os que não o fazem são chamados de *caretinhas, as patricinhas, o pessoal do beco, da cohab, os do interior*. Assim, mesmo circulando livremente, as demarcações existem e inibem a convivência.

A tranqüilidade e a localização da cidade convidam a fixar moradia próxima do Litoral, da Serra e da Capital. Por outro lado, as reduzidas oportunidades de trabalho e estudo acabam levando muitos jovens e adultos a procurar oportunidades fora da cidade.

É importante lembrar que este município tem um grande potencial, considerando: a proximidade (84km) com um grande mercado consumidor – Porto Alegre; as facilidades de transportes, já que o município é servido por uma rodovia federal (BR-290), e por duas rodovias estaduais (RS-30 e RS-474) que ligam SAP ao centro do país e ao MERCOSUL, bem como à região da Serra; o fluxo de turismo que, no verão, transforma SAP num corredor rumo ao Litoral; faz parte da Região Metropolitana e não apresenta uma grande concentração populacional com problemas de poluição sonora, das águas, congestionamento e violências que afetam a qualidade de vida; uma grande parte do território Municipal compõe uma área de proteção ambiental que demanda cuidados no desenvolvimento das atividades econômicas; possui áreas de solo com climas que possibilitam o cultivo de uma grande variedade de produtos agrícolas e frutíferos e a criação de uma diversidade de animais; a indústria metal mecânica, com clientes em Estados brasileiros e MERCOSUL. Porém, para cada potencialidade, existem diferentes olhares que problematizam o difícil desenvolvimento deste município. Mas, ainda assim, uma terra que é um sonho entre o porto e o mar.

2 JUVENTUDE E CONTEMPORANEIDADE

Nosso tempo é uma sociedade planetária cheia de possibilidades e riscos, onde as ferramentas da velocidade não são mais as pernas. Diversidade, mudança e fragmentação fazem da vida uma constante reflexão. Os sinais emitidos pela tradição estão agora em branco. Fazer escolhas, assumir o risco da decisão e responsabilizar-se pelas escolhas feitas são questões fundamentais que se colocam hoje para todos nós.

A juventude – uma categoria *inventada* pelos adultos – mantém-se, mas os seus gostos, atitudes, sonhos e sentidos tornam-se cada vez mais difíceis de somatizar. A experiência social contemporânea marca as identidades juvenis com um profundo desejo de viver em grupo, fazer-se na relação com o outro. O *eu* é relacional e móvel para responder a uma contemporaneidade que exige flexibilidade (MELUCCI, 1992)¹⁶.

Se a sociedade contemporânea gera demandas amplas e complexas, não oferece os meios para a inserção dos jovens, que fazem, das práticas culturais, formas de expressão, convivência e, por que não, bandeiras de lutas.

As redes interativas dos jovens diversificam-se cada vez mais, com grande dispersão das identidades e projetos. Assim, muito se tem para indagar sobre os jovens e os estudos têm mostrado grandes lacunas no entendimento da condição juvenil na sociedade contemporânea.

¹⁶ MELUCCI, Alberto. *Il gioco dell'io; il cambiamento di sé in una società global*. Milano: Feltrinelli, 1992. “Tradução livre” realizada pela equipe do Seminário Avançado EDP 153: A obra de Alberto Melucci e suas contribuições para a educação. PPG/EDU/UFRGS, 2002.

2.1 JUVENTUDES

A juventude tem-se constituído objeto de inúmeros estudos sob diferentes perspectivas. Abordagens sociológicas, psicológicas, pedagógicas, antropológicas entre outras, analisam mudanças físicas, psicológicas e comportamentais que ocorrem neste momento da vida. Muitos estudos sociológicos voltam-se para problemas comuns da juventude como abuso de álcool e drogas, delinquência, gravidez, vida escolar, entre outros. Ou seja, circulam no cotidiano idéias que associam a juventude à noção de crise, irresponsabilidade e problema social que carece de políticas públicas. No entanto, abordar a juventude, na normalidade do seu cotidiano, é tarefa importante, caso se queira empreender uma reflexão sobre a sociedade atual.

Outro aspecto a considerar é a idéia de ter uma idade ou pertencer a uma idade. Lloret (1998) diz que os anos nos têm e nos fazem crianças, jovens, adultos ou velhos e pertencer a um grupo de idade significa ter que se adequar a um conjunto de coisas que podemos ou não fazer. E a vida passa a ser graduada a partir da idade: idade escolar, idade do trabalho, idade militar, idade da rebeldia... Evidentemente que a idade adulta é proposta como a meta a ser alcançada, como diz Lloret (1998, p. 18):

A postura ereta e a maior estatura do homem adulto configuram a imagem do modelo a alcançar em uma etapa ou ápice de máxima potência; precede-a outra que indica um presente reduzido, porém, numa direção de crescimento; segue-lhe a figura declinante do velho que parece anunciar o ocaso.

A idade não é, então, somente um conjunto de anos que se vai agregando num processo linear, mas determina expectativas e comportamentos, podendo tornar o tempo um inimigo. Por outro lado, diz Lloret (1998, p. 20) que, no devir das experiências e respostas existenciais, uma idade não elimina a outra, mas a contém. Em vez de se pensar na juventude como um momento de preparação para algo que está por vir, alimentando preconceitos e hierarquizações, acreditar que “o menino e a menina, o jovem e a jovem estão na pessoa adulta ou velha e, inclusive, os meninos e as meninas podem responder como adultos em determinadas situações”.

Mas de quem se fala quando se usa o termo juventude?

O termo aparece ao longo da história, mas seu conteúdo ganhou sentidos diferentes. Como salienta Levi e Schmitt (1996, p. 17):

De um contexto a outro, de uma época a outra, os jovens desenvolvem outras funções e logram seu estatuto definidor de fontes diferentes: da cidade ou do campo, do castelo feudal ou da fábrica do século XIX... Tampouco se pode imaginar que a condição juvenil permaneça a mesma em sociedades caracterizadas por modelos demográficos totalmente diferentes.

As Nações Unidas entendem os jovens como indivíduos com idade entre 15 a 24 anos. Mas o critério da idade não é suficiente para discutir uma categoria que assumiu contornos tão diferentes. Tampouco pode-se percebê-la como grupo social homogêneo, pois se agrupam sujeitos que só têm em comum a idade. É preciso distinguir a fase da vida e os sujeitos, ou seja, não se pode misturar juventude e os jovens; o primeiro é a fase, e o segundo são os sujeitos que vivem uma diversidade. Qualquer reflexão supõe pensar a tensão entre a inserção na estrutura social e a fase da vida.

Sposito (1997), reconhecendo que a própria definição da categoria juventude encerra um problema sociológico passível de investigação, aponta que o modo como se dá a passagem – heteronomia da criança para a autonomia do adulto – a duração e características têm variado nos processos e formas de abordagem dos trabalhos que tradicionalmente se dedicam ao tema. Também, porque a estruturação das idades difere enormemente de uma sociedade a outra. Ariès (1981) fala que, no período pré-industrial, não existia a adolescência como é entendida hoje, e a infância não estava separada do mundo adulto. Aos sete/oitos anos de idade, mandavam-se os filhos para a casa de outros como aprendiz. O sistema escolar não era de grande abrangência e não se tinha uma homogeneização institucional das classes de idade. Então, a categoria jovem poderia abranger indivíduos dos 6 aos 40 anos de idade.

Para Ariès (1981), são os humanistas e religiosos que proliferam, a partir do século XV, teorias e práticas que distinguem a infância da juventude e da vida adulta. Concomitante a isso, o crescimento do ensino que separa as crianças e jovens dos adultos. *Emílio*, de Rousseau, é a obra que vai produzir, em nível teórico, a concepção moderna de infância e adolescência – matriz do que será depois juventude. A adolescência será definida por Rousseau como um *segundo nascimento*. Uma época, segundo ele, especialmente turbulenta,

que deve ser constantemente vigiada. Esta concepção consolida-se no século XIX e, junto a ela, um interesse novo pela juventude, tempo também de turbulência, caracterizada por um excesso de paixão irracional que deveria ser vigiado e enclausurado.

Perceber a juventude como um momento da vida que marcaria a saída da infância até o ingresso no mundo adulto, vivido de forma homogênea, é ignorar as condições histórico-culturais dos integrantes desta categoria. Como anuncia Levi e Schmitt (1996, p. 19):

Essa “época da vida” não pode ser definida com clareza por quantificações demográficas, nem por definições de tipo jurídica, e é por isso que nos parece substancialmente inútil tentar identificar e estabelecer, como fizeram outros, limites muito nítidos.

Pais (1993) diz que a juventude é uma categoria socialmente construída. Portanto, sujeita a modificar-se ao longo do tempo. Segundo ele, a segmentarização do curso da vida em sucessivas fases é produto de um complexo processo de construção social. No dia-a-dia, os indivíduos tomam consciência de determinadas características e, se estas afetam um universo considerável de indivíduos pertencentes a uma geração, elas são culturalmente incorporadas. Se essas características de um período da vida se apresentam como expressão de problemas, então atraem a atenção dos poderes públicos, tornando-se objeto de medidas legislativas ou não. Como exemplo, há os programas de formação profissional, prolongamento da escolaridade, a criação do Estatuto da Criança e do Adolescente e muitas outras.

A idade, como critério para agrupar as pessoas, traz implícito o caráter da transitoriedade. Neste caso, a juventude representaria uma transição, e ser jovem seria estar numa condição provisória. Como diz Melucci (1997), este modo de ver a juventude como mera transição decorre de uma compreensão da vida adulta como estável em oposição à instabilidade juvenil, fato que não se sustenta hoje, pois a sociedade contemporânea é marcada pela incerteza, mobilidade, transitoriedade e abertura para a mudança. Os atributos tradicionais da juventude parecem ter se deslocado para além dos limites biológicos. Tematizando essa questão, Melucci (2001, p. 138) escreve:

La juventud no es una condición enteramente biológica, sino que también es cultural. Los individuos no son jóvenes porque (o solo porque) tengan una cierta edad, sino porque siguen unos ciertos estilos de consumo o ciertos códigos de comportamiento y vestimenta. Ahora, la adolescencia se prolonga mucho más allá de sus fronteras biológicas, y las obligaciones para con la vida adulta se posponen hasta después de los veinticinco e incluso de los treinta años.

As razões apontadas pelo autor demonstram a dificuldade de responder questões relacionadas à identidade, pois as referências da sociedade tradicional, os momentos de trânsito – *os ritos de passagem* – não se configuram mais como possibilidade para qualquer definição de juventude. Num contexto cultural marcado por diferentes pertencimentos, interações planetárias, explosão de oportunidades para a experiência individual, as fronteiras entre juventude e maturidade, segundo Melucci, (2001), evaporaram-se.

Autores que trabalham com a temática da juventude, entre eles, José Machado Pais, Melucci, Peralva, Abramo, Dayrell, Carrano, Sposito, entre outros, trazem um novo significado para os estudos sobre a juventude, colocando o jovem como protagonista de um tempo de possibilidades. De promessa de futuro ao modelo cultural do presente.

Rompendo com a idéia de grupo homogêneo com características comuns a uma idade, é que esses autores falam em juventudes, buscando construir uma noção de juventude na ótica da diversidade, pois o lugar e o trabalho não definem mais a identidade dos indivíduos. Muitos são os modos de ser jovem. Pais (1993) propõe o exercício de olhar a juventude em torno de dois eixos semânticos: como aparente unidade e como diversidade. Nessa direção, as reflexões de Liana, no grupo de jovens, são interessantes. Ela diz:

Isso de dizer que os jovens não são comprometidos, que não sei o que, até hoje eu estava conversando com o Vinícius do interior, porque ele quer formar uma grupo de jovens lá, e ele disse: mas a gurizada não se interessa. E eu disse: isso não é a juventude. É no geral. Aqui a gente não consegue pessoas para dar catequese, não consegue gente para trabalhar nos cursos de batizado, não é só o jovem é o adulto também. E existem várias formas de organização da juventude, sim aqui. Eu também já trabalhei uma vez que eu fiz um curso. E eu fui fazer um levantamento de quanta coisa tinha de juventude e o pessoal em Porto Alegre ficou muito impressionado porque eu falei dos jovens moendeiros, do Leo, Rotary, CTG, capoeira, futebol, bandas de músicas, os grupos de jovens. Tem muita coisa. Talvez falte uma coisa que una todos e talvez os grupos não tenham muita durabilidade. O que não pode ser feito é dizer que a juventude é assim... assado, porque a juventude é muito diferente. Acho que os jovens são muito diferentes, não pode colocar

*tudo no mesmo saco assim e dizer que é tudo a mesma coisa. Eu disse que os meus colegas eram consumistas, mas era um determinado grupo, aí tem outro determinado grupo que é de outro jeito.*¹⁷

2.2 ESTUDOS SOBRE A JUVENTUDE

Na sociedade contemporânea, a juventude emerge como um tempo de ousadias, vigor, liberdade e riscos. Em outro extremo, temos a retórica do medo, da violência, da juventude como problema social. Assim, parece existir um processo de *juvenilização* da sociedade que, paradoxalmente, caminha junto com uma visão negativa da juventude e a falta de políticas¹⁸ focadas nos jovens. Quando existem, parecem associadas à ameaça, à problema a ser resolvido pelo poder público.

Abramo (1997) salienta que os programas apresentam ações no sentido de reintegração dos jovens à ordem social com estratégias de ressocialização, capacitação profissional ou uso do tempo livre. Cria-se uma idéia de juventude como problema, como um tempo que se precisa passar rápido e prevenir.

Na academia, a produção sobre juventude é pequena, considerando as conclusões de Sposito (2002), ao analisar a produção de conhecimento sobre juventude dos programas de Pós-Graduação em Educação, no período de 1980 a 1998. Do total de teses e dissertações produzidas neste período, apenas 4,4% tematiza a juventude, sendo o período de 1995-1998 o que reúne mais trabalhos, 47%. A PUC/SP e a UFRGS são as instituições que somatizam o maior número de trabalhos. Respectivamente 12,9% e 9,6%. Quanto à distribuição da produção em juventude, por temas, há:

¹⁷ Utilizarei esta forma para apresentar as falas dos jovens pesquisados: fonte 11 em itálico.

¹⁸ Na palestra proferida na UFRGS em 13/03/2003, Sposito comentou o estudo feito sobre os programas para jovens, do governo Fernando Henrique, que constituiu-se num conjunto de ações fragmentadas com ênfase nos problemas da droga, da gravidez, da saúde...e não aparecia o sujeito jovem. As políticas tratavam da juventude pela ótica dos problemas esquecendo dos sujeitos. Isso tem contribuído para a identificação da juventude pobre e não branca como perigosa. Hoje os desafios seriam: o diálogo entre os programas explicitando a concepção mais forte de juventude; a busca de um lugar institucional para articular os programas fragmentadas, pois a origem da política traz implícita uma concepção de juventude; o desenho de um perfil mais nítido se estes organismos são capazes de articular ações.

Tabela 1: Distribuição da produção em juventude por temas

Temas	Dissertações	Teses	Total	Total %
Jovens, Mundo do Trabalho e Escola	73	7	80	20,67
Aspectos Psicossociais de Adolescentes e Jovens	67	9	76	19,63
Adolescente em Processo de Exclusão Social	57	7	64	16,53
Jovens Universitários	40	14	54	13,95
Juventude e Escola	45	5	50	12,91
Jovens e Participação Política	15	8	23	5,94
Mídia e juventude	11	2	13	3,35
Jovens e Violência	8	3	11	2,84
Grupos Juvenis	9	0	9	2,84
Jovens e Adolescentes Negros	4	0	4	1,03
Outros*	3	0	3	0,77
Total	332	55	387	100

Fonte: SPOSITO, 2002, p. 16-17.

* O tema outros inclui uma dissertação sobre educação ambiental e dois trabalhos sobre práticas esportivas

Tabela 2. Distribuição da produção sobre juventude, por subperíodo

TEMAS	SUBPERÍODOS				
	% 1980/1984	% 1985/1989	% 1990/1994	% 1995/1998	% Total
Jovem, Mundo do Trabalho e Escola	21,4	19,3	36,9	14,3	20,6
Aspectos Psicossociais de Adolescentes e Jovens	35,7	21,9	11,9	17,0	19,6
Adolescentes em Processo de Exclusão Social	10,7	8,2	9,2	24,8	16,5
Jovens Universitários	16,1	17,8	15,8	11,0	13,9
Juventude e Escola	12,5	16,4	13,1	11,6	12,9
Jovens e Participação Política	0,0	6,8	5,3	7,7	5,9
Mídia e Juventude	1,8	4,1	2,6	3,8	3,3
Jovens e Violência	1,8	1,4	3,9	3,3	2,8
Grupos Juvenis	0,0	1,4	1,3	3,8	2,3
Jovens e Adolescentes Negros	0,0	0,0	0,0	2,2	1,0
Outros	0,0	2,7	0,0	0,5	0,7
Total	100	100	100	100	100

Fonte: SPOSITO, 2002, p. 18.

Observa-se que o tema grupos juvenis, ligado ao objeto de estudo desta dissertação, configura-se como de interesse recente. Sposito (2002) aponta que o conjunto da produção discente sobre o jovem é influenciada pela centralidade da escola, ouvindo o jovem na sua

condição de aluno. Assim, apesar do volume de teses e dissertações sobre juventude, há um desconhecimento sobre a condição juvenil na sociedade brasileira marcada por uma realidade plural.

Muitas áreas do conhecimento têm-se dedicado ao estudo da juventude, provocando uma diversidade de idéias e conceitos.¹⁹ Não cabe aqui elencar a produção temática sobre juventude, mas destacar autores que discutem a juventude pela ótica historicocultural, acreditando que os jovens são protagonistas da história.

Segundo Abramo(1997, p.29), a juventude foi vista pela sociologia funcionalista como passagem, transição, momento em que a pessoa se prepara para ingressar no mundo adulto. Dentro dessa idéia, as *falhas* nesta passagem é que se tornam objeto de estudo. “A juventude só está presente para o pensamento e para a ação social como ‘problema’: como objeto de falha, disfunção ou anomalia no processo de integração social”. Pais (1993), pesquisando autores que estudaram a juventude na sociologia, agrupa esses estudos em duas correntes: *geracional* e *classista*. A primeira considera a juventude como um conjunto social derivado de uma fase da vida, sendo a idade olhada como uma variável tão ou mais influente que as variáveis sócioeconômicas. Prevalece, neste caso, a busca de aspectos mais uniformes e homogêneos que caracterizam essa fase da vida; na segunda, a juventude é tomada como um *conjunto social* necessariamente diversificado, onde as diferentes culturas juvenis estão relacionadas às diferentes pertenças de classe. Nessa corrente, o principal atributo da juventude é ser constituída por jovens de diferentes situações sociais. Se, para a corrente *classista*, as culturas juvenis são sempre culturas de classes, daí que elas sejam apresentadas por esta corrente como *culturas de resistência*, isto é, culturas negociadas no quadro de um contexto cultural determinado por relações de classe. Na corrente *geracional*, as culturas juvenis definem-se por relativa oposição à cultura dominante das gerações mais velhas. As

¹⁹ Entretanto, não há um acúmulo de estudos sobre juventude no Brasil que ajude a construir políticas públicas de juventude sem adjetivação, pois, mesmo que as prioridades incidam sobre determinados direitos, as políticas, segundo Sposito, devem ter uma concepção universal. Hoje de trilha das políticas os jovens estão na pauta das políticas públicas. A Sociologia da Juventude representa 4% das teses em Ciências Sociais e 4% das teses em Educação. Foi mais estudada na Antropologia, ou seja, um acúmulo de estudos que precisa ser criado. (SPOSITO, palestra na UFRGS em 13/03/2003).

duas correntes polarizam a compreensão sobre os jovens, pois apresentam a cultura juvenil²⁰ em confronto com a cultura dominante.

Melucci (2001, p.101) rompe com a idéia de classe social e de grupos de idades. Diz que “A condição juvenil é, por excelência, uma fase de passagem e suspensão, se prolonga, se estabiliza, torna-se condição de massa, não mais ligada à idade biológica”. Para ele, a análise da condição juvenil é importante para a descrição da estrutura social contemporânea, mas é preciso separar a análise da condição social da ação coletiva. Por isso é importante compreender a cultura juvenil na contemporaneidade, ampliando o entendimento da ação para além da condição social. Estas mudanças conduzem a sociedade a uma fragmentação em grupos que extrapolam a divisão clássica das classes sociais, tornando-se necessário refinar estes conceitos.

Sem descartar que as classes sociais são estabelecidas por critérios econômicos, cada vez mais é preciso fazer o cruzamento com outras dimensões, com outros critérios. A realidade efervescente dos jovens não pode ser reduzida a uma dimensão unidirecional, seja ela ligada às idades ou às classes sociais. Até porque, essa perspectiva relaciona a juventude a um período de transição e, neste caso, ser jovem é preparar-se para um etapa posterior – a vida adulta.

Dayrell²¹, na sua tese, discute algumas idéias de Melucci (2001, p. 18) sobre juventude, dizendo que:

os fenômenos evolutivos presentes nas mudanças dos ciclos da vida são fatos que dizem respeito a cada momento da existência, fazendo das mudanças ou

²⁰ Pais (1993) interroga, no percurso de seus estudos, a denominação culturas juvenis que traz uma oposição às culturas das gerações adultas (como defende a *corrente geracional*) ou antagonismos de classe (como defende a *corrente classista*). Assim, ele parte de um conceito de cultura compatível com a perspectiva metodológica de acompanhar os jovens através de seus cotidianos. Segundo Pais, “Ao perspectivar as culturas juvenis através do cotidiano dos jovens, penso poder estar em boa posição para tentar decifrar a natureza das continuidades ou discontinuidades intergeracionais. Ou seja, por essa via, penso estar capacitado a responder se essas discontinuidades surgirão como efeito do peso da *cultura juvenil* (tomada no sentido lato); da estrutura de classes que define o meio social de origem dos jovens, ou ambos os casos”. (1993, p. 54) Cultura Juvenil no sentido lato seria “o sistema de valores socialmente atribuídos à juventude (tomada como conjunto referido a uma fase da vida), isto é, valores a que aderirão jovens de diferentes meios e condições sociais”. (1993, p.54). O autor reivindica uma utilização mais dinâmica do conceito de cultura juvenil, apelando para modos de vida específicos e práticas cotidianas que expressam significados e valores não apenas em nível das instituições, mas também da própria vida cotidiana.

²¹ Fez parte de seu doutorado sob orientação de Melucci na Università Degli Studi di Milano.

transformações uma característica estável da vida do indivíduo. O desenvolvimento é visto numa perspectiva de construção contínua, em que a cada fase que se vive não se perde nada daquilo que foi acumulado no percurso....Assim, conclui Melucci, a adolescência não pode ser entendida como um tempo que termina, como a fase da crise ou de trânsito entre a infância e a vida adulta, entendida como a meta única da maturidade. Mas representa o momento do início da juventude....Um momento no qual se vive de forma mais intensa um conjunto de transformações que vão estar presentes de algum modo ao longo do curso da vida.

Neste sentido, a juventude tem suas características específicas, mas não se resume a uma passagem.

Abramo (1997) apresenta considerações importantes sobre a forma como a juventude foi tematizada durante a segunda metade do século XX, no Brasil. Diz que, nos anos 50, efetivaram-se as interpretações que vinham sendo construídas sobre a *fase inerentemente difícil*. Os *rebeldes sem causa* corporificam a predisposição da juventude para a transgressão e delinquência. Nos anos 60, e parte dos 70, os jovens aparecem como ameaçadores da ordem social, e a juventude, como uma categoria portadora da transformação, porém

havia um medo duplo: primeiro, o da reversão do 'sistema'; segundo, o medo de que não conseguindo mudar o 'sistema', os jovens condenassem a si próprios a jamais conseguirem se integrar ao funcionamento normal da sociedade (ABRAMO, 1997, p. 30).

Ainda, segundo Abramo (1997), ao mesmo tempo em que os jovens foram perseguidos, para os setores de esquerda apareciam como esperança de transformação. No entanto, mais como energia utópica, pois alguns setores de esquerda interpretavam as manifestações juvenis como ações pequeno-burguesas inconseqüentes.

Foi somente mais tarde, com o refluxo desse movimento, que essa idéia foi reeleborada, e a juventude dos anos 60 aparece como generosa, criativa, que ousou sonhar e se comprometer com a mudança. Criou-se a juventude ideal.

Neste mesmo artigo, a autora comenta a juventude dos anos 80, que aparece como doente, porque oposta à idealizada dos anos 60, com os atributos de individualista, consumista, indiferente aos assuntos públicos, depositária de um certo medo do *fim da história*.

Nos anos 90, a visibilidade social dos jovens é maior, com figuras juvenis liderando movimentos nas ruas, embora haja uma retomada dos anos 50, cuja atenção se volta para problemas de comportamentos (drogas, violência, criminalidade...). São vistos como vítimas e promotores da cisão social, então depositários de medo e angústias, encarnação dos dilemas da sociedade contemporânea.

Neste contexto, as idéias do sociólogo italiano Alberto Melucci (1997, p.9) são instigadoras de novas concepções sobre a juventude, pois, segundo ele, os jovens “são atores centrais que subvertem a lógica dos códigos dominantes [...] difundem culturas e estilos de vida que penetram no mercado e são institucionalizados”. São intermediários entre o sistema e a vida diária, com mensagens manifestas no que fazem e na maneira como fazem. Existe sempre um outro caminho, *uma outra definição além daquela proclamada pelo poder*. Nas suas palavras: “Eles são um laboratório no qual novos modelos culturais, formas de relacionamento e pontos de vista alternativos são testados e colocados em prática”.

Um trabalho importante a destacar é o levantamento realizado sobre juventude e escola no qual Dayrell²², após analisar quarenta e cinco dissertações e cinco teses, apresenta as seguintes considerações:

a) No conjunto, as pesquisas entendem o jovem a partir de uma de suas facetas, que é sua condição de aluno. Com este *olhar*, Dayrell detecta duas tendências presentes nas pesquisas examinadas no tema juventude e escola. Na primeira, o *aluno* é visto como categoria homogênea, abstrata, sendo apreendido pela dimensão cognitiva. Essa visão predomina nos trabalhos da década de 80. Nesses estudos, ser aluno é uma condição natural, não uma construção histórico-social. A fase da vida, a origem, o gênero, a etnia não são levados em conta, constituindo a vida do aluno, na escola, um tempo vazio de sentido. As análises da vida escolar dos alunos se limitam às dimensões pedagógicas, não considerando a multiplicidade de processos formativos que são vividos nos diversos espaços e tempos escolares. A escola e os elementos que a integram não são entendidos como uma construção social, fruto de escolhas socialmente determinadas.

²² Juarez Dayrell, participando da equipe coordenada por Marília Pontes Sposito que realizou a pesquisa Estado do Conhecimento sobre Juventude, analisou os trabalhos agrupados no item Juventude e Escola.

As pesquisas demonstram um paradoxo: a razão de ser da escola é o aluno, e é exatamente esse ator o menos conhecido. Os estudos muito contribuíram para o entendimento da escola e suas relações com a sociedade, mas pouco desvelaram do jovem real que frequenta a escola.

A segunda tendência das dissertações e teses examinadas considera o *aluno* como um sujeito de ações no interior da escola. Nestes estudos, a categoria aluno aparece de forma mais densa, visto como indivíduo que nasce em condições sociais determinadas. Compreende a escola como uma construção social, fruto de uma ação recíproca entre sujeitos e a instituição. Alguns destes estudos avançam ao apontar a existência de uma cultura juvenil, expressa nas visões de mundo, nas escolhas realizadas, no jeito de vestir e de falar, nos comportamentos em sala de aula, mesmo que essas expressões sejam analisadas na ótica da *resistência*. Esta visão permeia um pequeno número de pesquisas que analisam as práticas escolares realizadas na década de 90, principalmente a partir de 1995.

b) As 50 dissertações e teses revelam a preocupação em entender a escola no contexto de uma sociedade desigual. Mas ainda é preciso avançar na compreensão da juventude e suas relações com a escola, o que implica centrar as investigações nos jovens reais. Estudos que reflitam sobre os tempos vividos pelos educandos, na especificidade da sua idade, de sua condição humana, de gênero, de cultura e sociabilidades, situando esses processos nas determinações estruturais que produzem várias formas de ser jovem na sociedade.

c) Há evidentes lacunas quanto aos jovens estudantes da zona rural, de pequenos centros urbanos, de camadas médias ou de elite e de escolas particulares.

d) As pesquisas privilegiam o Ensino Fundamental, como nível de ensino investigado e, a modalidade Educação de Jovens e Adultos, o antigo Supletivo.

e) As conclusões do estudo feito por Dayrell apontam para uma inadequação da escola à realidade dos alunos, mas de forma qualitativamente diferente da primeira tendência. O que passa a ser questionada é a capacidade educativa da escola que incide no enfraquecimento da sua eficácia socializadora. Porém, essa tendência não consegue superar o *escolacentrismo*, ou seja, essas pesquisas concebem a educação reduzida à instituição escolar, como se essa fosse a agência exclusiva de socialização, sem estabelecer relações com outras formas de socialização

que tecem a experiência dos jovens. Assim, os estudos não problematizam a importância da família, do espaço urbano e do trabalho, entre outros.

A partir disso, é fundamental reconhecer que os jovens se fazem em espaços cada vez mais diferenciados, num conjunto heterogêneo de redes que vão dando um significado às suas ações cotidianas. Assim, para compreender o aluno, é preciso estudar o jovem, aproximando-se o mais possível das suas múltiplas dimensões. Nas palavras de Dayrell (1996, p. 140):

Uma outra forma de compreender esses jovens que chegam à escola é apreendê-los como sujeitos sócio-culturais. Essa outra perspectiva implica em superar a visão homogeneizante e estereotipada da noção de aluno, dando-lhe um outro significado. Trata-se de compreendê-lo na sua diferença, enquanto indivíduo que possui uma historicidade, com visões de mundo, escalas de valores, sentimentos, emoções, desejos, projetos, com lógicas de comportamentos e hábitos que lhe são próprios.

Outro trabalho, nesta abrangência, é o de Durand²³ que, em sua tese de doutorado (2000), afastando-se da escola, estuda as lógicas internas dos jovens em seus grupos, bem como as relações que seus componentes travam com as instituições tradicionais: a família, a escola e o trabalho. Nas conclusões, ela discute a importância do grupo que, diante das questões sociais, torna-se o

refúgio para a construção da autonomia, celeiro de produção, espaço de criticidade e possibilidade de se reconhecer e ser reconhecido, ou seja, possibilidade de construir diferentes formas de socialização e sociabilidade (DURAND, 2000, p. 211).

Dayrell, em sua tese²⁴ de doutorado (2001), estuda os jovens em grupos musicais, buscando apreender as relações que estabelecem entre as suas vivências e experiências nas outras instâncias sociais como família, trabalho e escola. Em suas palavras:

²³ Trabalhou com 23 jovens das comunidades de Ribeirão da Ilha e Ingleses, da Ilha de Santa Catarina, adeptos de grupos religiosos, esportivos e musicais.

²⁴ Em sua tese, estudou os processos de socialização vivenciados por jovens pobres na periferia de Belo Horizonte, cujo foco foram os jovens integrantes de três grupos de rap e três duplas de funk.

Percebi que eu e a escola desconhecíamos a realidade dos jovens alunos, suas atitudes, necessidades e desejos. Naquele momento, propunha uma outra compreensão do aluno, visto agora como sujeito sócio-cultural, pontuando a necessidade de a escola perceber o jovem no aluno, condição para ampliação e aprofundamento da sua dimensão educativa (DAYRELL, 2001, p. 2).

É possível dizer que os jovens que se encontram no espaço-tempo escolar participam de muitas redes de convivência que os fazem, a cada dia, uma pessoa única. Num processo constante de trocas e mutações vão ampliando suas experiências e se fazendo enquanto sujeitos.

Ousa-se conhecer não só a escola, mas os atores que dão sentido a esse espaço que pode ser redescoberto.

Outro trabalho interessante é de José Antônio Pérez Islas, que apresentou os avanços e lacunas nos estudos sobre jovens. Segundo ele, a maioria dos estudos na América Latina, nos anos 80, entendia os jovens como delinquentes, contestatórios ou consumistas e hoje se encontram no ponto em que os estudos reconhecem a juventude como

un sector social específico con rutinas culturales peculiares e con experiencias colectivas que definen un tipo de inserción en la sociedad, el cual los conduce a actuar bajo competencias específicas de reconocimiento/apropiación de los productos y procesos culturales especializados (ISLAS, 1998, p. 50).

Islas (1998) diz que as pesquisas atuais já superaram algumas tendências, entre as quais a concepção dos jovens como receptores passivos, redução dos estudos à categoria estudantes, como foi nos anos 70, e as expressões da cultura juvenil relacionada somente a bandas de músicas, uma marca dos anos 80. Mas ainda existem partes obscuras na temática juventude. Ele aponta algumas vertentes para as pesquisas: primeiro, a especificidade de gênero que implica discutir a vivência da masculinidade num contexto de aceleradas trocas culturais (neomachismo juvenil); as novas indagações sobre a gravidez na adolescência, além das preocupações de como evitar, mas compreender a dimensão simbólica do que isto representa para certos estratos de mulheres jovens; a família, em um contexto de crise que obriga o retorno às estruturas familiares extensas, onde o casal jovem perde autonomia sobre as decisões que lhes correspondia; segundo, diz respeito aos jovens rurais, os problemas

culturais que produzem a migração, tanto para quem emigra como para a comunidade de origem, a qual sistematicamente regressa; terceiro, a percepção dos jovens sobre a função da escola que *insiste* em ensinar para o emprego remunerado, sendo que as tendências marcam uma redução destas oportunidades ocupacionais, em contraposição ao aumento do trabalho autônomo, que implica uma outra concepção de escola. Neste sentido, pouco se sabe como pensam e atuam os jovens dos mercados informais; quarto, que impacto as seitas e práticas fundamentalistas têm causado nos setores jovens, cabendo investigar uma certa cultura da morte, presente em muitos jovens. Por fim, Islas (1998, p. 53) comenta:

pareciera que es más lo que falta por conocer que lo conocido, lo cual es verdad; pero solo a partir de reconocer nuestras limitaciones y sesgos es como podremos empezar a pensar lo juvenil como un tema prioritario dentro de las agendas académicas, institucionales y organizativas y su relación con el ámbito cultural es el camino más corto.

Enquanto um campo de pesquisa, parece que a temática da juventude encontra-se imersa num fluido processo de desvelamento de possibilidades. As resistências são muitas, pois a idéia da juventude como uma etapa transitória que, como tudo, cura com o tempo, ainda é forte.

2.3 CONDIÇÕES SOCIAIS

O século XX termina apontando para um futuro cuja única certeza que se tem é a da mudança. As tradicionais formas de ver o mundo foram desmontadas, e a racionalidade técnica dá lugar a outras formas de pensamento. Já não se trata mais de soluções acabadas, mas de inventar, em cada situação, novas possibilidades, em um mundo em transformação com idas e vindas, quebras e dobras, cortes e rupturas. Enfim, um tempo de grandes viradas...

Pais (2001, p. 8) comenta que “os jovens desdobram-se em personagens possíveis de vários guiões de futuro, mas o futuro imaginado por eles assemelha-se a jardins labirínticos de sendas que se bifurcam”. As possibilidades e escolhas são múltiplas, embora nem sempre possíveis.

Diante da multiplicidade dos jovens, pode-se elaborar mapas provisórios das condições sociais nos diferentes contextos, pois a fluidez e a abertura estendem-se para vários aspectos da vida, e os dados demonstram que a racionalidade moderna parece não ter cumprido suas promessas de progresso e bem-estar.

No Brasil, a população jovem de 15 a 24 anos, está em cerca de 34 milhões²⁵ ou 47 milhões na faixa etária de 15 a 29 anos e os indicadores sociais que medem a desocupação da força de trabalho sugerem que as piores taxas de desocupação são encontradas no segmento populacional juvenil. Segundo Pochmann (2000), o desemprego juvenil aumentou na década de 90 numa proporção superior ao desemprego total. Os jovens representaram 62,2% no montante global dos que perderam emprego assalariado. Parece que as portas do primeiro emprego foram fechadas para os jovens brasileiros, em especial os oriundos de classes populares, o que representa um passo para a frustração e o desânimo.

A realidade da desocupação ou da ocupação precária transformaram as relações da juventude com o sentido do trabalho, gerando muitas incertezas. Diante da baixa capacidade da economia brasileira em gerar postos de trabalho, resta aos jovens, principalmente das camadas populares, os setores de serviços básicos (limpeza, segurança, garçom, etc.), muitas vezes, postos não assalariados ou sem registro formal. Assim, a escassez de empregos torna os jovens um dos principais segmentos da população ativa mais fragilizados.

Os jovens de 15 a 24 anos²⁶ representam aproximadamente 25% da população economicamente ativa do Brasil e são fortemente atingidos pelo desemprego. Na década de 90, a quantidade de desempregados nessa faixa etária foi multiplicada por três, e a ocupação reduzida em 2,9%. Em 1989, o Brasil possuía um milhão de jovens desempregados; em 1998, 3,3 milhões (POCHMANN, 2000).

Considerando a realidade patrubense, apesar dos poucos dados, pode-se dizer que, segundo o Censo Demográfico de 2000 (questionário amostral), a população com 10 anos ou

²⁵ Dados provenientes do último Censo Brasileiro (IBGE 2000).

²⁶ Neste texto, os dados são apresentados a partir de diferentes faixas etárias, pois os indicadores estatísticos disponíveis no Brasil trabalham com divisões diferentes. O IBGE publica seus dados do Censo e da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – Pnad agregando as faixas etárias de 10 a 14, 15 a 19 e de 20 a 24... As estatísticas educacionais privilegiam as faixas etárias correspondentes aos níveis de ensino: 7 a 14, 15 a 18... Na população Economicamente Ativa, a PEA, inclui crianças de 10 anos, sendo que a legislação em vigor proíbe o trabalho para menores de 14 anos, facultando-o para pessoas entre 14 e 16 anos na condição de aprendiz.

mais, economicamente ativa, soma 18.558 habitantes. De 2000 a 2002, houve um aumento do número de empresas que, recebendo incentivo municipal, instalaram-se em Santo Antônio da Patrulha. Segundo dados da Secretaria do Planejamento/gestão 2001-2004, vinte e seis empresas foram criadas no município, com uma oferta de 1.495 postos de trabalhos, sendo que destes, 924 foram no setor calçadista. Houve um aumento do número de empregos, mas não se sabe o impacto de tal, pois a única taxa de desemprego que se tem (14% - PED/²⁷ DIEESE - 2º semestre de 2000 e 2001) é da região metropolitana de Porto Alegre²⁸, na qual Santo Antônio da Patrulha se insere, cujas realidades, principalmente quantitativas, são extremamente diferentes. Outro dado importante que dá uma dimensão das dificuldades não só dos jovens, mas da população patrulhense em geral, é o rendimento mensal. Os dados do Censo do IBGE de 2000 apontaram que as pessoas de 10 anos ou mais de idade em SAP(30.898 hab.), 16.654, recebem mensalmente de um a três salários mínimos e o aumento dos postos de trabalho dos últimos anos, ficou nesta faixa salarial.

Os resultados do questionário aplicado nos jovens integrantes de grupos musicais e religiosos apontaram que 59% dos jovens entrevistados não estão trabalhando, 12,1% trabalham sem registro formal, 9,8% com registro e 9,0% é freelance. Cruzando as questões referentes ao trabalho e idade, tem-se que 60% dos jovens que não estão trabalhando encontram-se na faixa etária de 15 a 18 anos.

No tocante à educação no Brasil, o Censo do IBGE de 2000 mostrou um aumento da taxa de escolarização que passou de 55,3% para 78,8%, ou seja, os jovens possuem hoje mais acesso à escolarização formal. Entretanto, as reprovações, as idas e vindas aumentam a defasagem idade-série. O mesmo Censo apontou que 52,6% dos jovens, na faixa etária de 15 a 17 anos, estão matriculados no Ensino Fundamental que é destinado a crianças de 7 a 14 anos. No relatório²⁹ do UNICEF – Situação da Adolescência Brasileira - o município de Santo Antônio da Patrulha aparece com 86,3% dos adolescentes de 12 a 17 anos matriculados na

²⁷ A PED é um levantamento domiciliar contínuo, realizado mensalmente, desde 1984, na Região Metropolitana de São Paulo, em convênio entre a Fundação SEADE e o DIEESE. Em parceria com órgãos públicos locais, a pesquisa foi implantada em outras regiões, sendo realizada, atualmente, no Distrito Federal e nas Regiões Metropolitanas de Porto Alegre, Curitiba e Belo Horizonte, além de Salvador.

²⁸ Região Metropolitana de Porto Alegre é composta pelos municípios de Porto Alegre, Viamão, Guaíba, Eldorado do Sul, Charqueadas, Triunfo, Canoas, Alvorada, Gravataí, Glorinha, Cachoeirinha, Esteio, Sapucaia do Sul, São Leopoldo, Novo Hamburgo, Campo Bom, Portão, Estância Velha, Sapiranga, Dois Irmãos, Nova Hartz, Parobé, Ivoti e Santo Antônio da Patrulha.

²⁹ Este relatório foi elaborado com dados referentes ao ano de 2000, fornecidos pelo IBGE, INEP/MEC - censo escolar e Fundação Nacional de Saúde, do Ministério da Saúde.

escola, o que indica que o desafio do poder público, escola e família está em trazer para a escola 13,7%, visando universalizar o atendimento nesta faixa etária. O mesmo relatório aponta que, na faixa etária de 14 e 15 anos, 20,8% dos adolescentes concluíram o Ensino Fundamental, o que indica que muitos adolescentes de 16 e 17 anos estão no Ensino Fundamental, apresentando aí uma defasagem idade-série.

Na faixa etária de 15 a 17 anos de idade, o mesmo relatório aponta 50,9% matriculados no Ensino Médio. Os 49,1% restantes estão onde? Comparando esta informação com a anterior, de que somente 20,8% concluíram o Ensino Fundamental na idade própria, pode-se dizer que uma grande maioria (49,1%) estão retidos no Ensino Fundamental com defasagem idade-série.

Segundo dados da 11ª CRE de Osório, o ingresso de jovens no Ensino Médio de SAP tem aumentado nos últimos anos. A matrícula inicial em 2000 era 1.140 alunos/as; em 2001, 1591; em 2002, 1.579. Em 2003, houve um acréscimo maior com a instalação do Núcleo de Educação de Jovens e Adultos e Cultura Popular Rizoma, com 58 alunos/as matriculados/as nas Totalidades correspondentes ao Ensino Médio. Os concluintes do Ensino Médio foram: 2000 (180 alunos/as); 2001 (325 alunos/as); 2002 (288 alunos/as). Considerando o ano de 2000, pode-se dizer que tem crescido a demanda na etapa final da educação básica.

Pensando este aumento da escolarização dos jovens patrulhenses e o tipo de postos de trabalho que teve considerável crescimento - setor calçadista - é possível questionar o que representa o aumento da escolarização para estes jovens? Melhores oportunidades de trabalho? Qual trabalho?

Em relação à educação profissional, dados do Censo Profissional realizado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (Inep), em 1999, mostram que o número de matrículas de jovens com menos de 20 anos é expressivo nos níveis básicos e técnicos: no nível básico, de um total de 2.045.234 alunos matriculados, 31,5% tinham menos de 20 anos; no nível técnico, essa proporção aumenta substancialmente: dos 716.652 matriculados, 55,9% eram jovens de menos de 20 anos. Em SAP, a única oferta de educação profissional de nível médio é o Curso Normal (privado) que, em 2001, estava com 30 alunas matriculadas; 2002, 55 alunas e em 2003, está com 66 alunas.

Segundo relatório do UNICEF – Situação da Adolescência Brasileira - dos 37.035 habitantes de Santo Antônio da Patrulha, 4.009 estão na faixa etária de 12 a 17 anos de idade, e o percentual de não alfabetizados, desta faixa etária, é de 1,4%, que corresponde à média do Rio Grande do Sul, também 1,4%. Considerando o censo do IBGE de 2000, com 15 anos ou mais de idade, Santo Antônio da Patrulha tem 9,73% de pessoas não alfabetizadas.

Outro aspecto a considerar é a mortalidade juvenil que, segundo Carrano e Dayrell (2002), no Brasil, 26 mil crianças e jovens entre 10 e 19 anos perdem a vida por causas múltiplas, tais como acidentes, suicídio, doenças relacionadas à gravidez e outros fatores mórbidos. Cerca de 70% das mortes de jovens estão relacionadas a homicídios, acidentes de trânsito e suicídios. Segundo estudo da UNESCO de 2000, denominado *Mapa da violência III*, o Brasil ocupa o terceiro lugar do mundo no que se refere a assassinato de jovens entre 15 a 24 anos. No relatório do UNICEF referido acima, Santo Antônio da Patrulha aparece com 0 (zero) de óbitos de adolescentes na faixa etária de 12 a 17 anos de idade, por causas externas³⁰; no Rio Grande do Sul, nesta faixa etária, são 430 óbitos e, no Brasil, 9.302. Este dado dá uma dimensão da vulnerabilidade à violência a que está exposta esta parcela da população, realidade que se apresenta distante do cenário desta pesquisa.

É difícil situar as condições sociais dos jovens em SAP, considerando uma determinada faixa etária (12 a 17 ou 15 a 24...) porque os indicadores estatísticos disponíveis trabalham com diferentes faixas etárias. Sabe-se que um terço da população de SAP está na faixa etária de 10 a 29 anos. Sem política pública, média salarial de um a três salários mínimos mensais, crescimento da oferta de trabalho em fábricas de calçados, a quase inexistente oferta de educação profissional de nível médio, como também de cursos de qualificação profissional, a lacuna de projetos e ações municipais em benefício desta parcela da população, os poucos projetos federais e estaduais que dificilmente chegam a ser efetivamente implantados no município e as reduzidas opções de lazer, apontam para um conjunto de dificuldades no presente e futuro desta cidade. Apesar dos esforços do poder público para o desenvolvimento do município, estamos inseridos numa realidade maior e, para estes jovens, talvez a escola e o grupo sejam espaços de possibilidades, de fazer-se jovem através do reconhecimento e do

³⁰ Causas externas, segundo o relatório do UNICEF seriam: acidentes com meios de transporte, afogamento acidental, suicídios, exposição ao fogo, intoxicação...Os dados do relatório foram fornecidos pela Fundação Nacional de Saúde, do Ministério da Saúde e são preliminares de 2000.

pertencimento, pois os dados indicam que, neste município, a grande maioria dos jovens, mesmo em defasagem idade-série, estão escola.

Em relação ao Brasil, os dados apontam para um descaso do Estado brasileiro, entregando uma geração à práticas de violência, muitas vezes ligadas ao narcotráfico. As políticas públicas voltadas à juventude não existem ou estão *fora de foco* (CARRANO & DAYRELL, 2002), pois são formuladas sem definição da população prioritária. A perspectiva compensatória é a tônica das políticas que usam as práticas esportivas e culturais estético-criativas como corretivos morais de contenção de drogas e crime. Numa visão da juventude como transição, oferecem entretenimento, enquanto a juventude não passa. Ponce de Leon (2002, p. 34) diz que “o problema não é somente a insuficiência e a ineficácia dos programas do governo federal, mas, também, a falta de integração entre eles e a completa exclusão dos jovens e de suas organizações do processo de decisão”.

Abramo (1997), analisando a juventude no Brasil, diz que, apesar de terem sido alçados à categoria de *problemas sociais*, os jovens não têm ocupado o mesmo espaço na formulação das políticas públicas e diz que são raras as experiências que consideram os jovens como interlocutores significativos. Em geral, as políticas são feitas sob a ótica do adulto e não sob a ótica dos direitos da juventude.

O quadro de incertezas acentua a indefinição dos jovens ao ingressarem no mundo adulto. Carrano (1999, p. 116) comenta que:

O fenômeno social da já denominada *geração canguru* - jovens que seguem morando com os pais e não vêem perspectivas de sair de casa, mesmo com a união conjugal ou a gravidez -, evidencia o quadro de restrição “voluntária” da autonomia [...] A passagem à vida adulta estava fundada no princípio da concordância necessária de três significativos momentos: o início da vida profissional, o matrimônio e a saída da família de origem. Os jovens encontram-se confinados num retalhado espaço social entre a família e a vida social autônoma, vivendo uma sociabilidade que se coloca entre duas idades: entre a idade centrada exclusivamente sobre a família e sobre a escola e uma outra, orientada pela vida da união sexual e as relações de trabalho.

Pais diz que os caminhos de passagem para a vida adulta não são apenas obscuros.

São caminhos longos, sinuosos, com escolhos. De facto, assiste-se, na sociedade contemporânea, a um prolongamento da condição juvenil: porque os percursos escolares são mais longos, porque há mais tardia inserção no mercado de trabalho; porque o acesso à casa própria é difícil; porque os casamentos retardam, devido também a uma maior liberalização das relações sexuais (PAIS, 2001, p.81).

Os mapas de orientação dos jovens nem sempre combinam com os percursos. Por exemplo, às expectativas criadas pelo prolongamento da escolaridade, contrapõe a desqualificação dos diplomas. Assim, perante as estruturas sociais fluidas, os jovens sentem as inconstâncias e vivem num autêntico movimento de vaivém: abandonam os estudos e, depois, retornam; encontram emprego e, logo depois, estão desempregados; suas paixões são como *vôos de borboletas*, sem pouso certo; casam-se, mas não é certo que seja para toda a vida. Segundo Pais (2001, p.68), “é porque vivem em estruturas sociais crescentemente labirínticas que os jovens contemporâneos se envolvem em trajetórias yô-yô”.

É preciso afirmar que qualquer política pública destinada à juventude necessita da ampliação do entendimento dos modos de ser jovem e um *escuta sensível* para a construção da participação juvenil, pois os impasses do presente não podem transformar o futuro num tempo ausente. Se a previsão navega nas águas da incerteza, o futuro precisa ser construído de forma participativa, envolvendo os jovens. E, como diz Pais (2001, p.419), “somente a esperança permite suportar a espera da sua chegada”.

2.4 IDENTIDADES

Foi-se o tempo em que se pensava que alcançar a cidade remeteria alguém para a *liberdade prometida*. Nela estaria autonomia e a livre afirmação pessoal. Mudava-se de lugar e construía-se uma nova identidade. Para que os *ares da cidade* se tivessem tornado palco de novas identidades, foi preciso pensá-las como mediadoras entre a estrutura social e a ação dos sujeitos, feitas e refeitas ao sabor das mudanças.

Para Fortuna (1997, p. 128): “Eminentemente relacional e interativa, perante a crescente complexidade das sociedades, a identidade moderna mostra-se contingente e remete-nos para uma estrutura pessoal, afetiva e cognitiva que é progressiva e continuamente (re) construída pelos sujeitos”.

Se a vida é tecida na trama de relações que se vai construindo no decorrer do tempo, o conceito de identidade não pode comportar isolamento, fixação, estabilidade ou dualismo. A modernidade tentou buscar uma identidade estável, tal como um relógio, com peças fixas e movimentos previsíveis.

Hoje, mais do que um dado ou uma herança, pode-se falar de identidade como capacidade de reconhecer os efeitos de uma ação, o que Melucci (1992) chama de capacidade de reflexão sobre nós mesmos, ligada a um reconhecimento recíproco entre nós e os outros, o que abre um campo de conflito entre a definição que nos damos e o reconhecimento que os outros nos dão.

Para o jovem, a busca da idade adulta exemplifica essa tensão entre o auto-reconhecimento e o ser reconhecido, não esquecendo, como salienta Melucci (1992), a necessidade que se tem de afirmar a diferença enquanto indivíduo ou grupo. Neste sentido, ele apresenta quatro pólos de nossa identidade: a identificação que nós operamos, a identificação por parte dos outros, a diferença como nós afirmamos e a diferença como nos é reconhecida pelos outros. Assim, ninguém constrói sua identidade sozinho, independente do *olhar* do outro. A identidade é, antes de tudo, uma aprendizagem constante que une continuidade e mudança, estabelecendo entre ambas um processo relacional que distingue e une o indivíduo.

Pensando estas considerações em conjunto com os efeitos de viver num mundo globalizado, é possível pensar que as relações entre adultos e jovens estaria se desprendendo de um controle único, baseado na transmissão da experiência aos mais jovens. A socialização dos jovens está se produzindo em outros ambientes, onde as trocas culturais criam novos estilos de se vincular ao mundo, de decidir e de enfrentar os problemas. Ou seja, ampliam-se as possibilidades de reconhecimento. Obviamente, nem todos têm acesso a essa tecnologia e podem estar numa situação de privilégio para acessar os ditos espaços³¹.

³¹ Evitando generalizações, considero, também, que muitos jovens de camadas empobrecidas têm buscado diferentes formas de visibilidade na cena pública. Neste sentido, a tese de Dayrell (2001) sobre o Rap e o Funk, em Belo Horizonte, é um belo exemplo de jovens que, frente aos limites econômicos, desvelam novos modos de ser jovem.

Neste contexto, os múltiplos pertencimentos dos sujeitos estruturam a identidade, tanto individual quanto coletiva e, como diz Melucci (2001), a identidade se constrói a partir de experiências comuns que se confrontam entre si.

O processo de identificação não é estático e ocorre num mundo marcado pela complexidade onde, constantemente, precisa-se fazer escolhas, reduzir as possibilidades e, conseqüentemente, aumentar a incerteza. Aqui, novamente Melucci (1992), dizendo que a liberdade de escolha e as possibilidades revelam que o tempo é escasso demais para tantas opções, e as condições materiais também não estão em sintonia com as ofertas do mercado. Tudo isto estabelece um campo de frustrações.

A identidade é, portanto, um processo de negociação constante cujo desafio é viver tecendo a trama da continuidade. Se a certeza escapa, a necessidade de se tornar reflexivo e aprendente torna o presente um momento de *máximo* encanto, onde a identidade se faz aqui e agora e na experiência.

Melucci (1992, p. 33-34) considera a identidade individual uma das chaves para a compreensão das mudanças do indivíduo em uma sociedade complexa. Primeiro, analisa que as mudanças nas relações sociais alteram interesses e aspirações dos indivíduos; segundo, que a experiência do indivíduo participa desse processo e o modifica. Procurando superar uma visão determinista da identidade, apresenta, como desafio, a construção da continuidade na mudança, chegando a propor a substituição do conceito de identidade pelo de identização, com o objetivo de “expressar o caráter processual, auto-reflexivo e construído da definição de nós mesmos” ou, como diz Giddens (2002, p. 72), cada vez mais precisamos tomar conta de nossas próprias vidas, o que envolve risco, porque temos que enfrentar a diversidade de possibilidades abertas. “O indivíduo deve estar preparado para fazer uma ruptura mais ou menos completa com o passado, se necessário, e deve contemplar novos cursos de ação que não podem ser guiados simplesmente por hábitos estabelecidos”. Sposito (1997) considera o momento da juventude rico em manifestações de sociabilidade, sendo as formas grupais fluidas mais expressivas do que a lógica racional-instrumental voltada para um fim imediato. Salienta que é importante perceber como os jovens ocupam os espaços da cidade, agrupam-se e redefinem constantemente sua identidade. Neste sentido, a música, a poesia, o teatro, a dança centralizam os interesses dos jovens como formas grupais que vão além do fazer parte

de um grupo por interesses comuns. É, sim, condição para reconhecer o sentido daquilo que fazem. No grupo, afirmam o que são a partir do reconhecimento do outro.

Para os jovens pesquisados, o grupo é o espaço da visibilidade, da sua constituição como sujeito social, significando uma ampliação das redes de amizade, num exercício de convivência social que reforça a auto-estima e os coloca na cena pública, exercendo uma identidade reconhecida e desejada no grupo e que põe em relevo potencialidades pessoais.

No enfoque trazido por Melucci (1992), a noção de identidade torna-se importante para este trabalho, pois o caráter processual permite compreender a dinamicidade das experiências juvenis, onde os grupos são espaços privilegiados de construção de identidades. Possibilita pensar o grupo como espaço de ação, de reconhecimento e de convivência coletiva, no qual ampliam as relações e constroem identidades positivas. Obviamente que nem todos os grupos juvenis cumprem este fim, mas é uma potencialidade que precisa ser acolhida e incentivada.

2.5 TEMPO E JUVENTUDE

No dizer de Furter (1987, p. 96), quando o homem toma consciência de que é um ser temporal, descobre o valor da *espera*, de algo que poderá satisfazer as necessidades que sente. Mas o homem é, além de inacabado, “um ser que *tem fome*, que sente, todos os dias, que tem vazios e que nunca poderá comer bastante para estar definitivamente satisfeito”. Por isso a esperança é a garantia do possível, da aceitação radical da existência como campo de possibilidades abertas à ação. É um sonhar acordado, porque, “quando o homem está sonhando acordado, não está tanto fugindo ao mundo quanto imaginando um outro mundo” (Bloch³² apud Furter, 1987).

Nosso tempo se desenvolveu sob o impacto da ciência, da tecnologia e do pensamento da racionalidade instrumental que tiveram origem na Europa dos séculos XVII e XVIII. Neste momento, a modernidade anunciava o processo de industrialização impulsionando a sociedade capitalista que traz uma figura de tempo baseada na máquina e na meta. Tudo passa a ser dividido, medido e calculado para se chegar à *sociedade do progresso*. Melucci (1992)

³² Bloch, Ernest. Das Prinzip Hoffnung, vol. I e II, Frankfurt A.M. 1962.

diz que a época moderna traz a imagem do tempo como um percurso linear, cujo sentido está no fim do caminho, ou seja, neste percurso linear de orientação finalista, a meta é o progresso final. De algum modo, essa orientação garantia certa unidade e continuidade para as experiências e um toque de certeza para a vida.

Em outros tempos, a água, a areia, o fogo, o vento, a luz do sol eram as medidas de tempo cuja passagem era materializada pela transformação destes elementos.

Os relógios transformaram o tempo em percurso abstrato. Referindo-se aos relógios digitais, Melucci (1992, p.9) assinala que “ o tempo é agora pura leitura de sinais e de elaborações cognitivas abstratas”. Mas para ele, a nossa experiência do tempo interno não coincide com aquilo que decreta o relógio, pois o tempo que acompanha os afetos e emoções é múltiplo e descontínuo e na “experiência subjetiva tempos diversos coexistem, sucedendo-se, interceptando-se e sobrepondo-se”. Aponta, neste sentido, que a linearidade é difícil, pois o futuro está contido no passado, ou seja, o que fomos não pode ser cancelado e o que seremos reelabora o que fomos. Assim, o passado impregna o presente, mas o presente ressignifica o passado. A relação é, então, circular e não linear.

A sociedade da informação, cuja linguagem principal é a imagem, provocou rupturas no tempo, tornando possível fazer várias coisas em fração de segundos. Navega-se por mares desconhecidos sem se sair do espaço onde se encontra. É um tempo marcado pela diversidade: diluído, acelerado, fragmentado e instantâneo. Ritmos que requerem uma adaptação e flexibilidade às vezes oposta ao tempo interno. Melucci (1992, p. 14) insiste:

As diferenças entre os tempos internos e os tempos sociais não é uma novidade das culturas. Mas nas sociedades do passado, a relativa homogeneidade e a lentidão das mudanças garantiam uma certa integração entre a experiência temporal subjetivamente vivida e as definições do tempo reguladas socialmente.

Hoje, a diferenciação, os múltiplos pertencimentos sociais e a aceleração das mudanças torna difícil a unidade e o limite entre a procura de si, e a perda de si é tênue.

Melucci (1992) fala do nosso tempo como um tempo de muitas possibilidades, às vezes, além do que se pode viver. Para ele, a liberdade de escolher e a embriaguez das possibilidades

abertas revelam que o tempo é escasso, que se deve deixar para trás algumas coisas e isto torna-se motivo de frustração. Segundo ele, os problemas advindos dessa escassez de tempo, necessidade de escolha e renúncia, são de três ordens: cancelamento do futuro: as possibilidades são muitas, as mudanças são rápidas e deixamos que o passado inunde o presente até cancelar o futuro; cancelamento do passado: muitas possibilidades e mudanças, é preciso perseguir tudo, não perder nada. Tensão e estresse é a resposta do corpo para a falta de tempo e a ameaça de perder possibilidades. Não se volta para ressignificar o passado; o cancelamento do presente pode ser de duas formas: debruçados sobre aquilo que deve ainda vir, a ânsia ocupa o presente e fica-se imóvel. Ou, frente ao temor de perder alguma possibilidade, perde-se o significado de cada uma, e o presente esvazia-se em desejos sem desejo, um tédio ocupa as pessoas.

O desafio, hoje, parece ser o de encontrar os fios para tramar a continuidade, construindo uma experiência de tempo que possibilite passar pela variedade e a mudança sem se perder.

Os jovens vivem intensamente as contradições deste tempo, pois as incertezas próprias da idade são agravadas pelas incertezas desta época, tendo em vista que as referências para a compreensão do tempo – a medição pela máquina e a orientação finalista – se dissolvem. Cada vez mais, convive-se com tempos marcados pela subjetividade, fragmentação e ritmos diferenciados. Melucci (1997) faz uma bela reflexão a respeito dos efeitos dessa quebra das referências temporais ancorados no futuro. Diz que esse processo também impede, de modo mais homogêneo, o trânsito para a vida adulta. Pais (2001), neste aspecto, refere-se aos jovens dos anos 90 como *geração yô-yô*, no sentido de que as referências tradicionais de transição para a vida adulta – abandono da família de origem, casamento, obtenção de emprego, são reversíveis. Segundo Pais (2001, p. 73),

A geração yô-yô, pela sua natureza, é uma geração em que o ‘tempo flecha’ se cruza com o tempo cíclico, tempo de eterno retorno. Os jovens desta geração tão rapidamente abandonam a escola, adquirem emprego e se casam – deixando de ser jovens e passando a ser adultos – quanto, com a mesma rapidez, caem de novo no desemprego, voltam a condição de estudante e se divorciam, redescobrimo a juventude.

Assim, nesse momento da vida, os desafios para a construção das identidades tornam-se mais fortes, e a busca pela resposta às perguntas *quem sou, como me aproximo e me diferencio do outro*, tornam-se presença constante. Obviamente que esta busca acompanha todos durante a vida, mas este momento representaria viver intensamente processos que continuarão sendo companheiros, matizando vidas com tons de prazer e dor, certeza e insegurança.

Segundo Carrano (2002), a transformação do relacionamento com o tempo caminha em conjunto com os adolescentes contemporâneos. Até mesmo os grupos urbanos com características agressivas multiplicam os referenciais de tempo produzindo um nomadismo urbano dos indivíduos radicados por tempos relativamente breves e em espaços específicos.

As *viagens virtuais* e os encontros eletrônicos são possibilidades culturais que alargam o território dos jovens para outros limites de tempo e espaço. O território passa a ser o mundo inteiro.

A sociedade da informação redefine, então, os conceitos de tempo e espaço. Perto e longe tornam-se dimensões simbólicas. As imagens são o meio de transporte para espaços que diferem da experiência física. Com rapidez, alcança-se diferentes partes do globo terrestre. Surge uma geografia da mente. Giddens (2002, p. 23) analisa a separação de tempo e espaço na *modernidade*³³ que, segundo ele, gerou o desenvolvimento de uma dimensão *vazia* de tempo e separou o espaço do lugar. O mapa global, sem privilégio de lugar, é o símbolo correlato do relógio no *esvaziamento* do espaço. “Não é apenas um modo de retratar ‘o que sempre esteve lá’ - a geografia da terra - , mas também constitutivo de transformações básicas nas relações sociais.” Giddens (2002) chama de *desencaixe* esse *deslocamento* das relações sociais dos contextos locais e sua rearticulação pelas partes indeterminadas do espaço-tempo.

Tempo e espaço constituem-se múltiplos e descontínuos e exigem de nós elasticidade, mudança, conexão e capacidade de conviver cotidianamente com a incerteza. Segundo Melucci (1992), nos locomovemos mais, e mais rapidamente do que no passado, mas com a

³³ No livro *Modernidade e Identidade*, Giddens (2002, p.21) utiliza o termo *modernidade* num sentido muito geral para referir-se às instituições e modos de comportamento estabelecidos na Europa depois do feudalismo, mas que, no século XX, tornaram-se mundiais em seu impacto. Para ele “a ‘modernidade’ poder ser entendida como aproximadamente equivalente ao ‘mundo industrializado’ desde que se reconheça que o industrialismo não é sua única dimensão institucional”.

impressão de girar em círculo, pois nos movemos livremente embora não conheçamos as coordenadas do território e, então, é indiferente saber onde estamos.

Neste mundo desterritorializado, o espaço geográfico é substituído pelo tempo dos fluxos de informações. Esse espaço de fluxos permitem conhecer outras culturas, trocar idéias, ampliar a rede de contatos e fazer novas escolhas. Para os jovens, esta redefinição das coordenadas espaço-temporais podem alterar o sentido do grupo, no qual o pertencimento a um determinado grupo pode se tornar uma escolha temporária e variável. Carrano (2002, p.102) comenta que “ o fundamento da nova solidariedade da juventude não se encontraria numa simples adesão ao já dado, mas na capacidade e na responsabilidade de escolher.” Mas se o tempo atual permite uma variedade de escolhas, oferece pouca ajuda sobre as opções que devem ser selecionadas. Giddens (2002, p.80), anuncia que “falar em multiplicidade de escolhas não é o mesmo que supor que todas as escolhas estão abertas para todos, ou que as pessoas tomam todas as decisões sobre as opções com pleno conhecimento da gama de alternativas possíveis”.

Os fenômenos juvenis contemporâneos comportam um entrelaçamento do coletivo e do individual, constituindo a chave para compreender o que acontece nos grupos da juventude, pois as experiências dos jovens são construídas, em grande parte, nas redes de relações e no significado da cultura global. Composto com Margulis (1998), os jovens *aterrizam* no presente e nele formam sua personalidade, constroem sua cultura e organizam seu ritmo de vida, mergulhados num tempo de incerteza. *Tempos ziguezagueantes* (PAIS, 2001) e *velozes* são tempos de *contratempos*. São muitos destes *contratempos* que caracterizam a condição juvenil contemporânea.

Se a incerteza caracteriza os jovens e tem um prefixo negativo, este sugere, também, abertura ao possível. Portanto, juventude é incerteza e possibilidade. Melucci (2001) fala das experiências dos jovens como enormes laboratórios de inovações, não por que as projetam, mas por que já as praticam. No mesmo sentido, Carrano (2002) diz que para os jovens o fundamental não é a construção de metas para um futuro, mas a experimentação do sentido de mudança presente. Por outro lado, os jovens correm o risco da glorificação de um presente sem limites, pobre de memória e carente de futuro. Entretanto, Melucci (1992) anuncia que a consciência do limite, o cansaço de superá-lo, a percepção da falta e da perda dão raízes à

possibilidade de aceitar o presente e de projetar o futuro, assumindo a responsabilidade frente ao outro e frente a si mesmo.

2.6 SOCIALIZAÇÃO E SOCIABILIDADE JUVENIL

• Socialização

Durkheim trouxe a clássica formulação da socialização como meio integrador, no qual as regras sociais são transmitidas às novas gerações pelo processo de educação. Diz que, ao nascer, o indivíduo já encontra a sociedade pronta e constituída em suas leis. Para ele, a educação é, na verdade, um meio pelo qual a sociedade prepara, no íntimo das crianças, as condições essenciais de sua própria existência. Considerava a sociedade como um sistema formado pela associação de indivíduos que se manifesta como um fato objetivo, externo a nós, que determina quase tudo que se faz. A sociedade nos precedeu e nossas vidas não passariam de um episódio na marcha do tempo.

Outros autores, como Berger e Luckmann (1985), falam dos limites da sociologia clássica para a compreensão dos processos de socialização contemporâneos, pois explicar a socialização pela reprodução, pela qual tudo é interiorizado numa posição objetiva, limita e pré-determina as ações dos indivíduos.

Berger (1999) fala da socialização como um processo de internalização. O mundo social é internalizado pela criança, mas este processo também ocorre com o adulto cada vez que é iniciado num novo contexto social ou num novo grupo social. Estes dois processos Berger e Luckmann (1985) definem como socialização primária, no primeiro caso e socialização secundária, no segundo caso. A sociedade não é, então, algo que exista lá, no sentido durkheimiano, mas parte do nosso ser mais íntimo. A sociedade não só controla nossos movimentos como dá forma as nossas identidades, pensamentos e emoções. Segundo Berger (1999, p. 136), “As paredes de nosso cárcere já existiam antes de entrarmos em cena, mas nós a reconstruímos eternamente. Somos aprisionados com nossa própria cooperação”. Neste sentido, Berger e Luckmann (1985, p. 184) analisam a socialização como construção social, vivência singular, seja na família, escola, trabalho ou em qualquer instituição. Significa movimento, pois, segundo eles, “a socialização nunca é total nem está jamais acabada”.

Nesta direção, Dubet³⁴ (apud DAYRELL, 2001) diz que, nas sociedades em mutação, os atores e as instituições não são mais redutíveis a uma lógica única. O ator não é totalmente socializado a partir das orientações das instituições nem a sua identidade é constituída apenas nos marcos das categorias do sistema. Ou seja, o ator não pode ser reduzido à interiorização do social. Passa a ocorrer uma multiplicidade de processos culturais e sociais que organizam as ações dos atores, podendo adotar simultaneamente vários pontos de vista.

Melucci (2001) discute que, nas sociedades complexas, na qual a informação assume a centralidade, as experiências constitutivas do sujeito são, cada vez mais, permeadas pela tensão entre limite e possibilidade, entre o pleno e o vazio. O *eu* não tem mais uma base sólida de uma identificação estável, e as seguranças de que necessitamos devem ser construídas por nós mesmos. As agências clássicas de socialização se mostram frágeis e nenhuma delas, no contexto de uma sociedade em constante transformação, oferece um porto seguro.

Para a juventude contemporânea, o processo de socialização é composto de múltiplas interações, compondo uma trama que, ao mesmo tempo, abre muitas opções e, também, muitos limites. Tendo acesso a múltiplas referências culturais, os jovens criam sentidos para as experiências que vivenciam e se constituem como sujeitos a partir destes processos. Impossível, portanto, pensar isto numa lógica determinista, com a socialização reduzida a um treino que propicia a interiorização de regras e valores.

• Sociabilidade

Freire (1999) dizia que, onde há vida, há o inacabado e que nossa presença no mundo não se faz no isolamento, isenta de influências. E para Charlot (2000, p.53), “nascer significa ver-se submetido à obrigação de aprender. Aprender para constituir-se [...]. Aprender para viver com outros homens com quem o mundo é partilhado”. Neste sentido, a influência do meio sobre o *indivíduo humano inacabado* é um processo relacional e, portanto, não se está somente posicionado em..., mas em relação com... Aprender na relação com o outro, viver em grupo é o grande desafio posto a todos.

³⁴ DUBET, Francois. **Sociologie de l'expérience**. Paris: Editions du Seuil, 1994.

Os jovens pesquisados encontram-se em grupos, mas há um vínculo desses grupos com o espaço social em que estão inseridos. Nesta interação, constroem suas experiências cotidianas, que giram em torno de expressões culturais, num processo educativo vital para a juventude. Durand (2000) considera a sociabilidade parte do processo de socialização vivenciado pelos jovens em seus grupos, como um lugar privilegiado das escolhas, da construção de sentidos, da solidariedade e da construção da autonomia.

Simmel, em seu estudo sobre sociabilidade como categoria sociológica, diz que essa é uma forma autônoma ou lúdica de sociação³⁵. Fala do lúdico, em primeiro lugar, porque o que conta não é um objetivo a ser atingido ou a busca de resultados concretos. Segundo ele:

A sociedade propriamente dita é o estar com o outro, para um outro, contra um outro que, através dos veículos, dos impulsos ou dos propósitos, forma e desenvolve os conteúdos e os interesses individuais. As formas nas quais resulta esse processo ganham vida própria. São liberadas de todos os laços com os conteúdos; existem por si mesmas e pelo fascínio que difundem pela própria liberação destes laços” (SIMMEL, 1983, p. 168).

Para Simmel (1983), a sociabilidade é uma forma de sociação, cujo fim é a própria relação, ou seja, os laços estabelecidos entre os indivíduos têm uma razão em si mesmo. Na pureza de suas manifestações, a sociabilidade não tem propósitos objetivos, conteúdo ou resultados exteriores. Seu alvo é o sucesso do momento sociável.

Simmel (1983, p.172) formula o seguinte princípio para a sociabilidade: “cada indivíduo deveria *oferecer* o máximo de valores sociais (de alegria, de realce, de vivacidade, etc.) compatível com o máximo de valores que o próprio indivíduo recebe”.

Contemporaneamente, há um processo de redefinição das formas de sociabilidade, que se tornam fluidas, abertas e movediças, diferentes das formas tradicionais que eram mais

³⁵ Simmel chama de sociação a unidade que resulta das interações entre os indivíduos. Estas interações acontecem por objetivos específicos (religiosos, eróticos, lúdicos, violentos, etc.). O indivíduo é influenciado e influencia estas interações. O resultado destas múltiplas interações é a sociação, a unidade. A composição de cada grupo de interações cria uma sociação específica. Já a sociabilidade é uma forma lúdica de se relacionar com outro indivíduo e a relação está centrada no prazer da conversa, da troca, da convivência. A sociabilidade perde esta dimensão quando se transforma numa discussão séria ou numa verificação da verdade dos fatos comentados. Isto não significa que a sociabilidade é uma interação indiferente. Ela precisa ser uma interação interessante, significativa, agrupadora.

estáveis. Hoje, as pessoas desempenham uma grande diversidade de experiências, podendo pertencer a uma ou mais coletividades, simultaneamente ou não. Porém, o sentido para esse pertencimento, segundo Simmel, não estaria no conteúdo da relação, na satisfação de interesses, mas na própria relação. Ou seja, no campo da sociabilidade, o estar juntos, estabelecer laços, tem em si mesmo a sua razão de ser. Portanto, se não existe outro interesse além da própria relação, para que ela continue existindo, é preciso confiança mútua. Em parte, essa idéia poderia ser associada à grande mobilidade dos agrupamentos juvenis, principalmente as bandas de música que mudam muito constantemente de integrantes.

Para Simmel, a *realidade* da vida social se constrói no âmago da interação entre os homens: o processo de *sociação* comporta a dinâmica de um jogo pelo qual os homens *fazem* sociedade. Neste *jogo*, está presente a dimensão do conflito inerente às relações humanas. Toda associação humana, segundo ele, manifesta forças contraditórias, encontrando-se imiscuída na luta entre harmonia e desarmonia. As tensões presentes em todas as esferas (individual, grupal e social) bem como entre as esferas, encontram-se no centro do *jogo social*, propiciando a decadência de formas de interação já cristalizadas e a ascensão de novas formas. Portanto, segundo Simmel, seja na investigação do processo de construção da intersubjetividade no mundo da vida cotidiana, seja na busca das formas da interação social, a *matéria da sociação* deve ser buscada nas relações entre os indivíduos. Esta interação não se faz sem riscos: o conflito encontra-se presente, ora aproximando, ora afastando grupos e indivíduos, tornando o encontro social uma experiência carregada de tensões, no qual a interação social também tem lugar na sua face aparentemente contraditória – dissociativa – do não encontro.

Na sociabilidade simmeliana, há uma liberdade de fazer relações.

O modo pelo qual os grupos se fazem e desfazem e o modo pelo qual a conversação, surgida por mero impulso e oportunidade, começa, se aprofunda, se frouxa e termina, numa 'reunião social', fornece uma miniatura do ideal societário que poderia ser chamado a liberdade de se prender (SIMMEL, 1983, p. 178).

Emancipada de conteúdos, a sociabilidade para Simmel é uma forma de convivência com o outro liberada da seriedade e das obrigações da vida, transferindo esse caráter mais sério da vida para o jogo simbólico. Tal como a arte e o jogo, a sociabilidade existe por si

mesma ou para a relação, a interação, o encontro. Para os jovens, as formas de sociabilidade parecem responder às suas necessidades de autonomia, liberdade e trocas afetivas.

Entendendo que parte da socialização dos jovens vem ocorrendo em espaços e tempos variados, com múltiplas referências culturais, é possível pensar os grupos de sociabilidade como articuladores de redes de significados e vivências que, num jogo de relações e interações, (re)constoem as identidades juvenis.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS: O CAMINHO PERCORRIDO

Difícil pensar como dizia o poeta: “Caminhante, não há caminho, há caminho ao andar...”. Ou, o caminho existe, mas posso encontrar outros caminhos caminhando. Parece que precisaríamos de um roteiro, um mapa para nos orientarmos neste entrelaçamento de emoções e vivências que marcam a construção de uma pesquisa, principalmente quando ela está tão intimamente ligada a nossa vida. Como dizia Guimarães Rosa, “o real não está na saída, nem na chegada, ele se dispõe para a gente é no meio da travessia”. Senti esse trabalho como um mosaico de cores que foi se mostrando aos poucos. A cada passo, uma parte da cortina se abria, mesmo que, às vezes, outra parte se fechasse.

Pais (2003) fala da pesquisa pensando na Arte. Diz que os pintores impressionistas tentavam deter na tela instantes da vida, através da itinerância da luz e da sombra. Fugindo do traço rígido que comporta uma realidade precisa, os impressionistas utilizavam pinceladas curtas e manchas descontínuas de aquarelas multicores. Monet procurava captar diversos momentos da mesma paisagem, na perspectiva de que o mesmo é sempre outro quando visto a outra luz.

Nesta ordem de idéias, há uma semelhança entre os impressionistas e os pesquisadores, quando estes buscam, sob diferentes formas, *olhar* para a realidade pesquisada na esperança de fazer e se fazer. No itinerário desta pesquisa, fui aguçando a capacidade de me sentir tocada pelas vivências no campo da pesquisa com jovens.

Os processos de pesquisa são como grandes explorações minerais, com poços fechados há muito tempo e outros sendo abertos. Durante a pesquisa, muitas foram as ocasiões em que me sentia no escuro, seguindo por túneis ou poços anteriormente explorados, porém esperando encontrar novos veios, ricos em minérios.

3.1 ITINERÁRIOS

Ao estudar um fenômeno, surge a possibilidade de romper naturalizações, preconceitos e cristalizações, pois questiona-se o instituído e abrem-se novos campos que poderão ajudar na ação transformadora do mundo.

Muitas foram as incertezas sobre que caminho percorrer. Nas palavras de meu orientador, encontrei um porto seguro:

Diria que nos tornamos seres de diálogo com nossos objetos de pesquisa na medida em que, ao longo do trabalho investigativo, explicitamos – em primeiro lugar para nós mesmos – os pressupostos que sustentam nosso fazer investigativo. Ao mesmo tempo, há que se exercer o diálogo com nossos pares, não só na etapa de construção de projetos, mas ao longo do processo e, depois, na socialização de seus resultados. Entretanto, aí, implicitamente, há uma condição prévia: a coragem de revelar nossas incertezas associadas à paciência de lidar com idéias contrastantes ou mesmo antagônicas (FISCHER, 1999, p. 10).

Escutar os jovens é uma possibilidade de me fazer como educadora e pesquisadora que busca compreender o aluno nas suas múltiplas dimensões, pois participamos da constituição dos fenômenos estudados. Quando o pesquisador entra no campo de seu estudo, relaciona-se, conversa, observa fenômenos e indivíduos, constitui mundos e, consciente dessa participação, pode movimentar-se sem reforçar estereótipos e visões rígidas.

Conhecer os jovens nos espaços de socialização, entre eles os grupos musicais e religiosos, tem contribuído para conhecer o aluno como aquele que ocupa um lugar de sujeito jovem, pois os sujeitos que se encontram no espaço-tempo escolar participam de grupos, numa rede de convivência que os fazem, a cada dia, uma pessoa única.

A pesquisa constituiu-se num importante processo de aprendizagem, marcado por encontros e desencontros que ampliaram a responsabilidade ética e política com a educação. Neste itinerário, vivenciei grandes momentos de reflexão sobre ser professora. Aprendi e compreendi que não somos anunciadores de *verdades*. Isto sempre foi evidente, mas no plano teórico.

Estudando e vivenciando a relação pesquisador/pesquisado fui construindo um conjunto de indagações sobre a tensa e interessante relação professora/alunos/as, marcada pela difícil “exigência que o tempo da complexidade nos impõe: a de existir e a de existir com” (MELUCCI, 2001, p.169).

Os textos de Melucci (1992, 2001) foram pontos de luz nos túneis, às vezes, totalmente escuros:

Impõe-se aceitar que a relação pesquisador-ator seja, ela mesma, objeto de observação, ela mesma inclusa no campo da ação e, por isso, submetida a uma explícita negociação, a um contrato entre as partes. [...] É necessário introduzir, no campo da pesquisa, uma capacidade de metacomunicar na relação entre observador e observado. [...] É nesta direção que se coloca a minha experiência de pesquisa sobre novas formas de ação coletiva. Desta trago a convicção de que as três direções que indiquei constituem um banco de prova para qualquer método que queira superar o dualismo: a necessidade de reconhecer que os atores são capazes de definir o sentido daquilo que fazem e a necessidade de fazer da relação um objeto explícito de observação, de negociação e de contrato na tese da não identificação entre analistas e atores; enfim, a necessidade de reconhecer que a pesquisa constrói um caminho artificial que pode ser analisado somente se se é capaz de metacomunicar com ele (MELUCCI, 2001, p. 163).

Os atores, tanto observador como observado, estão impregnados, imersos em sua cotidianidade, são possuidores de uma biografia. Afetos, experiências individuais, sensibilidade e significados fazem parte desta relação. Muitas vezes, esquecemos esta interação e buscamos explicações para o que os outros pensam, ou mesmo tentando ressignificar seus próprios significados. Para Melucci (2001, p.162), “a ação pode ser, em si mesma, um objeto significativo da pesquisa, mas superando explicitamente as premissas dualísticas que estão na base dos métodos de pesquisa correntes [...]”.

Nesta pesquisa, o primeiro desafio foi encontrar o objeto de estudo. Envolvida com as dificuldades de diálogo entre alunos/as e professores/as, inconformada com os rótulos impostos aos alunos/as busquei inicialmente refletir sobre o conceito de indisciplina e os valores que ela subentende e cultiva. Queria encontrar algo que encorajasse minha crença de

que a escola poderia ser pensada como local de encontro e diálogo de culturas, pois, como professora, estava e estou cansada das críticas à escola como uma instituição criada para garantir uma ordem racional e universal e que, para isso, teria sufocado a afetividade e se fechado para o mundo.

Mergulhando nas leituras, principalmente textos da professora Marília Sposito, fui compreendendo que, para entender o/a aluno/a, tinha que conhecer o jovem. Após um percurso de estudo, reflexão, discussão do projeto com o orientador, colegas e as professoras integrantes da banca, na defesa do projeto, defini, então, trabalhar com os jovens fora do espaço escolar. Para isso precisava saber o que faziam, a que tipo de grupos pertenciam e que significado tinha o grupo para esses jovens. Já sabia que a música era um fator agregador dos jovens em Santo Antônio da Patrulha, pois o número de bandas³⁶, para uma cidade pequena, chamava a atenção.

Comecei a fazer um levantamento, a partir de observações nas escolas de Ensino Médio da cidade, de conversas informais com jovens, um debate que realizei em novembro de 2001, com minhas alunas do curso de magistério, meus registros como moradora na cidade e conversas com integrantes das bandas que conhecia. Por indicação dos próprios jovens, cheguei a uma banda religiosa e, a partir daí, encontrei os grupos religiosos e me surpreendi com a alegria, afetividade, respeito e diversidade entre eles. Estes foram momentos de intensa reflexão sobre meu fazer pedagógico; na aproximação dos jovens pensava, constantemente, nos meus alunos. Era, no dizer de Melucci (2001), como se eu estivesse, muito timidamente, aproximando-me no *não visível*.

Nessa trajetória de observações, conversas e depoimentos que fui coletando, passei a ter uma lista de grupos, predominando os religiosos e musicais, localizados no centro e na periferia da cidade. Comecei a realizar entrevistas coletivas com alguns grupos, observá-los nos ensaios, apresentações e encontros. Mas ainda não sabia com quais grupos desenvolveria a pesquisa e que recortes faria.

Continuava o trabalho de campo no qual fui percebendo um sentimento muito forte de pertencimento ao grupo, com muito significado para o que faziam. Acabei definindo não

³⁶ Usarei a terminologia bandas para conjuntos musicais.

trabalhar com um estilo musical, pois eram muito variados e poucos grupos em cada estilo, considerando o próprio tamanho da cidade. Também me incomodava a idéia de pesquisar somente grupos religiosos, deixando de lado toda a riqueza que percebia nos grupos musicais.

As entrevistas coletivas foram ricas à medida que possibilitaram recolher uma diversidade de pontos de vista sobre as experiências dos jovens patrulhenses, permitindo o confronto de posições que ocorreu num clima de muito respeito. Os encontros coletivos que reuniram jovens de grupos musicais e religiosos constituíram-se em momentos de aprendizagens, fazendo emergir, de ambas as partes, sentimentos e emoções que aproximaram alguns jovens. Já, nas entrevistas coletivas com cada grupo, foi possível o confronto de interpretações entre os jovens das mesmas experiências vividas no grupo.

As entrevistas individuais possibilitaram maior aprofundamento das questões que emergiam ou eram provocadas, além de trazerem à tona experiências que tínhamos vivido como aluno/a e professora. Foi, portanto, um momento de reflexão para o pesquisador e os jovens pesquisados.

A partir do predomínio de grupos religiosos e musicais, optei por dois grupos: uma banda de *rock hardcore* e um grupo da *Pastoral da Juventude*. O primeiro encontrei por indicação de integrantes de outras bandas, com um estilo que desconhecia existir na cidade. Conhecia três dos quatro jovens que formavam a banda. Dois tinham sido meus alunos no Ensino Médio, e o outro conhecia devido aos comentários preconceituosos de pessoas da cidade. Era a única banda de *hardcore* da cidade (conhecida por mim) e, nos primeiros contatos, fui ficando encantada com a diversidade de ações que faziam, as opiniões reflexivas que desenvolviam e a rede de amizades que tinham, a partir do pertencimento à cena *underground*. Alguns tinham sido meus alunos, e eu não sabia deste movimento; por outro lado, a cidade não conhece essa face desses jovens. Pela aparência e estilo de som que tocam e ouvem os rotulam de maconheiros e loucos. Isto era o que eu sabia deles.

O segundo grupo encontrei-o, também, por referência de jovens ligados a uma banda religiosa chamada *Kairós*. Era considerado o grupo da *Pastoral da Juventude* mais antigo da cidade – sete anos de existência com encontros semanais. Também aqui encontrei antigos/as alunos/as do Ensino Médio. Participando dos encontros, fui percebendo neles o que tinha lido sobre juventude, a respeito da fragmentação, multiplicidade, convivência em grupos,

construção de sentido, provisoriedade, agregações por escolhas e uma exigência do valor do presente. Era um grupo que me instigava e surpreendia. Como grupo da *Pastoral da Juventude* deveriam ter uma forte relação com o padre. Porém, havia atritos. Geralmente são do Partido dos Trabalhadores; neste, havia representantes do PPB e PMDB, além do PT; por ser um grupo da Igreja Católica, subentende-se que fossem todos católicos, mas havia uma menina que era evangélica; geralmente os grupos sobreviviam de um a dois anos. Este estava completando oito anos de formação, contando com os primeiros jovens que haviam organizado o grupo. Muitos jovens já tinham passado por este grupo. Os cinco primeiros continuam no grupo até este momento, 2003. Enfim, havia algo de inusitado naquele grupo.

Escolhidos os grupos, foi necessário definir, no interior de cada um deles, os jovens a serem pesquisados, objetivando refletir sobre como a vivência em grupo promove práticas educadoras e constrói identidades positivas.

Diante das limitações de tempo, procurei não ampliar muito o número de jovens com os quais desenvolveria as entrevistas e que me acompanharia até o final da pesquisa. No grupo de *rock*, optei por dois meninos que demonstraram um grande envolvimento com o estilo e a cultura *underground*. No grupo da Pastoral, optei por duas meninas. Uma era coordenadora da *Pastoral da Juventude* em Santo Antônio e ajudou a formar o grupo *JOMISP*; a segunda faz parte da coordenação diocesana da Pastoral e é liderança das ações da Pastoral na cidade.

Neste sentido, procurei diversificar a amostra considerando o gênero, idade, funções, liderança, religião e música, e não fiz recorte de classes, pois, a partir do relato acima, percebi que os meninos ligados ao grupo musical eram de classe média e as meninas do grupo religioso eram de classes populares. Ao definir uma classe estaria excluindo um dos grupos e não pretendia, pois com estes grupos intensifiquei o encantamento pela pesquisa e encontrei uma diversidade que colocava em xeque visões dualistas e preconceituosas da juventude. Se os adeptos do *rock* eram considerados maconheiros e loucos, os jovens da pastoral eram vistos como *papa-hóstia* e *padrecos*.

No tratamento dos dados referentes às entrevistas individuais e coletivas, utilizei uma variável empírica, - pertença ao grupo - que emergiu no contato com os grupos, e variáveis construídas - família, trabalho, escola - como um caminho de aproximação das vivências dos

jovens. As falas certamente frutificaram para além do que foi possível tecer, mas é preciso tempo para fazer-se pesquisadora.

Durante a revisão do texto da dissertação, preocupou-me a escrita dos nomes das bandas e os muitos termos que os entrevistados usavam nas entrevistas gravadas. Por isso ofereci a eles o texto final para que lessem suas falas e as reflexões feitas. Quando me devolveram o texto, explicaram-me as mudanças que se resumiram no acréscimo de palavras como *alguns*, *de alguns*, *quase todos*, *um deles*, *parece*. Percebi que a preocupação era não generalizar assumindo posições deterministas e discriminatórias. As justificativas que apresentavam para os pequenos acréscimos provocou-me uma emoção, pois aqueles jovens demonstravam uma forte consciência de que o homogêneo não existe e que é possível o diálogo na diferença.

Na fase final da pesquisa, concluídas as entrevistas com os jovens pesquisados, algumas interrogações emergiam. Qual seria o cenário cultural dos jovens dos grupos musicais e religiosos? Suas leituras, opções de lazer, idade... Aproximavam-se dos jovens com os quais estava realizando as entrevistas?

Decidi elaborar um questionário com questões abertas e fechadas, aplicável em jovens integrantes de grupos de música e religião. É preciso esclarecer que não busquei com isso, elaborar um perfil dos jovens. Ao contrário, o questionário constituiu-se em mais um recurso para possíveis problematizações.

Percorri as quatro escolas de Ensino Médio do município, nos turnos da manhã, tarde e noite e, após obter consentimento da direção da escola, reunia-os em um local, indicado pela direção, e aplicava pessoalmente o questionário. Anteriormente, falava sobre a pesquisa que estava realizando, procurando sensibilizá-los para responder todas as perguntas e, por fim, explicava o questionário.

A partir da listagem dos grupos que já tinha localizado anteriormente, apliquei o questionário também nos jovens não estudantes de Ensino Médio, mas integrantes dos grupos. Alguns localizei nos ensaios e encontros, outros procurei em suas casas. No final, 130 jovens responderam o questionário.

A tabulação dos dados foi realizada no programa Excel.

A aplicação deste instrumento constituiu-se num movimento de pesquisa interessante, pois o acesso a um ponto de agregação coletiva dos jovens (meu local de trabalho), na fase final da dissertação, fez emergir um conjunto de indagações sobre a tensa e interessante relação professor-aluno/a. Ao circular pelas escolas de Ensino Médio da cidade, acabei conversando e observando alguns jovens no espaço escolar. Às vezes, o questionário foi aplicado na biblioteca e pude observar alguns alunos que realizavam trabalhos. Naquele momento, fiquei pensando que acompanhar alunos nos trabalhos que desenvolvem nas bibliotecas escolares daria outra dissertação, talvez sobre o sentido do trabalho escolar: os comentários, a divisão de tarefas (que ficava sempre para um), as brincadeiras, a forma como realizam as consultas bibliográficas e o registro das idéias retiradas dos livros, geralmente a encargo de um estudante. E a pesquisa transcorria junto a uma diversidade de assuntos. Perguntava-me sobre o sentido das coisas que fazemos na escola ou solicitamos que os alunos façam. Senti uma alegria muito grande naqueles alunos que observei no pátio e na biblioteca das escolas e imaginei aqueles alunos envolvidos numa atividade escolar e realizando-a com tal alegria.

Conversando com estes jovens, descobri que muitas bandas, localizadas no início da pesquisa, tinham mudado de nome e formação e novas bandas existiam. No contato com os jovens das escolas, conheci outras bandas religiosas e, o mais surpreendente, descobri uma segunda banda de hardcore – a *Thes Houting*³⁷ que não estava na minha relação.

A aplicação do questionário foi um movimento interessante também porque experimentei um outro instrumento de pesquisa. Mesmo explicando sobre a pesquisa e seus objetivos, senti que muitos respondiam perguntando para o colega do lado, deixavam em branco as questões que tinha *por que* e, muitas vezes, diziam *não sei por que escolhi esta resposta*.

Nos capítulos sobre o cenário da pesquisa, juventude e contemporaneidade e nas conclusões, apresento alguns dados referentes ao questionário aplicado e, nos anexos, alguns gráficos elaborados, a partir da tabulação.

³⁷ A banda *Thes Houting* é composta por jovens moradores da Cohab – periferia da cidade. A outra banda de hardcore – Scream Noise integra jovens de classe média e classes populares.

As filmagens realizadas durante a pesquisa com a autorização dos jovens pesquisados, resultaram num vídeo lançado no I Fórum da Cidade, em maio de 2003. Não foi um trabalho profissional, mas uma tentativa de disponibilizar aos jovens um material sobre as bandas e os encontros de jovens, pois em muitas ocasiões solicitaram as fitas para olhar as filmagens.

3.2 ENTREVISTA: ARTE DA ESCUTA

Os caminhos foram cheios de dúvidas e incertezas ao realizar uma pesquisa numa cidade pequena onde todos me conhecem e conheço todos. O que esperavam do trabalho aqueles que aceitaram conceder as entrevistas, os que aceitaram participar da pesquisa?

Preocupada com as questões éticas, pois *peessoas não são papéis* (AMADO, 1997) e sabendo que tudo aquilo que escrever poderá lançar luz ou sombra sobre as pessoas, procurei explicitar os objetivos das entrevistas e os possíveis usos que faria, sendo fiel não apenas às palavras dos entrevistados, mas ao sentido da entrevista, ou seja, que arte de si os entrevistados tentavam construir.

No evento da entrevista, é importante pensar nas questões relativas à memória que, como mostra Halbwachs (1990), nossas lembranças são íntimas e exclusivas, mas, em realidade, elas são resultantes da nossa convivência com os outros. Tudo o que lembramos é parte das construções coletivas do presente; o nosso passado chega até nós pelas representações coletivas que estão no presente. Portanto, para Halbwachs (1990), a memória é social e interativa. Lembrar não é um ato isolado, mas provocado por pessoas ou coisas. A memória não é somente o ato de lembrar, muito menos depósito/banco de dados. Myriam Santos (1993) diz que memória não é só lembrança; um depósito que, quando é estimulado, apresenta as imagens como se fosse uma fotografia. Lembrar e esquecer convivem o tempo todo num movimento seletivo entre passado e presente. Nas palavras de Myriam Santos (1993, p.72) “memória não se reduz à reconstrução do passado no presente, ou a determinações do passado sobre o presente”, pois somos seres de relação e interação que lembram e esquecem a partir de processos complexos e contraditórios.

Importante para o pesquisador seria, então, questionar, constantemente, o sentido que um relato está querendo produzir. Por que oculta coisas e enfatiza outras? Assim, “lembrar e

esquecer adquirem significado mais amplo em sua especificidade histórica” (SANTOS, 1993, p. 72). Ou seja, a memória não pode ser pensada fora de um tempo e de um espaço. Em outras palavras, não podemos nos descuidar das razões pelas quais as pessoas constroem suas memórias. Nas palavras de Thomson (1997, p. 57):

as histórias que relembramos não são representações exatas de nosso passado, mas trazem aspectos desse passado e os moldam para que se ajustem às nossas identidades e aspirações atuais... Reminiscências são passados importantes que compomos para dar um sentido mais satisfatório à nossa vida, à medida que o tempo passa, e para que exista maior consonância entre identidades passadas e presentes.

Realizei as entrevistas preocupada com tais questões. Lia e relia os textos sobre memória, entrevistas e a relação pesquisador/ pesquisado. Procurei fazer contato prévio com os entrevistados marcando, com antecedência, as entrevistas e considerando os seguintes tópicos: identificação do pesquisador, do projeto e seus objetivos, do tipo de informações que seriam coletadas e o caráter social da pesquisa. Deixava que eles definissem o local da entrevista, mantendo-os à vontade para seu depoimento. Porque as memórias são também afetivas, é importante criar um ambiente propício à sua emergência.

Inicialmente, não gravei as entrevistas. Escrevia o que era possível e, no período imediatamente posterior ao contato com o entrevistado, registrava as impressões da entrevista. Passei a gravar quando defini os grupos e os jovens com os quais desenvolveria a pesquisa. Houve o propósito de fugir dos excessos de diretividade. Conversas informais, entrevistas abertas, entrevistas com roteiros flexíveis e entrevistas gravadas.

As entrevistas coletivas foram realizadas com os grupos dos jovens pesquisados, mas também com integrantes de diferentes bandas e grupos religiosos da cidade. Observar jovens com pensamentos tão diferentes discutindo idéias e sentimentos em relação à vida e à cidade, constituiu-se em grandes momentos de aprendizagens e muitos questionamentos. Perguntava-me se teriam uma atitude de respeito com idéias contrárias a sua em outros espaços, para além do cenário de uma entrevista.

Nas entrevistas individuais gravadas, um conjunto mínimo de indagações era elaborado para sustentar o diálogo com os jovens. No entanto, muitas foram as ocasiões em que a conversa tomou rumos completamente diferentes do planejado. Houve momentos em que a

entrevista era um embate pelo encaminhamento da narrativa pois, muitas vezes, interessava que o entrevistado estendesse seu relato sobre determinados temas, embora o mesmo insistisse em discorrer sobre outros. Foi difícil entender que quando falavam de música estavam, na verdade, falando de si.

É certo, como diz Pais (1993), que a informação que nos é dada nas entrevistas não nos dá a *realidade* dos indivíduos, mas as entrevistas são importantes não apenas pelo que elas nos informam sobre a realidade, mas também sobre o que elas nos informam em relação a quem opina. Nas palavras do autor:

não é apenas importante saber se o que os jovens nos dizem corresponde ou não à realidade (isto é a realidade que geralmente se pensa ser 'real'). É também importante ter acesso a outra realidade: a que resulta da forma como os jovens descrevem as suas próprias realidades, seja essa descrição isenta ou não de distorções voluntárias ou involuntárias (PAIS, 1993, p. 83).

A função da entrevista parece pretender chegar ao não visto, ou como assinala Pais (1993, p. 82) chegar ao *entrevisto*. “O entrevistado é justamente o ‘visto imperfeitamente’, o ‘mal visto’, o apenas ‘previsto’ ou ‘pressentido’”.

Durante o trabalho, questão da *devolução* da pesquisa, foi tema de constantes indagações. Que importância teria para as pessoas da cidade uma pesquisa sobre jovens? Influenciaria nas políticas públicas? Teria alguma influência na vida dos entrevistados?

Ciente de que esta troca não ocorre somente ao final da pesquisa, percebi que, talvez, o trabalho *desse* voz a estes jovens, apresentando para a cidade outros pontos de vista. Isso explicava a receptividade às entrevistas? Por outro lado, não havia um estranhamento, pois muitos me conheciam e outros haviam sido meus alunos.

Durante a pesquisa cresceu o carinho pela cidade e pelos jovens, pois a forma como aceitavam minha presença e as propostas de discussão com grupos até então separados, em função das diferenças de interesses e preferências musicais e religiosas, fez com que um sentimento de satisfação acompanhasse a pesquisa. E muitos desses jovens acabaram se envolvendo nos propósitos da investigação, sugerindo fóruns permanentes de discussão,

retorno do Fórum Estudantil, alternativas de participação nas decisões da cidade, atividades que congregasse diferentes expressões da cultura juvenil, entre outras coisas.

Procurei realizar as entrevistas numa atitude aberta a muitas variáveis de *como as coisas podem ser*. Acabei me fazendo na arte de escuta, pois todos os jovens com quem conversei enriqueceram minha experiência, e cada entrevista representou uma aprendizagem. Na verdade, depois de ouvir muitos jovens e com eles conversar em profundidade, adquiri uma percepção diferente de meus alunos e de minha atuação de professora. No dizer de Melucci (2001), a pesquisa é um processo auto-reflexivo.

As entrevistas foram momentos de reflexão e fico com a sensação de que poderia ter mergulhado mais profundo nos mesmos temas de forma a perceber novos ângulos, pois, a cada nova entrevista, um leque de questões se abria.

Como moradora da cidade, a preocupação era transformar em estranho aquilo que era familiar e, por outro lado, transformar em familiar aquilo que parecia estranho à primeira vista. Nesta perspectiva, as entrevistas se revelaram num reencontro com a cidade e com a minha vida. Com os jovens, redescobri a cidade e a escola.

4 PROCESSOS EDUCATIVOS DOS JOVENS PESQUISADOS

Por muito tempo o processo educativo foi unilateral, centrado no adulto e restrito ao espaço institucional. Porém, as redes da vida estabelecem outros contextos e contornos educativos para além dos horizontes pedagógicos. Amplia-se a noção de educação para o conjunto das práticas sociais, reconhecendo-se a multiplicidade de fatores que produzem as identidades.

Domínguez (1995) considera que o universo educativo é amplo. Em consenso com outros autores (LA BELLE, 1982; SCHÖFTHALER, 1981; TRILLA, 1986.), propõe três formas de educação: *formal, não formal e informal*. A educação não formal refere-se à atividade educativa organizada fora do sistema escolar, que é o formal. A educação informal é ao longo da vida, a partir da qual cada pessoa adquire e acumula conhecimento, desde a experiência diária e por convívio no ambiente.

Para a UNESCO (1979, p. 91) a *educação informal* é o

Processo educativo que transcurre a lo largo de la vida de un individuo en forma permanente, consistente en la adquisición de habilidades, valores, desarrollo de actitudes y conocimientos provenientes de la vida diaria, de las influencias educativas y recursos de su próprio medio ambiente, provenientes de la familia, el vecindario, el trabajo, la recreación, los medios de comunicación y en general de su ambiente social.

A *educação informal* seria a ação educativa, um processo formativo que ocorre informalmente, no sentido de não se ajustar a formas determinadas, ou como diz Trilla, (1986) oculta sua forma educativa. Carrano questiona essa trilogia *formal, não formal e informal*, considerando rígida para dar conta da mobilidade social. Ele questiona:

Muitas ações não escolares de natureza educativa são marcadas por alto nível de formalização, enfraquecendo assim o conceito. Da mesma forma, seria possível que práticas escolares fossem realizadas sem nenhum tipo de informalidade? São, de fato, os contextos sociais, onde se processariam a educação informal, imune a elementos de formalização ou ritos educativos? (CARRANO, 1999, p. 14).

A partir das relações que se mantêm com o entorno social, cultural e ecológico constroem-se vivências nem sempre educadoras, no sentido da ética e da justiça. Talvez se devesse desmontar esses conceitos de formal, não formal e informal, integrando os três âmbitos e potencializando ações educadoras com possibilidades de transformação, e a educação considerada não formal não se constitui de formalidade e informalidade?

O importante é que esta discussão rompe com a exclusividade da escola como espaço privilegiado de acesso ao conhecimento, e o jovem não é só o aluno da escola. As práticas sociais que ocorrem nos mais diferentes espaços incorporam-se ao conceito de educação. A noção de educação escolar não dá conta da multiplicidade de situações educadoras que fazem da vida um mosaico de cores. Conhecer os processos educadores dos jovens é tarefa que se impõe à escola, como forma de desenvolvimento da cidadania democrática e construção de sentidos para o fazer pedagógico.

• Situando os tópicos deste capítulo

Tendo como pano de fundo os referenciais teóricos que sustentam esta pesquisa, procura-se, neste capítulo, desenvolver um diálogo a partir da voz dos atores, onde o vivido, observado, sentido se entrelaçam com os autores que apoiam esta pesquisa. O conjunto de dados composto por documentos, transcrições das entrevistas, imagens em vídeo e fotos, registros do diário de campo foram sendo constantemente revisitados de modo a fundamentarem as análises que foram feitas.

A forma de apresentação deste diálogo não segue uma estrutura rígida. O texto vai descrevendo os jovens e explicitando algumas percepções que cada um tem sobre si e sobre o mundo.

Para desenvolver essa reflexão sobre as práticas educativas juvenis, traz-se as experiências socializadoras de duas jovens e dois jovens, sem o objetivo de recuperar a história de vida, mas deixar que os jovens se expressem por meio de seus depoimentos, permitindo que cada um se revele no seu próprio discurso. São apresentadas, também, considerações sobre o *hardcore* e a *Pastoral da Juventude* como forma de contextualizar as vivências dos jovens pesquisados.

No diálogo com Sabrina, faz-se referência às reflexões sobre a entrevista, como um evento em si, uma interação permeada de muitas influências, pois foi o principal recurso utilizado nesta pesquisa. Nas entrevistas com Sabrina foram realizadas tentativas de explicitar, de forma reflexiva, a relação entrevistador/entrevistado.

No primeiro item deste capítulo, há alguns momentos importantes, resultados de uma revisitação ao diário de campo e algumas considerações sobre os grupos dos jovens da pesquisa.

4.1 CONVIVÊNCIA COM OS GRUPOS

O trabalho de campo foi uma aprendizagem fundamental, pois a convivência com os grupos constituiu-se num processo de reflexão sobre meu fazer pedagógico. Estar com os jovens nos ensaios e montagens de peças de teatro, assisti-los nos *shows*, nas missas, nos encontros de jovens, nas discussões sobre os mais diversos assuntos, observá-los aos domingos, sempre em grupos, ocupando determinados espaços da cidade – em frente à velha cooperativa, próxima à RS 30 – trouxe aproximações com a alegria, a indignação, o desejo, a vontade de vida, a esperança, o sonho e as tristezas destes jovens patruhenses.

Estar com os jovens tornava-se, cada vez mais, um prazer, mas não sem constrangimentos, pois era difícil a tarefa de conciliar diferentes papéis: o de mãe e pesquisadora. Era preciso adequar-se aos horários de ensaios, encontros e entrevistas

definidos pelos jovens, sem contudo descuidar das atividades com filhos e trabalho. Nem sempre isso foi possível. Aos poucos, começou-se a perceber que não se poderia acompanhá-los em todos os espaços de circulação; os constrangimentos, as dúvidas e as dificuldades se colocavam como limitadores de um mergulho mais profundo no cotidiano destes jovens. Assim, o trabalho de campo foi um processo de constante reflexão sobre a vida pessoal, profissional e da prazerosa, mas difícil, tarefa de pesquisar grupos juvenis fora do espaço escolar. Qualquer aproximação com os percursos e trajetórias dos jovens era também pensar sobre os próprios caminhos. Tudo isso faz parte da construção de pesquisadora em permanente processo de aprendizagem reflexiva.

Das incursões com os jovens destacam-se alguns momentos, como o dia 23 de março de 2002, um dia quente, quando, em uma sala escura do teatro Qorpo Santo de Santo Antônio da Patrulha, o grupo *Ninguém pediu mas nós chegamos* prepara-se para mais um ensaio. Sentados no chão, comendo batatinha, eles combinavam o trabalho de expressão corporal. Um belo diálogo entre eles foi acontecendo; passavam o texto extenso, com palavras de difícil compreensão, e as cópias não eram muito legíveis. Desenvolviam a leitura com entonação, correção e disciplina. Surgiu a pergunta: fariam isso na sala de aula, ler um texto imenso com tal envolvimento? Após a leitura, comentavam o texto, combinavam o cenário, as roupas, as expressões dos personagens, as cenas. Tudo parecia ter muito sentido e significado para eles.

No dia trinta de março de 2002 foi a vez de um grupo de jovens do *Jaú – Jovens Unidos em Cristo (JUC)* visitar um asilo. Os jovens chegaram com sacolas de presentes. Foram cumprimentando os vovôs, conversando naturalmente, apertando a mão de todos e fazendo brincadeiras. Perguntavam o nome dos velhinhos e diziam o seu, alisavam as mãos dos vovôs e visitavam os que estavam nos quartos. Após, sentaram nos bancos, dispostos em baixo das árvores, em frente ao asilo e começaram a tocar violão e cantar. Convidavam os vovôs para tocar e cantar músicas de seu tempo, até que um deles buscou um violão e combinou uma música com um dos meninos do grupo. Foi uma bela imagem, sentados, lado a lado, o jovem e o vovô cantavam e tocavam *Mocinhas da Cidade*.

Participou-se, também, do encontro do grupo *Jovens Missionários da Paz (JOMISP)* em 30 de abril de 2002. Muito alegres, iam cantando, tocando violão e conversando. Nos momentos de reflexão, o silêncio era grande. Incrível como eles passam de um momento de

brincadeira para um momento de reflexão tão rapidamente. Interessante, também, a forma como eles realizam as censuras, firmes, mas diferente dos adultos.

Aconteceu, no dia 28 de junho de 2002, o encerramento do *Retiro de Jovens com Cristo (REJOC)*. Que loucura o *REJOC!* Eles se emocionam, rezam, falam de família. No encerramento, todos cantam e abraçam seus/suas pais/mães. Fotografei esses abraços, *olhares, sensibilidade, toques*. Pais e filhos pareciam estar numa sintonia de gerações. Naquele momento, percebe-se o quanto a escola está distante deste mundo deles. Os jovens organizaram o encontro para jovens. E ali estavam jovens em situações de drogas, roubos... Na Igreja, encontravam acolhida. É auto-ajuda? Reflexão? Afeto?

Também no dia 17 de agosto de 2002, aconteceram os *shows* das bandas na *Festa do Sonho, Cachaça e Rapadura e 15ª Moenda da Canção Nativa (MOENDA)*, em Santo Antônio da Patrulha. No palco de rua ocorreram *shows* de diferentes estilos de músicas, com bandas de *rock go's, reage, pop rock, nativista, folclore* (boi de mamão de Santa Catarina), *orquestra, pagode, MPB, música açoriana, hardcore, forró, som praieiro*. Todos foram aplaudidos. Uns mais, outros menos, mas nenhum vaiado. E os jovens respondiam bem a todos os estilos. Percebeu-se o olhar avaliativo de uma banda para a que estava no palco. Parecia existir uma linguagem do olhar entre eles.

A banda do Daniel (*Scream Noise – hardcore*) não quis tocar na Moenda, porque diz que seriam vaiados. As pessoas da cidade teriam tal atitude? Como eles se vêem? Como pensam que são vistos pela cidade? Seriam vaiados? A banda de *rock Nosferatu*, de Osório, fez uma crítica aos meios de comunicação usando palavras *fortes*, faziam um som *pesado* e ninguém reagiu, vaiando.

O que fascina nestes grupos musicais é o contraditório: têm uma visão reflexiva das coisas, muito politizados e críticos. Ao mesmo tempo, parecem se fechar para o que é diferente deles e condenam o preconceito.

Houve a participação em um do galeto do grupo *JOMISP e do GALERA*, no dia 7 de setembro de 2002. O galeto era para arrecadar fundos para organizar um encontro de jovens em SAP. O galeto estava muito bom, no ponto. Muitas saladas, arroz, aipim e, de sobremesa, uma bifê de tortas oferecido pelos jovens dos grupos.

Fizeram uma decoração bonita destacando o nome do *JOMISP* e do *GALERA* e uma referência ao aniversário de seis anos do *JOMISP* e um ano do *GALERA*.

Chamou a atenção a afetividade entre eles e entre os jovens e as famílias uns dos outros. Muitos abraços longos. Cada um que chegava cumprimentava todos e as famílias. Cantaram o Pai Nosso de mãos dadas com as famílias, antes de começarem o trabalho. Todos foram convidados para este momento. Organizaram-se para a distribuição de tarefas, cada um fazendo a sua parte, a fim de tudo correr bem.

No dia vinte de setembro de 2002, realizou-se uma entrevista com um jovem músico, que foi muito importante, pois aprofundou as reflexões sobre o grande número de bandas de música existentes em Santo Antônio da Patrulha – uma cidade pequena do interior com tantas bandas e de estilos tão diferentes. Está transcrita aqui a entrevista como um momento sensível e reflexivo do trabalho de campo.

A Banda *eRamos 3* é formada por Joselito, Tássio, Lucas, Renato, Guilherme e Paulinho. Formou-se no dia 23 de março de 2000, quando Joselito recebeu um convite para tocar no bar *Pororoca*, localizado em Santo Antônio da Patrulha. Convidou o Tássio e o Lucas. A partir daí, continuaram tocando e, um ano depois, entraram os outros. O nome ficou definido no dia do primeiro *show* (*eRamos 3*; os três jovens tinham sobrenome Ramos), criado pelo Joselito.

Tocam MPB, e o Joselito já compôs dez músicas com letra e música de sua autoria, e a inspiração para as letras são as experiências de vida, as viagens, a turma e as festas.

Tássio, Joselito e Renato já estudaram música. Os outros aprenderam sozinhos. Não costumam fazer ensaios, a não ser quando a música é da banda. Fazem uma lista de músicas e se encontram no palco. Dizem que sempre deu certo, pois se entendem muito bem. Já realizaram shows em Santo Antônio da Patrulha, Osório, Mostardas, Tramandaí, Arroio do Sal, Caraá, Torres e Porto Alegre e o mais significativo foi no *Sótano da Moenda*³⁸, quando estavam reunidos grandes nomes da música e a *eRamos 3* estava tocando.

³⁸ Sótano é um dos bares do município freqüentado pela juventude. Durante a MOENDA, organiza uma programação especial, por isso, durante o festival chamam-no de o Sótano da MOENDA.

No palco, sentimos que a festa depende de nós. Tu tem que estar bem para aquilo andar. Não temos ambição. Gostamos de tocar juntos. A banda é onde eu toco o que eu gosto. Com os outros é mais profissional e com a banda é como se eu estivesse em casa. Nos conhecemos bem. O maior retorno para mim de tudo isso é a popularidade. Eu vivo da música e sou conhecido pela música. Todos os lugares tem alguém que já viu a banda.

Joselito e Renato são os únicos que vivem da música. Costumam se encontrar com outras bandas, principalmente de Porto Alegre e, nestes momentos, o assunto é música. O grupo de amizade gira em torno da banda que começou pela amizade. Na entrevista, contou um pouco de sua percepção da cidade e como é ser músico numa cidade do interior.

Para mim, que sou músico, a noite em Santo Antônio é fraca. Circulo pelo centro (dia), noite, os bares da Borges e, à tardinha a Porto Emerim, em função das caminhadas. Não vou em bailão e reunião dançante pelo tipo de música. Santo Antônio não é cidade para músico. A banda é minha realização. Sou um profissional da música e tenho que fazer tudo que é bico para sobreviver, mas a banda é a minha realização. O projeto futuro da banda é gravar um CD sem compromisso de fazer sucesso. Santo Antônio é uma cidade que tem pouca atividade cultural. Poderia ter mais eventos culturais. Em POA, tu vai na Casa de Cultura sempre tem alguma coisa, na redenção sempre tem alguém tocando, pintando. Aqui é ir para frente da cooperativa. Eu vou porque os meus amigos estão lá, mas não gosto, pois é a prova de que não tem nada para fazer. Na cooperativa tem uma tradição. Alí foi uma passagem, é um lugar movimentado e bom de estacionar e tem um barzinho de conveniência. Tem aqui os jovens que gostam de andar de carro, arrumar namorada e ir nos bailão. Carro é falta do que fazer. Podem fazer uma faculdade e não fazem, pois o pai tem um negócio e fica por isso mesmo. Vejo bem separado a turma que pensa prá frente, que lê, ouve uma boa música. Minha turma não são os que vão em bailão, que colocam som no carro. Escutamos coisas boas, lemos coisas boas. Eu não sou mais do que ninguém e para mim era um horror ter que tocar no bailão. Mesma coisa sempre, não evolui e de vez em quando dá uma briguinha. Ia porque tinha que tocar. Vejo entre os jovens uma divisão não de territórios, mas de quem dá valor para arte. Santo Antônio tem uma diversidade de estilos de bandas. Acho que a Moenda influencia muito. São 15 anos deste festival. Me criei no meio do tradicionalismo e com a Moenda comecei a diversificar os estilos. A Moenda é muito importante para Santo Antônio. Traz a cada ano shows que nunca teríamos oportunidade de assistir.

Joselito traz a importância da *MOENDA* da canção como uma atividade que incentiva os jovens a organizarem bandas e aprofundar os conhecimentos sobre música. Faz uma divisão dos jovens de Santo Antônio da Patrulha a partir da inserção em atividades culturais e do comportamento. Traz uma demarcação que é bem forte entre os jovens da cidade: *peçoal*

dos bailões e os outros, evidenciando divisões. O que muda são os critérios dos desencontros. Mas não seria possível pensar essa demarcação numa rígida divisão de classe, pois os bailões são frequentados por jovens de diferentes segmentos, predominando os trabalhadores das fábricas. Interessante é que a composição das bandas, na sua maioria, agrega jovens de diferentes partes da cidade – centro e periferia – e classes sociais. Arriscaria dizer que os grupos musicais aproximam os jovens, mas parece que outras divisões são criadas.

Muitos depoimentos dos jovens de bandas de música transformaram-se em tribuna para as críticas em relação à falta de opções de lazer e cultura na cidade. A proximidade com a capital amplia a consciência desta falta de atividades culturais. Por outro lado, reconhecem a *MOENDA* e o teatro como eventos de grande importância para o público jovem. A *MOENDA* abre espaços para novas bandas, pois o palco de rua é destinado às bandas locais e regionais.

4.1.1 Os grupos dos jovens da pesquisa

O Grupo de Jovens Missionários da Paz (JOMISP) – fundado em 1996, por seis jovens de Santo Antônio da Patrulha, é um grupo com diretrizes próprias, pois, em 1998, desligaram-se do *Encontro de Jovens com Cristo (EJC)*, constituindo-se como um grupo de Paróquia, ligado à comunidade em que vive.

As regras do grupo são os quatro *s*: sinceridade, seriedade, sigilo e semanal.

O *JOMISP* assessora um outro grupo juvenil chamado *GRUPO GALERA @.COM JESUS*, com encontros semanais (sábado, 16h). Promovem ações comunitárias, palestras em escolas, organizam encontros de jovens em Santo Antônio da Patrulha e no Litoral e ajudam na missa do quarto domingo de cada mês.

Segundo eles, o grupo tem algumas questões polêmicas relacionadas à aceitação da figura do padre e política (simpatias se dividem entre PT, PPB e PMDB). Dizem ter outras diferenças, mas que não são polêmicas; ao contrário, consideram o ponto forte do grupo, no sentido do respeito.

Nas entrevistas coletivas, sempre falavam do sentimento de família que os unia. Todos tinham suas atividades, mas, nos finais de semana, voltavam ao convívio do grupo, quando partilhavam as alegrias e tristezas. *(Na hora das intenções, sabemos tudo o que aconteceu com cada um. Ana, 18 anos)* Lembravam sempre que a amizade, o namoro e a religião são os elos de ligação do grupo, ou seja, o grupo é um espaço de formação pessoal e social onde a vida acontece em todos os sentidos. No grupo, aprendem o sentido da amizade, da solidariedade e do respeito com os outros e consigo mesmo.

Participantes do grupo hoje:

A, 22 anos, coordenador do *JOMISP*, estudante e estagiário de Arquitetura na UFRGS.

L, 22 anos, vice-coordenadora do grupo, estudante de Administração na Faculdade de Administração de Osório (FACAD), trabalha na Secretaria Paroquial da Igreja Matriz de Santo Antônio da Patrulha.

F, 22 anos, estudante de Administração de Recursos Humanos na UNISINOS, trabalha na Metrovias.

J, 20 anos, estudou até a 8ª série, operário na fábrica de calçados Daiby.

D, 20 anos, Ensino Médio completo, não está estudando devido às condições financeiras e não tem emprego.

A, 25 anos, estudante da *EJA* na Escola Estadual Profª. Gregória de Mendonça, não trabalha.

F, 24 anos, concluiu o supletivo na escola Estadual Profª. Gregória de Mendonça, está desempregado e é o único do grupo que mora no interior de Santo Antônio da Patrulha. Diz que jamais pensou em participar de um grupo de Igreja. Achava coisa de *babaca*. Ele diz:

Depois que entrei no grupo, minha vida mudou muito. Vim achando que era uma coisa e é outra. No início, eu tinha um pé atrás com todos. Eles de roupa nova, carro, e eu com uma moto velha. Entrei no grupo num momento difícil da minha vida. Já passei por muitas Igrejas, morei na rua, trabalhei

com coisa da “pesada”, não tenho medo de nada e hoje tô parado, no sentido de acalmar a revolta e graças ao grupo. Sábado é do grupo.

M, 18 anos, trabalha no posto de gasolina Texaco, em Santo Antônio da Patrulha, estudante do Ensino Médio na Escola Estadual Santo Antônio.

R, 24 anos, estudante da *EJA* na Escola Estadual Profª. Gregória de Mendonça e recentemente desempregado.

A, 18 anos, estudante de Turismo em Taquara (FACCAT), não trabalha. É evangélica, mas participa do grupo da Igreja Católica. Diz: “acreditamos nas mesmas idéias e participo também do *Grupo Jovens Evangélicos (JESA)*.”

A Banda Kairós – A banda *Kairós* surgiu a partir de quatro jovens que tinham participado do *Retiro de Jovens com Cristo (REJOC)*, alguns ligados aos Vicentinos. A idéia era formar uma banda para animar os encontros de jovens. Os convites para cantar nas missas foram ficando comuns e a banda foi-se firmando como religiosa, tocando, principalmente, nos encontros da Renovação Carismática, nas missas e encontros de jovens. Organizaram um repertório de 104 músicas e criaram quatro músicas.

A oração, a reflexão, a conversa amiga, a leitura da Bíblia, a pipoca, o café, o vinho e os sorrisos faziam parte dos ensaios. Como diz Sabrina: *Também éramos um grupo.*

O primeiro encontro com Sabrina foi no início do trabalho de campo, quando ela estava com muitos planos para a banda; segundo, quando deixava a banda e ingressava na *Pastoral da Juventude*.

O nome *Kairós* significa momento de graça e foi sugerido pelo padre, que acompanhava a banda, quando de sua formação.

4.1.2 A Banda de rock hardcore Scream Noise e Ornitorrincos

A banda Ornitorrincos (alusivo ao mamífero ornitorrinco; palavra estranha, exótica passando uma idéia de ser non-sens- sem nexo) é formada por Gustavo, Daniel, Diego e Zé (os dois últimos são de Porto Alegre); a banda Scream Noise (barulho gritado) começou com o

Daniel, Gustavo e Maurício e hoje é formada por Gustavo, Daniel, André, Cuca e Julhem (os dois últimos, de Osório).

Daniel lembra com nostalgia da formação da banda *Scream Noise*, ocorrida em 1997. Ele e mais dois amigos de infância, Gustavo e Maurício, com 14 anos, começaram a gostar do som, mas achavam que nunca poderiam ter uma banda. Começaram a escutar o som hardcore e viram que não precisavam saber muito. Conta que começaram a comprar instrumentos usados (bateria de uma Igreja Evangélica) e, *no segundo ensaio, já compomos nossa música*. Sobre a banda Daniel comenta:

Nossa primeira apresentação foi na Escola Gregória, e o nome da música era foda-se. Na hora, a professora pediu que mudássemos o nome da música e ficou exploda-se.

O momento mais significativo da banda foi quando tocamos com a banda "No Violence" e "Muqueca di Rato". A banda "No Violence" mudou a minha vida. Para mim foi a primeira banda de hardcore nacional independente. Com eles comecei a me interessar por cultura independente. Gostei muito da letra e som.

O maior retorno para nossas vidas desta atividade são as amizades. Poder compartilhar, pessoas que tu nunca viu e quando tu vê te tratam como se te conhecesse há tempo. Te recebem bem.

Já gravamos fitas e diferentes CD de coletâneas. O futuro da banda é continuar tocando, tocar fora, lançar um CD e fazer mais amigos.

Diego e Daniel têm opiniões diferentes sobre a importância da banda. Para Diego

O hardcore é um grande questionamento, pois tu fala as mesmas coisas para as mesmas pessoas. As que já sabem. Será que não é melhor gravar músicas mais comerciais com letras políticas? Mas acho que hoje sabemos que ninguém vai mudar nada. Antes pensavam que sim. Hoje é mais por amizade, viagem e na banda tentamos passar algo positivo. Hoje a luta é diferente. A pessoa está na banda mais para se divertir. Hoje tu leva mais a sério as amizades, pois tu não tá mudando nada, fala as mesmas coisas para as mesmas pessoas.

Daniel discorda e diz que *quando tu cria um mercado independente tu está fazendo algo*. Foi interessante observá-los discutindo e cada um tentando firmar seu ponto de vista. Daniel

extremamente preocupado em provar que participar da cena *undergrroud* era lutar por mudanças, e Diego enfatizando mais o convívio e as amizades.

Não fazem *shows* fora do espaço *normal* dos *shows hardcore*. Fizeram isso e na segunda música cortaram o som, e as pessoas vaiaram.

Dizem que o cara é drogado, louco que só berra, que as bandas são cachorreiras, que é música de louco. Então a gente abre mão, não tocamos. Já nos convidaram para tocar na MOENDA, mas não vamos. A gente é incompreendido... Na família também eu nem falo que tenho banda. Digo que é só brincadeira, que não toco mais, me mantenho bem discreto... Meu pai e minha mãe me dão apoio. É mais primos, parentes mais afastado....

Gustavo, André, Diego e Daniel iniciaram o ano de 2003 com projetos de uma terceira banda que denominaram de *Facção Três Listras*, onde pretendem compor músicas criticando o gaúcho. Para fazer parte da banda, convidaram o Renato que é do grupo musical *Criado em Galpão*, que toca músicas gaúchas, estilo completamente diferente das bandas dos jovens citados.

Foi estabelecido com Daniel um diálogo sobre as razões de tantas bandas, que está transcrito na íntegra:

C – Por que tantas bandas com as mesmas pessoas tocando um estilo musical?

D - Por que cada banda tem que seguir um padrão, que nem uma peça de teatro, não tem os grupos de teatro que cada vez fazem uma peça diferente? Mais ou menos parecidos. Peças de estilos diferentes que vão abordar, vão fazer indagações diferentes nas pessoas, então mais ou menos é com a música; se o músico ficar preso sempre a uma coisa só, ele não vai conseguir se auto-realizar, as vezes, eu acho legal tu fazer experimentações diferentes porque a música, como qualquer arte, não pode se bitolar só numa coisa...

C - E qual a temática das letras ?

D - A gente gosta sempre de falar coisas que prestem, porque, normalmente, hoje, a música não fala coisa que preste, fala ou é só dança ou é só “sexismo”, ou é só machismo, ou são coisas infantis.

Então a gente procura passar uma mensagem positiva, que questione, porque o papel da arte é esse, é contestar.

C – Há diferença de uma banda para outra?

D - Não, é basicamente as mesmas coisas, são abordagens diferentes.

A “Ornitórrincos” é mais irônica, sarcástica; a “Scream Noise” acho que sempre foi mais séria, mais politicamente correto, fala de alimentos transgênicos, fala de racismo, de várias coisas...fala de jovem.

C - E a “Facção Três Listras”?

D - É mais uma brincadeira falando do Rio Grande do Sul. Falando do pessoal que quer separar o Rio Grande do Sul, fala do machismo que o gaúcho impõem, tipo uma ironia a nós mesmos.

Em fevereiro de 2003, um encontro com Maurício – jovem que participou da formação da banda *Scream Noise* e hoje mora em Porto Alegre, onde trabalha como professor de inglês. Conversou-se a respeito da pesquisa que vinha desenvolvendo e ficou combinado continuar a discussão via e-mail. Enviava algumas perguntas e ele mandava as respostas. Num e-mail ele escreveu um comentário sobre a banda *Scream Noise* que está transcrito aqui:

A união do Daniel com o Gustavo era bem óbvia, pois os dois sempre escreveram e gostavam das mesmas músicas. A primeira banda deles, a “Scream Noise”, representa bem o seu nome: um grito. Um grito que diz “Estamos aqui, somos politizados e inteligentes; não queremos simplesmente crescer, casar ter filhos e morrer tranqüilamente. Queremos fazer história”. O fanzine juntou a mente aguçada dos dois, expandindo ainda mais suas fronteiras pessoais e, por conseqüência, as próprias fronteiras culturais de Santo Antônio da Patrulha. Acho isso extremamente positivo e essencial. Eles estão no caminho certo.

Entre projetos e sonhos, estes jovens vão recriando espaços onde a música é a linguagem privilegiada para expressar idéias e emoções. As letras escritas por Gustavo e Daniel expressam estes sentimentos:

BANDA SCREAM NOISE-2001

BERGAMOTA DE PÊSSEGO

*Plásticos sugerem plásticos
com intermédio frágil
de papelão inútil.*

*Fábricas de isopor controlam palhaços
distorcidos e obstinados.*

*Bergamota de pêsego
lágrimas perpétuas
bacterologia indínina.*

*A pomba espedaça
o fumo do corvo*

Esta música aborda, de uma forma poética, os males da biotecnologia, dos transgênicos e outras males tecnológicos (Daniel).

BANDA SCREAM NOISE 1998

VIDAS PERDIDAS

*Vidas perdidas, veias cortadas
sentimentos mortos*

Ai-5, 64.

A dor continua

pais não voltam, filhos não vistos.

Em benefício da nação, subversivos se vão.

*Vamos arrancar as estrelas dos ombros dos generais
e devolvê-las ao céu.*

Esta música fala sobre os anos de chumbo... (Daniel)

4.2 A CENA PUNK HARDCORE

A música tem assumido um espaço importante na vida dos jovens, ocupando a centralidade do dia-a-dia e colocando-se como uma linguagem que expressa um jeito de ser

jovem. Por meio da música, constroem uma pertença coletiva que, muitas vezes, coloca-os na cena pública, pois muitos não são apenas consumidores, mas produtores culturais.

O fenômeno do *rock 'n' roll* aproximou, mais ainda, a música da juventude criando um estilo que envolvia roupa, som, letras e comportamento, transformando-se numa linguagem quase universal. Dayrell (2001, p. 23), comenta que

A partir da década de 70, ocorre maior diversificação das expressões juvenis. A relação música-visual-vida foi adquirindo cada vez mais visibilidade, tanto pela expansão quanto pela diversificação dos estilos, ganhando uma importância maior para a identidade juvenil.

O *hardcore* com um ritmo rápido, letras curtas e interpretações *agressivas*, tornou-se acessível a muitos jovens que buscam formas de expressão de sentimentos, sonhos e desejos. Com quatro notas, compõem músicas, cuja preocupação central é a mensagem passada na letra, não importando como se toca, mas o que se diz e por que se diz.

O *hardcore* é um termo que diz respeito à mutação que o *punk* sofreria na Inglaterra³⁹, durante o final dos anos 70. Kemp (1993) compõe um quadro do movimento *punk* após a fase inicial e diz que, a partir de 1978, os *punks* voltam para a obscuridade. Depois de 1978 a 1981, organizam um movimento não-visível com gravadoras alternativas, uma rede de correspondência, discussões políticas, troca de experiências e os fanzines. Começam a se articular de modo *underground* e o *punk* excêntrico, com roupas sado-masoquistas, pinturas vampirescas, dá lugar a um visual proletário, rude, com cabelos curtos ou moicanos, com discurso politizado contra o capitalismo e combatendo o consumismo. É o *hardcore*.

Em meados dos anos 80, o *hardcore* tornou-se unanimidade entre os skatistas, pois o *ritmo rápido e passado* estimulou o estilo de andar de *skate*.

³⁹ O movimento punk surge na Inglaterra, no contexto da crise econômica inglesa da década de 70, que marginalizava os jovens dos subúrbios londrinos. A banda *Sex Pistols* foi o primeiro grupo de rock a quem foi atribuído o rótulo de punk. Era um novo tipo de música que trazia junto uma postura diferente frente ao mercado musical e às questões sociais. Segundo Kemp, “o punk rock mexeu no cenário profissional e seletivo que dominava a música, criando um circuito underground mais democrático, que contava apenas com a vontade que cada um tinha de expressar-se e participar da cena” (p.33). Queriam uma música que refletisse seu dia-a-dia e que pudesse ser tocada por qualquer um. Na mídia, os punks apareciam resumidos às atitudes dos integrantes de algumas bandas, principalmente os *Sex Pistols*. Apareciam nos noticiários como indivíduos violentos, sujeitos anti-modas. Em 1978, a imprensa decreta a morte do movimento *punk*.

Silva (1995, p. 35) faz o seguinte comentário sobre o *hardcore*:

Lembro-me de 1985, em meus primeiros contatos com o som *hardcore*, eu já escutava punk há algum tempo e, mesmo assim, assustei-me um pouco, achei muito “pesado” e “rápido”, mas, aos poucos, fui me acostumando e há muito tempo é o ritmo de que mais gosto [...] o *hardcore* realmente assusta os nossos ouvidos, pois a música “imposta” via indústria cultural “vicia nossos ouvidos”, tornando os gostos mais pré-dispostos a aceitar certos ritmos (escolhidos por “eles”).

Os *Sex Pistols*, a partir de 1977, foram responsáveis pela lição radical do *faça-você-mesmo* demonstrando que era possível criar alguma coisa fora da indústria cultural. Essinger (1999, p. 61) diz que:

No calor da explosão *punk*, a Inglaterra começou a gestar um fenômeno que se propagaria com grande repercussão pelas décadas seguintes: a cultura pop alternativa. Selos fonográficos independentes, fanzines, lojas para vender aqueles discos que os *megastores* não ousariam pôr em suas prateleiras, casas de show para bandas com propostas anti-mainstream...Tudo isso, que era rascunho de sonho desde a época dos primeiros *rockers*, teve sua concretização a partir do *punk*.

O *hardcore* faz parte de uma cultura *underground* que rompe com a cultura de massa e cria uma rede onde o jovem participa da criação da notícia e dos meios de divulgação. Cada um pode escrever o que quiser e da forma como quiser. *Shows*, campeonatos, encontros, *boca a boca*, vídeos, CD, demo, filmes, *fanzines* são formas que garantem um espaço de liberdade para criar e agir conforme suas opções. Não querem acabar com o capitalismo ou fazer revoluções, mas sua importância é fundamental, pois leva a sociedade à reflexão, sobretudo os membros que dela fazem parte.

O lema do movimento *punk* - *Faça você mesmo* - sintetiza a idéia de criação de um espaço de produção dos jovens, articulando referências para projetos individuais e coletivos.

O movimento punk explode no Brasil nos anos 70, influenciado pelos *Sex Pistols*, *Ramones*, *The Clash*, *Exploited*, *UK Subs*, *Black Flag*, entre outros, que entram no Brasil via São Paulo. Um dos marcos fundadores foi o festival *Começo do Fim do Mundo*, quando os *punks* declararam em manifesto público: “Nós estamos aqui para revolucionar a música popular brasileira, pintar de negro a Asa Branca, atrasar o Trem das Onze, pisar sobre as

flores de Geraldo Vandré e fazer da Amélia uma mulher qualquer”. (Clemente Tadeu, vocalista da banda *Os Inocentes*)

O anarquismo é a fonte de inspiração do movimento *punk*, que se reproduz nas letras das músicas, nos textos escritos, nos símbolos usados e na perspectiva de vida. Segundo Caiafa (1985), o *punk* grita de maneira direta, sem hipocrisias, critica a falsidade do poder e seus mecanismos de legitimação. Questionam o consumismo, a propaganda, a religião, a violência, o racismo, as guerras, as drogas, a fome. Reproduzem a esperança e o desencanto, frente a uma realidade que consideram ameaçadora dos espaços de criação e liberdade.

Para Arce e Manuel (1999, p.116), “O *punk*, contudo, é um projeto de vida que aposta em uma humanização das sociedades e retoma palavras de ordem fundamentais: ‘Aprendemos a nadar no mar como peixes, a voar no ar como pássaros, mas não aprendemos a viver na terra como humanos’(Irmandade Punk)”. Com referências diretas ao cotidiano, os *punks* construíram formas alternativas de circulação de informações, onde falam, escrevem, cantam, desenham o mundo na perspectiva da humanização e da autoria. O *fanzine* é um exemplo disso.

4.3 GUSTAVO E DANIEL: ENTRE O RITMO E A POESIA

Para desenvolver essa reflexão, busca-se, nas entrevistas realizadas com Gustavo e Daniel, os elementos para discutir a identidade juvenil, tecida no palco da vida, onde a poesia, a leitura e a música têm um lugar especial.

Gustavo e Daniel são os patruhenses mais conhecedores do *hardcore*. Em Santo Antônio, o grupo *punk hardcore* é pequeno, mas tem uma grande importância na cena. Organizam *shows*, editam *fanzines*, comunicam-se com pessoas de diferentes países (carta e e-mail), vendem/trocam CD de bandas internacionais, têm entrevistas em *fanzines* de São Paulo, Vitória, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Gravataí, São Borja e já receberam material da Malásia, África do Sul, Finlândia e Espanha.

4.3.1 Gustavo: tecendo a vida com poesia

Gustavo, um poeta que escreve desde os oito anos de idade, estuda muito o anarquismo, tem uma forte consciência política, considera-se ateu e conhece muito das religiões. Em todos os encontros, houve receptividade. Através dele, percebeu-se a importância do trabalho dos poetas patruhenses, pois este jovem - Luís Gustavo - discriminado pela música que toca, pelo que estuda - anarquismo - pelo jeito de se vestir, encontra uma acolhida no grupo de poetas que reúne pessoas das mais diferentes idades e classes sociais.

É moreno, alto, usa cavanhaque, roupas simples com destaque para a cor preta. Tem uma voz forte e é muito disponível para longas conversas. É simpático, calmo e, nas entrevistas, concentrava-se oferecendo todo o seu tempo. Muito diferente do jovem que se apresenta no palco com uma guitarra, tocando hardcore.

As entrevistas eram realizadas na sua casa numa sala ampla com três ambientes: uma sala com um sofá grande e dois pequenos; a segunda tinha sofás, uma lareira e um balcão; o terceiro ambiente constituía uma sala de jantar. Em um canto da sala existiam sempre muitas coisas de crianças: andador, barraca e outros brinquedos. Havia muitas fotos da família em porta-retratos, colocados em cima de um balcão; muitos quadros de paisagens pendurados bem no alto com fio de pescaria. Um lustre imenso no centro da grande sala dava um ar aristocrático para o ambiente. Havia muitos arranjos de flores artificiais em diferentes pontos da grande sala, e as mesas, pequenas e grandes, estavam todas com toalhas brancas de renda.

Gustavo é o primeiro filho de seis (quatro meninas e dois meninos). Tem vinte e quatro anos e vive na casa de seu pai e de sua mãe, com seu filho de dois anos e sua companheira. É guitarrista da banda *Scream Noise*, baixista da banda *Ornitorrincos*, vocalista da banda *Facção Três Listras* e fanzineiro, tendo editado dez *fanzines*.

O pai é médico, e a mãe trabalha nas rotinas diárias da casa. Iniciou seus estudos numa escola particular e concluiu na escola pública – Supletivo. Na 6ª série, sofreu um acidente de ônibus e enfrentou muitos problemas; parou de estudar e, depois, teve uma reprovação. Na 7ª série, continuou apresentando problemas de saúde e novas complicações advindas do acidente. Ficava pouco tempo na sala de aula, pois as dores de cabeça obrigavam-no a se

afastar. Conta que os colegas diziam que ele inventava as dores para não ficar na aula. Fez muitas cirurgias e ficou dois anos fora da escola. Quando tentou voltar, a escola achou que ele estava muito grande para cursar a 7ª série. Foi então para a escola pública e concluiu seus estudos no Supletivo, onde teve uma reprovação, em História, por infreqüência. Diz que sempre sabia a matéria e uma vez perguntou: *Professor, não vai falar da Ilíada de Homero?* E o professor respondeu: *Não, aqui é Supletivo.* Em 2001, iniciou curso de Direito, mas, em 2002, cancelou por problemas financeiros.

Numa das últimas entrevistas, já em 2003, foi pedido que Gustavo fizesse uma apresentação, como ele se identificava. *Eu acho que eu sou... sei lá como eu sou. Desde os oito anos eu escrevo, publiquei meu livro com oito anos, até hoje eu escrevo, eu acho que eu sou um pouco diferente das pessoas no jeito que eu me vejo, na sociedade assim, eu comecei a fazer fanzine, tocar em banda, meu pensamento político também, tem muita coisa diferente.* Interessante que as primeiras palavras que utiliza para falar de si estão relacionadas à escrita. Viaja no tempo e traz do passado algo que o define hoje. Mais do que jovem, é um poeta. Perguntado se ele se define com punk, responde:

Eu até não gosto muito de usar a palavra punk, até porque eu poderia me definir por atitude punk. Se eu chegar no meio de alguns punks que estão lá na praia agora, ou em Porto Alegre, eles vão olhar torto pra mim achando que eu sou boy ou metido. E aqui em Santo Antônio as pessoas acham que eu sou punk, pelo visual, aí eu sofro preconceito dos dois lados.

Conta que ter uma atitude *punk* numa cidade do interior é muito difícil, pois as pessoas olham diferente e

Acham que tu usa drogas, claro, eu fumo cigarro e nos finais de semana bebo cerveja, mas estão falando no sentido de drogas pesadas (ilícitas) e tudo isso por causa do visual, da roupa que tu usa. Se tu vai num show straight-edge, a maioria tatuados, vegetarianos, não comem carne e nada que venha dos animais (vegan), e o som é pesado e são totalmente contra a qualquer tipo de drogas. Um dos maiores festivais de bandas de hardcore é o Vergadura em São Paulo, para mais de 1.500 pessoas e no cartaz dos shows está escrito: por favor, sem cigarro e sem álcool.

Hoje há uma discussão sobre o que é ser punk. É visual e atitude? Muitos dizem que sou punk, porque “sou” do faça você mesmo, estudo anarquismo, gosto de som hardcore e... outros dizem que não sou, porque não tenho visual. Nos show, os punks me olham e me acham careta, porque me visto normal, não uso tatuagem... Em Santo Antônio, me acham louco: cavanhaque, barba, calça caindo, jaquetão.... Julgam muito pelo visual, e os punks também, porque tem muitos que usam o visual para chocar e não sabem nada dos símbolos que estão usando, não sabem nada de política, ficam só pedindo esmolas, discriminam também.

Visual por visual o supla tem e todo mundo acha que o Supla é punk, se o “Supla” é punk então... É, eu penso assim, eu acho que tem que ter em primeiro lugar atitude. Todo mundo tá lá falando em anarquia se ninguém sabe o que é. Os caras falam absurdos, não tem idéia nenhuma, nem noção. Claro que tem muitos que sabem mesmo, tem um monte de ativista espalhados pelo mundo todo.

Gustavo anuncia as divergências presentes no movimento *punk*, deixando claro que precisam romper idéias estabelecidas, ou seja o preconceito existe, também, junto aos *punks*, distinguindo quem conhece o movimento, de quem só usa o visual. De certa forma, o visual marca o distanciamento da cultura de consumo e, no caso de Gustavo e muitos outros jovens, uma dissidência com idéias do próprio movimento *punk*. Dito de outra forma, estas clivagens fazem parte do movimento. Isso ajuda a não endeusá-los, mas a respeitar as formas de expressão e o sentido que dão às suas vidas a partir destas vivências.

Gustavo reconhece a família como espaço de diálogo para as suas questões: *Minha família é tudo. Tem coisas que eu não converso com os amigos, converso mais com meu pai. Acho que só na família encontro acolhida.* Sempre deixou claro que a família é o lugar onde explicita os dilemas da sua vida, sentindo-se aceito e incentivado a compartilhar as leituras e idéias da cultura *underground*. Demonstra ter uma relação muito forte com o pai, que também é escritor e com quem encontrou os livros sobre anarquismo indicados nos textos dos *fanzines* que lia. Fala no pai como um aliado, um canal que faz sua ligação com o mundo adulto. Todas as suas poesias, contos e textos são lidos por seu pai antes da publicação. Gustavo e seu pai publicaram poesias em 30 coletâneas literárias.

Ressalta que a namorada o acompanha, mas não gosta muito do som *hardcore* e reclama que os amigos só querem falar sobre banda e política... Atualmente, ela trabalha no Baiúka bar e Casa da Colônia - um restaurante que serve o café açoriano e vende produtos da terra.

Gustavo resume sua rotina diária na seguinte formulação:

Quase todos os dias eu fico trancado no escritório, lendo, escrevendo, escrevendo crônicas, contos, poesia, e também recebendo e mandando cartas pra diversas partes do país, é tudo sobre as bandas que a gente gosta e também outras coisas como protestos, grupo político-anarquistas. Gira em torno da escrita e da leitura. Mas não só isso, tem meu filho... Também, às vezes eu gosto de ver filme underground... Filmes Trash B, ou shows de bandas. Nos outros dias eu nem sei se faço alguma coisa. Eu também faço histórias em quadrinhos, tiras humorísticas. Eu fico dando tiro pra tudo quanto é lado, eu não sei se eu acerto alguma coisa, mas tento fazer de tudo um pouco.

Busca, no som *hardcore* e nas idéias que circulam o mundo *punk*, formas de expressão de sentimentos em relação ao mundo e construção de espaços de visibilidade, através dos quais vai articulando uma identidade própria que se faz no encontro com os amigos, na música, na poesia, no jeito de dançar, na composição das letras, nas posições políticas, nas opções de leituras e na rede de amizade que constrói, a partir da cena *punk*.

Nas memórias das experiências escolares, destaca:

A escola não vai a fundo nos conteúdos e nas minhas opções de leitura e música não fui acolhido. Quando, aos oito anos, escrevi meu primeiro livro (escrito aos oito anos e lançado em 1989, quando já tinha 10 anos) a professora de Português disse: mas tu tens tantos erros de português... e os colegas riam de mim que meu pai é que tinha escrito. Acabei virando chacota. E, no mesmo momento, a escola municipal do Chicolomã (distrito do interior de Santo Antônio da Patrulha) incentivava os alunos a escreverem livros e vieram me procurar. Trouxeram seus livros para mim. Até hoje acham que eu não escrevo e já participei de mais de 30 coletâneas literárias. É que ficou institucionalizado que poesia tem que falar de amor, ter rima... e minhas poesias são diferentes. São modernistas, concretistas. Tem uma que o título é "silêncio" e não tem nada escrito.

Fala da escola como uma experiência distante de seus interesses, que pouco contribuiu para a sua construção como sujeito. Ler e escrever são as duas atividades fundamentais da sua vida. Entretanto, não encontrou acolhida na escola e, sim, na cena *punk*, cuja rede de comunicação (*fanzines*, cartas, e-mail), as bandas e as amizades construídas tornam-se referência na sua condição de jovem. Neste sentido, Gustavo reafirma uma identidade de poeta, também porque encontra reconhecimento de setores da cidade.

No conjunto dos depoimentos, Gustavo se refere à escola como espaço de regras que define tudo, principalmente o tipo de leitura. Chega a comparar com o tempo da Idade Média, quando a Igreja queimava os livros proibidos. Segundo ele, hoje não proíbem, mas apresentam a cartilha, os livros que devem ser lidos. Em outros momentos, enfatiza a presença de professores que gostavam de suas poesias, divulgavam seus textos e incentivavam suas idéias. Nestes momentos, ele recuava parecendo não acreditar que fosse possível falar de cultura *underground* no espaço escolar. Arroyo (2000) fala da distância que separa o mundo da escola do mundo dos alunos e mais difícil, parece ser, os professores perceberem as demandas destes jovens socializados na cultura *underground*..

Para Gustavo, entre os sonhos emergem as impossibilidades:

Criticar os outros é fácil, mas hoje quero escrever, quero pintar, quero compor músicas, fazer filmes, escrever textos de política, fazer tiras humorísticas, mas tudo tem que ter material e espaço. Posso ter tempo, mas não tenho dinheiro para comprar as tintas e pintar um quadro. Mas se tem espaço em um jornal tenho que escrever o que eles querem? Ou seja, na “linha editorial” do jornal. Procuo emprego, mas não consigo. Escrevo poesias, mas não servem para nada. Meu pai escrevia desde pequeno, e, aqui em casa, discutimos muito isso. Ele é médico e o tempo que tem é completamente sufocado pelo trabalho, não tendo espaço para realizar seus sonhos. Nas férias começou a montar seus livros que havia escrito há mais de 40 anos. Tenho um filho, e tenho que trabalhar, aí me dizem que eu vou ter dinheiro para comprar a filmadora para fazer meus filmes, as tintas para fazer meus quadros. Bem, aí eu penso....mas se eu estiver trabalhando quando vou fazer tudo isso? Entrou no trabalho, o sonho acabou. Dizem que sou daqueles jovens que não vai virar adulto nunca.

O trabalho não representa realização ou identificação com a vida profissional, mas reduz o tempo para fazer as coisas que considera fundamental e que estão relacionadas à cena *underground*, entre elas a edição dos fanzines, poesia, os filmes *trash* e os *shows* da banda.

Deixa evidente o desejo de moratória, de dilatação do tempo da juventude, garantindo maior tempo de fruição da vida e diferenciando-se pela possibilidade de criação. Neste sentido, parece que a imagem de adulto que alguns jovens constroem é muito negativa, ou seja, ser adulto é entrar numa lógica massificante de trabalho e compromissos. Uma crise vivida não na entrada da juventude, mas na saída.

Margulis (1998) se refere a uma moratória social da juventude que para os setores médios e altos se apresenta como um tempo socialmente legítimo, quando se postergam as responsabilidades econômicas e familiares, com mais tempo para estudo e consumo. Os jovens de setores populares também gozam de tempo livre, mas, em virtude da falta de trabalho, constituindo-se num tempo de culpa e impotência que os empurra para a marginalidade e a desesperança.

A passagem à vida adulta não é mais alicerçada no início da vida profissional, matrimônio ou à saída da família de origem. As indefinições do mundo do trabalho e a fluidez da cultura juvenil ampliam as incertezas e criam um tempo livre nem sempre socialmente legítimo.

Para Gustavo, a relação com o mundo do trabalho é de conflito, pois, mergulhado na filosofia anarquista, resiste às regras do sistema demonstrando grandes dificuldades de lidar com esta questão. Diz que procura trabalho, mas nunca corresponde às exigências solicitadas. Fez alguns *bicos* numa serigrafia e, perguntado se já sentiu preconceito nesta trajetória de buscas, responde que:

Muita gente tá procurando trabalho e consegue, outras não. O desemprego avassalador faz com que as exigências cresçam e criam mais dificuldades de se encontrar emprego. Você vai, faz uma ficha, aí te dizem: Mas precisa curso de computação, aí tu tem, mas então precisa não só do básico, tem que ter CÓREL DRAW, ou: mas tem que ter segundo grau completo, mas eu estou na Faculdade de Direito. Aí eu fui num escritório onde precisavam de pessoas que estudassem Direito e me disseram: mas tem que ter a carteira de estagiário para pegar processos no Fórum ou já tem que estar formado. E cada vez tem uma coisa nova. Eu estudando Direito, eu não me vejo envolvido nesta burocracia. Ontem eu, conversando com a minha irmã e ela tava me dizendo que tava pensando em entrar no sistema. Porque eu vejo amigos meus trabalhando na Prefeitura, um deles também faz Direito e ele conseguiu um emprego e agora ele tá filiado num partido da administração. Mas eu vejo que isso parece um tipo de pressão, porque tu tá trabalhando na Prefeitura, tu tem que ser do partido deles, mas se tu tivesse na época do outro prefeito, tu teria que ser do outro partido? Parece que é uma pressão, tu tem que ter a ideologia igual se não tu...

Gustavo sente as dificuldades do mundo do trabalho, tão presentes na realidade brasileira e convive, ainda, com o preconceito e os desafios de não aceitar a racionalidade do *sistema*. Por outro lado, investe quase todo seu tempo no estudo e produção ligados à cultura

underground, sem pensar numa perspectiva profissionalizante, o que seria contraditório com as idéias do movimento. Na verdade, gostaria de sobreviver da publicação de seus artigos e poesias, mas de forma independente, pois não quer escrever o que os outros querem ler. Talvez mais do que um jovem de atitude *punk*, ele seja um poeta e, como todo poeta, sonhador.

No final de 2002, Gustavo conseguiu um trabalho. Diz ele:

Comecei separando palmilhas ou limpando com solvente as que estavam erradas. Depois comecei a imprimir. Isto foi bom porque eu estava precisando muito. Comecei a dar valor para as coisas. Ia comprar alguma coisa e já achava um absurdo e dizia: nossa! pra comprar isto aqui eu tenho que trabalhar em pé dois dias, isto é um roubo! Tempos depois o contrato terminou. Gostava de trabalhar lá na Delta, mas minha rotina mudou. Trabalhava de manhã e à tarde e, às vezes, ficava até as 22h e quando chegava em casa só queria descansar, não conseguia ler, fazer nada.

Sente a importância do trabalho e tem consciência do dilema da relação tempo-trabalho. Nas entrevistas, fazia questão de afirmar que queria trabalhar, mas sabia das renúncias que teria que fazer. Comentava também que se sente participante com a elaboração dos *fanzines*. Mas tem críticas, pois se o trabalho assalariado tem regras e, às vezes, mecaniza a vida, o mundo dos *fanzines* não é muito aberto (*nos fanzines dá para divulgar bastante idéias, mas não pode ser muito aberto porque logo vira uma carta bomba*). Segundo ele, o movimento *punk* te fecha para o mundo e cria novas regras.

Eu acho que o punk era para chutar o balde, mas eles criam outras regras....aí tu chuta o balde de novo, e isso é difícil fazer também. O cara recebe críticas, e boas, do que acham que tá certo. Alguns punks de visual não aceitariam isso, tem que seguir as regras. Em um fanzine, tinha um texto falando de um encontro anarcopunk, se tu fosse anarquista tu não podia entrar, e se fosse só punk não podia entrar. Tem que ser anarcopunk, para eles discutirem o anarquismo dentro do punk, e queriam discutir sobre o visual, que é importante ter o visual... Pra mim isso é totalmente fora do anarquismo, tá escolhendo quem entra e quem sai. Dentro de grupos radicais que eu já ouvi falar que diz quem entra e quem sai. Porque às vezes tu quer deturpar, eu por exemplo, não tenho esse lance de ter visual, antes eu escutava metal. Tem um movimento anarcopunk, eles não querem só um movimento anarquista, ou só punk, eles querem o movimento anarcopunk. Mas têm pessoas que eu acho que estão fazendo a parte correta, que tã com o visual e estão fazendo alguma coisa. Fazem sopas comunitárias, etc.

Eles até tem as regras deles mas eles estão fazendo alguma coisa. Já em outros lugares é uma piçada com moicano e tão drogados e mais nada, mas eles estão com o “A circulado” (símbolo do anarquismo) dizendo que são anarcopunks, pra mim são só punks...

Fica evidente que Gustavo tem muitos pontos de divergência com o movimento *punk*, criticando posições, símbolos e atitudes de jovens que adotam coisas por modismo. Em seus depoimentos, aparece muita oposição aos jovens que usam roupas com símbolos anarquistas, nazistas, comunistas sem conhecer a história, o significado. Às vezes, usando lado a lado coisas que são contraditórias, busca fortemente se diferenciar dos jovens que apenas se submetem aos ditames da moda, mesmo àquela relacionada com a cultura *underground*. Neste aspecto, ele é muito crítico em relação à falta de leitura:

Pra um amigo meu de Porto Alegre eu disse que lia e ele disse que nunca tinha lido um livro na vida. Os caras acham que a gente tá doente mental. Parar para ler um livro? Coisa de maluco isso daí. As pessoas não lêem nada. Eu digo que escrevi sete, agora to terminando o oitavo livro. Ninguém quer saber, tem amigos meus que perguntam se eu escrevi alguma coisa nova. E eu digo que escrevi e eles querem ler, e acham legal, e os outros eu digo que escrevi tal coisa, e eles dizem: ah, tá. Ninguém tá nem ai. No underground nos shows, tem as banquinhas, botam CDs, os CDs vendem, hoje em dia a gente tá colocando livros, um ou outro, quando vê, cinco pessoas compraram o livro, mas aquele povo todo nem olhou os livros. Pra que livro, não foge a regra de ninguém ler livros.

Mais do que a cultura *underground*, a leitura e a poesia são eixos centrais de sua vida, muitas vezes, fazendo dos *fanzines* meios de divulgação de seus textos e poesias. Um pertencimento à cena *underground* diferente de Daniel que *mergulha* de forma mais encantada no movimento. Gustavo avalia tudo e se faz na reflexão, no questionamento e na poesia. Ao falar da importância do movimento na sua vida, mostra-se cauteloso:

Na verdade, quando eu ouvia metal, eu já pensava mais ou menos dessa forma, mas nunca fazia nada, eu só ouvia som e não misturava essas coisas, eu pensava dessa forma e ouvia som, que era o metal, essas letras que eu não dava bola. Ai quando eu falei pra uns amigos meus, punks, eles mostraram as bandas que nas letras falavam o que eu já mais ou menos pensava, ai eu vi fanzines, li coisas sobre isso, daí eu fui me influenciando cada vez mais. Começa assim com o tipo de música que tu ouve, a letra fala em protestos e tu começa a se influenciar.

Ele reconhece a importância do pertencimento à cultura *underground*, mas tem consciência que sua trajetória reflexiva situa-se num contexto de vida que envolve muitas instâncias, principalmente a da família. As vivências ligadas à cultura *underground* são momentos educativos, na medida em que possibilitaram a ele ampliar leituras, as relações de amizade, os posicionamentos políticos e o desenvolvimento da criatividade presente na elaboração de *fanzines*, textos e letras de músicas, atividades que demarcam claramente o pertencimento a esse circuito.

Falando do movimento em Santo Antônio da Patrulha, ele considera que os jovens se prendem mais na sonoridade, *(a galera acha legal o som pesado, dá energia e se sentem rebeldes)* Quando perguntado se os jovens que ouvem o som *hardcore* prestam atenção na letra, discutem o conteúdo da música, responde:

*Aqui em Santo Antônio o pessoal vai mais pelo som mesmo. A maioria (dos poucos) até prestam atenção nas letras, mas se a letra te passa uma mensagem, fala de problemas sociais como a *Scream Noise*, não chegam a levar realmente a sério. Bandas como o “*Raimundos*,” o “*Tequila Baby*”, que é mais comercial, falam de sexo, de coisas fúteis e eles acham legal também. Ouvem *Heavy Metal*, *Trash* e *Black Metal* com letras satânicas que falam mal da Igreja e cultuam o demônio. Gostam do som e acham as letras engraçadas.*

Diz que em Santo Antônio da Patrulha tem aumentado o número de jovens que ouvem *hardcore*, mas é o som pelo som, sem outros desdobramentos. Houve muitas adesões ao tipo de som, mas fazer *fanzines*, CDs, fitas, participar de movimentos poucos se interessam. Diz que *o fanzine prende mais o pessoal e quem só houve o som, aí é passageiro*. Enfatiza que com ele e o Daniel foi diferente; como eles dizem, *encarnaram o movimento*. Entretanto, a cultura do *rock* não conseguiu, nesta cidade, criar espaços públicos de encontros, o que não impede Gustavo de ser amigo dos integrantes das bandas de diferentes estilos:

Em Santo Antônio, a banda não tem lugar para tocar. Os bares não querem porque não dá retorno. Então, aqui a gente não consegue tocar e, lá fora, a gente toca para dizer que é daqui. Somos amigos de todas as bandas e nos

chamam de rapadureiros, porque levamos rapaduras⁴⁰ e atiramos para todos nos shows. No underground, as pessoas que escutam hardcore melódico não falam com os caras que escutam crust core, etc. A Scream Noise, nas primeiras vezes que tocou em Porto Alegre, sentiu uma dificuldade por ser do interior. Hoje furamos todas as panelinhas para tocar, pois o importante é a amizade. Lá muitas bandas são unidas, mas também outras que só querem prejudicar. Punks de moicanos só vi pular em bandas punks que usavam moicanos. As bandas do interior não dão bola para a mistura de estilos. Aqui em Santo Antônio as pessoas se conhecem, eu sou amigo de diversas pessoas que tocam em banda de pop, MPB, pagode, Forró, gauchesca, pessoal do terno de reis. Uma vez num baile, onde estava tocando o grupo daqui de Santo Antônio CRIADO EM GALPÃO, um deles falou meu nome no microfone: Gustavo da Scream Noise... e me jogaram uma camiseta do grupo. Várias vezes toquei fora de Santo Antônio com camiseta do CRIADO EM GALPÃO e o pessoal pergunta o que era aquilo, isso é uma banda? Que som toca? Punk ou hardcore? Quando eu falo ninguém acredita.

Na cidade de Santo Antônio da Patrulha, a música tem sido fundamental na socialização da juventude. Uma socialização que se faz mais no encontro do que no desencontro com o outro.

Vianna (1997) situa que a idéia de juventude explorada pela mídia e cultivada pela sociedade de modo obsessivo contribui para firmar práticas de sociabilidade voltadas para um circuito de festas e de lazer. Por outro lado, Carrano (1999, p.117) considera que “o lazer, entendido como um campo potencial de liberdade pode se constituir numa chave para o necessário equilíbrio entre a autoconsciência e a alteridade, elementos que considero fundamentais na constituição das sociedades democráticas”. Portanto, para os jovens, o contato com a música é lazer e reflexão sobre o mundo. Arce (1999, p.110) comenta que “os punks brasileiros, mexicanos ou argentinos, como muitos outros de diferentes países, iniciaram-se no movimento pela música”. Com isso, reafirma-se a importância da música como uma linguagem que representa mais do que fruição da vida. É também uma possibilidade educativa fundamental para os jovens. Não se quer, com isso, dizer que as práticas de lazer e fruição da vida não sejam educadoras. Ao contrário, o lazer é uma forma das pessoas experimentarem uma maior concentração sobre si. Portanto, muito educador.

⁴⁰ A rapadura, feita do caldo da cana, amendoim ou coco é o produto típico da cidade de Santo Antônio da Patrulha.

Nos depoimentos de Gustavo, muitos foram os momentos em que refletiu sobre o preconceito, presente no movimento *punk*, na cidade de Santo Antônio da Patrulha e na sociedade em geral. Para ele, isso tem relação com o som *hardcore*, com o visual, com as idéias que defende e sua condição de jovem sem trabalho formal. Dizia não se importar muito, mas voltava constantemente a este tema.

Tem muitas festa ai ... se tu vai num lugar, o pessoal na festa, tá todo mundo arrumadinho ninguém fala, e podem estar drogados. Mas se o cara colocou uma camiseta preta com o nome da banda, ah esse ai é maconheiro, não tem jeito. Em todo espaço quando eu me abro pra alguma pessoa, tem pessoas que ficam interessadas e escutam o que eu estou falando, - ah, eu não achava que era isso ai. "Eu imaginava vocês de outra forma". Eu me lembrei daquele filme do gurizinho com o dragão, que todo mundo tinha medo do dragão e quando vê o dragão é bonzinho, não tocava fogo nas pessoas. Quando eu digo que sou ateu as pessoas criticam muito. Acham que se eu não tenho Deus, então eu tenho o demônio; ligam maldade e bondade com religião. Eu assim... de roupa preta, tocando hardcore, cavanhaque acham que eu sou o mal, mas a bondade e a maldade são partes da natureza humana e não podem estar vinculadas à religião.

Em nome do preconceito recusam todos os convites para tocar nos eventos patrulhenses.

Perguntam pro Daniel se a gente quer tocar, mas eles não têm noção do que é o nosso som. Ai vendo todas as outras bandas daqui, todo mundo acha que é a mesma coisa, do tipo da pessoa que ouve o "Charlie Brown Jr" na rádio, acham que gente é roqueiro, vocês escutam "Charlie Brown Jr", a gente leva no nosso ensaio:- nossa, o que é isso?! E as letras políticas, criticas, quando vêem, não tem noção realmente do que é.

Pergunta-se: Como é ter uma banda, fazer um som e compor letras críticas, mas só apresentarem-se num determinado círculo?

Não ia dar ninguém, ou se tivesse lá todo mundo ia embora, ou iam apedrejar de certo, as pessoas não gostam, tem muita gente que vai por curiosidade, mas digamos que eu dou um pulo no palco com a minha guitarra, vão dizer que eu tô drogado. Aqui em Santo Antônio tem um amigo meu que tocava um som eletrônico, e ele faz uma cara estranha, os olhos

dele saltam, ele faz a voz com um pedal de distorção e fica uma voz eletrônica, daí eu vi uns caras comentando:- esse cara deve ter tomado heroína! Daí eu... esse cara só toma água, nem cerveja o cara toma, nem fuma. E os caras estão falando que o cara toma heroína. Porque o palco é um teatro, tu te transforma, as pessoas que não são músicos não vêem isso, tu pega o violão e fica parado tocando e tá beleza, mas tu quebra tudo, aí tu é drogado. É claro que é muita influência dos roqueiros dos anos sessenta e setenta que trazem consigo essa cultura de sexo, drogas e rock 'n' roll. Para tocarmos em Santo Antônio, tivemos que criar o MUTHA FUCKA FESTIVAL em 1997, ano que começou a banda. Antes só tínhamos tocado no festival de valores da Escola Gregória de Mendonça. Este ano (2003) o Daniel está organizando a quarta edição do Festival. Todas as vezes trouxemos diversas bandas diferentes; o primeiro foi no palco de rua do ginásio de esportes, o segundo foi no Clube Recreativo e teve grupos de teatro se apresentando nos intervalos de shows. A tarde teve bancas de zines, CD's , Demo-tapes e mostras de filmes B (trash). O terceiro foi na chácara do André (também guitarrista da Scream Noise). Neste teve acampamento, mostras de vídeos trash e debate com o centro de mídia independente e dois dias de shows. Neste próximo a idéia é ser três dias com todas as coisas que tiveram nos anteriores, teatro, debate, vídeos, comida vegetariana, materiais independentes. Na entrada, além do valor mínimo específico, apenas para pagar as bandas de fora também arrecadaremos alimentos que serão distribuídos nas instituições da cidade. Bom, mas não só aqui como em todos os lugares FAÇA VOCÊ MESMO.

Ao reconstruir suas experiências em situações de preconceito, ao mesmo tempo em que denuncia uma sociedade hipócrita que não aceita as diferenças, parece buscar uma explicação para os rumos de sua vida no presente, numa atitude passiva diante dos desafios econômicos e dos riscos de, por exemplo, realizar shows na cidade de Santo Antônio da Patrulha. Prefere, em nome do preconceito, anunciar a impossibilidade de ser compreendido. Ou, frente à estigmatização da sociedade, assume posições de grupos fechados como um recurso defensivo. Por outro lado, sente-se valorizado quando recebe homenagens como poeta patrulhense. Vive uma relação dupla com a cidade, entre preconceito, reconhecimento e tentativas de abrir espaços, pois o Festival Mutha Fucka pode ser considerado uma iniciativa autônoma que demonstra que as ações destes jovens, ligadas a música, vão além da pura curtição. A doação de alimentos parece emblemática de um desejo de aproximação e participação nas questões da cidade, muitas vezes afastados devido ao preconceito.

Na interação entre a música e a poesia, Gustavo se faz num processo reflexivo entre o reconhecimento de uma identidade positiva e uma identidade proscrita⁴¹. Para Arce (1999) os *punks* com adversários definidos, como o sistema, a guerra, o racismo, o maltrato aos animais, a repressão e fortemente vinculados ao anarquismo, foram objeto de proscrição por parte da sociedade.

O conjunto de depoimentos de Gustavo e Daniel e os textos que escrevem para os *fanzines* apontam para uma posição de abismo intransponível entre a cultura *underground* e as mercadorias culturais, condenando severamente os jovens roqueiros que alteram estilos para adaptarem-me ao mercado. Mas é possível pensar estes dois mundos tão separados assim? Não seria possível um diálogo entre estes *mercados*, pois o *underground* também tem o seu mercado, sem incorporação dos valores das grandes indústrias culturais? O que se questiona é a não consideração desta possibilidade, pois assumir posições dicotômicas e dualistas é, talvez, ficar no combate puro e simples.

Entre a instabilidade e a incerteza do mundo contemporâneo, os jovens fazem incursões com mapas provisórios e, nas fronteiras dos sonhos, anunciam a necessidade de serem escutados. Gustavo é um destes jovens. Entre o drama da escolha, a necessidade de mudar e o medo de fazê-lo, apresenta a poesia como expressão de sentimentos, projetos e utopias. (ver anexo poesia Lamentações Proféticas de Gustavo.)

4.3.2 Daniel: tecendo a vida com a música

Daniel é um jovem de vinte e cinco anos que vive sua condição juvenil, com tempo para dedicar-se ao trabalho, à música, aos amigos e ao coletivo,⁴² que já lançou um *fanzine* e uma

⁴¹ Identidades proscritas, a partir do que diz Arce (1999, p.147) “formas de identificação rechaçadas pelos setores dominantes, nas quais os membros dos grupos ou das redes simbólicas proscritas são objeto de caracterizações pejorativas [...] Entre essas identidades, encontramos agrupamentos políticos com posições ideológicas contrárias aos sistemas dominantes, grupos étnicos, grupos viciados em drogas, grupos religiosos, grupos nudistas ou alguns grupos ou redes juvenis, como foi o caso dos beatniks, dos pachucos, dos hippies, dos cholos, dos punks, dos chavos banda, dos funkeiros.” Cholos são jovens da fronteira entre o México e Estados Unidos. Organizam-se por bairros com ritos de iniciação e realizam murais e grafites com os quais delimitam seus territórios e costumam tatuar seus corpos com seus apelidos ou com os nomes dos bairros aos quais pertencem.

⁴² Coletivo é a denominação para produtora cultural. Preferem não usar este nome, pois diferentemente de outros grupos produtores de bens culturais, os grupos *underground* negam a indústria cultural dominante.

demo. A música preenche seu cotidiano e dá sentido a ele, e é em torno dela que elabora os seus projetos de vida.

As entrevistas individuais eram realizadas na biblioteca da sua casa, um local amplo, com muitos livros, discos de vinil, CD, TV, Vídeo, som e amplos sofás. Ali se conversava, ouvia-se seus discos e CD preferidos, conhecia-se suas leituras e material que conseguia nos shows e viagens. Foram momentos interessantes, nos quais se aprende um pouco sobre o que é ser um jovem de atitude *punk*.

Em uma das entrevistas, pediu-se que ele se apresentasse. Disse:

Eu sou o Daniel, e eu me acho um jovem normal. Por que um jovem normal? Eu acho que o jovem tem que ter esse espírito contestador, esse espírito de tentar do jeito dele, por mais ingênuo que seja gritar para que ele mesmo escute, nem que o grito dele volte para a parede e volte para o ouvido dele. Mas eu acho que o cara que não faz isso não é jovem. Eu fico triste vendo essa juventude de hoje, eu estava comentando com o meu pai, que na época dele a juventude era muito mais capaz de fazer transformação. Hoje em dia, parece que se deu uma estagnação. A gente estava comentando, se tu for ver historicamente, no Brasil, o jovem sempre teve esse papel, a UNE, por exemplo, antes da ditadura militar, subiu o preço da carne, subiu o preço do feijão, eles iam lá para rua atirar pedra no palácio. Então faziam várias pressões para que as coisas melhorassem e voltassem ao que eram. Então a juventude se criou uma estagnação, claro que a grande mídia colabora nisso, criando jovens massificados, a se inspirarem na mídia, a se inspirarem na novela, a se inspirarem na Malhação, no “Sandy e Junior”. Então o jovem que quer ser jovem realmente, que quer se portar como um jovem e não como um adulto, carrancudo, que quer ser adulto antes do tempo, talvez quando ele tiver quarenta anos e quiser ser jovem ele não vai ter a idade apropriada, eu acho que tu tem que viver... e sempre ter esse espírito de juventude dentro de ti, por mais velho que tu sejas. Tem uma música de uma banda chamada “7 seconds”, que diz: “jovem até que eu morra”. Claro tu vai ter que assumir as responsabilidades, tu vai sendo cobrado com o tempo passa, mas eu acho que a chama da juventude não pode acabar e ser uma pessoa infeliz o resto da vida, tu não pode abdicar dos teus ideais para conseguir outras coisas, tu tem que conseguir, tu tem que trabalhar, tu tem que ter o teu dinheiro, mas o que tu sonha o que tu acredita, por mais utópico que seja, tu não pode esquecer nunca.

Daniel mora com o pai e a mãe no centro histórico da cidade de Santo Antônio da Patrulha. É o filho mais novo de quatro irmãos, três deles casados e profissionais liberais. O pai é advogado e a mãe professora aposentada, muito envolvidos com as atividades da Igreja Católica, e o irmão mais velho é coordenador diocesano da *Renovação Carismática Católica*

(RCC), no município. Daniel se diz ateu e apresenta a música como centralidade da sua vida. Na cidade, é reconhecido como um grande conhecedor de música, especialmente dos *Beatles* e *rock*. Uma polaridade de gostos e influência musical que permite o convívio de uma referência dos anos 60 com o *rock pesado* do *hardcore*.

Concluiu o Ensino Médio no curso Supletivo. Hoje cursa o sexto semestre de Turismo na Faculdade de Taquara (FACCAT) e trabalha na Secretaria de Cultura do Município que fica muito próxima da sua casa. É vocalista das bandas *Ornitórrincos* e *Scream Noise* e baixista da banda *Facção Três Listras*.

Sua rotina diária gira em torno do trabalho, do estudo e como ele diz :

fora isso eu tiro o tempo para o que eu realmente gosto, que é meu rock, ou ler, escutar música, me corresponder com o pessoal com as cartas, e-mail, estar sempre em contato com as pessoas de outros lugares, ensaiar com a banda, tocar com a banda, fazer fanzine e participar do coletivo.

Daniel considera as relações familiares muito importantes na sua vida e se refere à família como um ponto de apoio e espaço de diálogo. *Tive a sorte de ter um pai e uma mãe que sempre me apoiaram e incentivaram na música, nunca viram a cara para nada, me aceitam do jeito que eu sou.*

Em relação à escola, destaca as experiências positivas que teve nas escolas públicas, pois sentia-se discriminado na escola particular em função das opções em relação à moda, música e idéias em que acreditava. Mas sobre o ensino, diz que normalmente o professor só passa matéria e esquece de formar o aluno. Como algo marcante da escola, lembra os Fóruns⁴³ e os amigos. Mas ressalta que a escola não acolheu suas opções de leituras, músicas e o próprio *fanzine*. Nas entrevistas, raramente falava da Faculdade, limitando-se a dizer que fazia Turismo em Taquara.

⁴³ O Fórum Estudantil Litorâneo foi um evento organizado pela Escola Estadual Santo Antônio e a Prefeitura, reunindo jovens de escolas de Ensino Médio do Litoral do Rio Grande do Sul. Ocorreu em quatro edições, de 1992 a 1995 promovendo importantes lideranças juvenis da cidade e do litoral.

Dos espaços clássicos de socialização, a família foi o que mais contribuiu para que ele construísse referências positivas de si. Com o trabalho, teve duas experiências: a primeira, foi em uma loja de CD; a segunda, como estagiário na Secretaria de Cultura do Município de Santo Antônio da Patrulha, desde 2001. Do que foi possível perceber, Daniel constrói sua vida em torno da música, parecendo ser a forma possível de expressão de suas idéias, ou um meio pelo qual elabora sua compreensão do mundo. Neste aspecto, Herschmann (2000) fala da importância que os estilos musicais têm desempenhado junto aos jovens. Nas representações associadas ao universo musical e à sociabilidade que eles promovem, os jovens encontram novas formas de expressão de suas utopias.

A respeito da importância deste movimento para sua vida, Daniel comenta:

Aprendi inglês em função desta rede de comunicação. Fiz muitos amigos, conheci bandas e arte em geral. Não saberia o que sei de política hoje e auto-crítica. Ouço uma banda e ela fala de um livro e eu vou ler, ou no zine tem um comentário de um livro e aí eu vou ler. Nos shows, tu vê gente como tu, em outro lugar, gente exatamente igual a ti, lá no Pará, ou lá em Amapá, ou lá em Pernambuco, ou lá em Brasília... É lindo, entendeu, só isso daí te dá uma energia enorme assim, do cão, pra tu continuar. Isso emociona, assim. Coisa mais linda do mundo, prá mim, foi ir para São Paulo e conhecer correspondentes meus. E a gente se correspondia há seis anos, e tu conversa com a pessoa, parece um amigo que tu conhece...

Por outro lado, existe o preconceito. E ele denuncia:

Temos esse rótulo de maconheiro. Para muita gente, eu sou o maior traficante da cidade, já falaram até para a minha mãe... Mas eu não me importo, nem vou me importar com o que os outros pensam de mim. Eu sabendo quem sou, minha mãe e meu pai, tá bom! E isso é por causa do tipo de música, porque qualquer coisa que foge do padrão, que eles não compreendem, qualquer coisa que fuja do sertanejo, fuja do axé assim, digamos, a música que toca nas FMs, eles não vão compreender, então, o que é estranho eles já excluem, entendeu. Sempre foi e sempre vai ser assim. Mas isso eu não me importo, sabe, nunca vou me importar com isso. Tu vê o exemplo do Axé Blond. Eu não quero isso pra mim, sabe? Eu quero tá fazendo o que eu gosto, isso daí pra mim é a minha felicidade.

Há um processo educativo fundamental neste movimento que não é reconhecido por uma parte do mundo adulto. Ao contrário, rotulam os envolvidos e fecham as possibilidades de diálogo. No entanto, estes jovens fazem escolhas e desenvolvem formas comunicativas independentes, resistindo à cultura dominante, compartilhando idéias, trocando CD, materiais das bandas, leituras e posições políticas. Fazem e se fazem numa rede de amizades que não conhece barreiras geográficas, constituindo-se numa proteção contra o preconceito que enfrentam. Questionam, então, a idéia de juventude como um tempo vivido por quem não sabe ainda o que quer.

Neste caso, são jovens que têm as necessidades básicas de sobrevivência atendidas e querem viver a juventude como um tempo de criação e livre expressão. O mundo da cultura *underground* apresenta-se como possibilidade para a produção, pois, na cena *hardcore*, são acolhidos como jovens que podem produzir reflexivamente, tendo suas opções reconhecidas e valorizadas. Enfrentam as divergências presentes na cena *punk*, desenvolvem posições políticas, ampliam as opções de leituras e criam amizades que aprofunda o sentimento de pertencimento e constroem identidades positivas, pois não são meros consumidores da produção cultural.

O reconhecimento do outro, seja na aproximação ou na diferença, foi constante nas entrevistas com Daniel: Referia-se aos comentários de outros jovens sobre seu gosto musical: *Estou sempre ouvindo que essas músicas são só barulho! Vão aprender a tocar! Essas piadinhas... mas já estou acostumado. É... é que as pessoas, mesmos as conhecidas tuas, fazem essas briancadeirinhas: - ah! É só barulho isso daí, eles saem gritando e tu não entende nada, o que é isso daí? Isso não é música.* Carrano (2002, p. 141), comenta que a estética musical *punk* não pretendeu ser uma expressão artística de qualidade. “Nenhum de seus protagonistas foi um músico expressivo, uma vez que bastava empunhar uma guitarra e expressar a necessidade de saída do anonimato, da miséria, do xeque-mate existencial”.

Sobre a identidade com o movimento *punk*:

Eu não sou punk como eles querem que eu seja. Para mim punk é ser o que eu sou. Porque a gente se identifica muito com a filosofia do movimento. A primeira vez que eu descobri o punk, eu me identifiquei demais. É... que nem um conhecido meu tava falando: quando eu estudo num colégio, e tu é excluído das pessoas, as gurias e os guris não falam contigo, e os caras

querem jogar futebol e tu fica num canto lendo um livro, esse tipo de coisa. Tu fica excluindo daquele mundinho fútil ali, então tu descobre o punk, aquelas pessoas que são as excluídas do colégio e na sociedade. Passando as mesmas coisas que tu passou na escola também. Isso é porque a gente é diferente e tal... Pergunta-se: - Diferente como? Pensa diferente, tu critica, tu tem outro ideal de vida, tu tem outros valores, que nem eu tava falando com a minha sobrinha... ah! tal porque eu gosto de ouvir esse tipo de música, porque meu namorado escuta e eu vou no porão, porque não sei o que. Só que a gente tem um outro valor, a gente valoriza outro tipo de coisa, a gente valoriza mais música, mais cultura mesmo, do que carro do ano, do que... como disse um músico: “o punk é um cenário para quem não se preocupa com o carro do ano”. Essa frase é boa.

O repúdio ao consumo, também, como um ponto de aproximação com o movimento *punk*.

Roupa de marca eu procuro não comprar, calçado é barato. Eu acho que as pessoas vestem isso daí para entrar num grupo, para serem aceitos num grupo social, porque fulano comprou camiseta da “Levi’s” ou da “Ellus”, eu vou ter que comprar para ser aceito no grupo, pelo menos no nosso meio, não existe, felizmente isso daí, porque a gente valoriza mais as idéias, os sentimentos, esse tipo de coisa.

Este é um aspecto contraditório, pois o *punk* identifica-se com um certo visual e discrimina ou não considera *punk* quem não adota, nas roupas, os símbolos do movimento. Neste sentido, também há exigências para ser aceito como *punk*. Mas Daniel faz críticas à importância que muitos *punk* dão ao visual, considerando que vivemos num país tropical e copiar o visual do *punk* europeu ou americano é, muitas vezes, andar de jaqueta de couro num calor de 40°. Tanto Daniel como Gustavo procuram negociar com a identidade *punk*, negando a pesada indumentária das correntes, *piercings* e cabelos moicanos coloridos dos *punks* tradicionais. Nenhum dos componentes da banda utiliza qualquer inscrição corporal referente ao visual *punk*.

Neste processo de construção da identidade, há uma tensão constante entre o que se quer ser, o que os outros pensam do que faço e o que eu penso do que os outros pensam de mim, pois a identidade é interação onde o *eu* é formado e modificado no diálogo constante com o mundo. O jovem faz escolhas, pensa sobre as imposições do mundo e se faz no encontro/confronto com o outro, pois, como anuncia Melucci (1992), ninguém pode construir

sua identidade independentemente da identificação que os outros possuem a seu respeito, num processo intersubjetivo onde *eu sou para ti o tu que tu és para mim*.

Tudo isto aponta para a importância do pertencimento a um grupo e o sentido que se encontra nas ações realizadas juntos, pois ninguém se sente ligado aos outros apenas por interesses comuns mas, sobretudo, porque desta forma é possível reconhecer o sentido do que se faz. Mesmo apontando divergências em relação às idéias do movimento *punk*, neste grupo, Daniel encontra reconhecimento para o que faz e, nas críticas de outros grupos, repensa suas idéias, pois tem comentado sobre a importância de realmente aprender a tocar guitarra.

Perguntado sobre como se sente participando da cena *underground*, ele comenta:

Eu me sinto... bom realmente muito bem. Primeiramente eu vou falar... desde novo eu tive um... desde quando eu ouvi a música hardcore pela primeira vez, foi com o vinil, primeiro disco dos Dead Kennedys eu tinha uns treze, quatorze ano, um amigo meu trouxe aqui em casa... para desencadear aquilo que eu sentia, sendo como uma válvula de escape. A partir daí a gente foi desenvolvendo um trabalho, escrevendo para bandas pra fanzines e isso foi desenrolando. Depois deu vontade de fazer uma banda e a gente fez a banda, então eu me sinto como um privilegiado por tá dentro disso daí, viver num meio que eu considero, pelo menos para nós, que é importante pelas amizades... eu não ia saber um pingão de política, e não ter esse interesse ou senso crítico que eu também tenho. Eu não ia ver a TV com outros olhos, e ler um artigo com outros olhos se não fosse pelo hardcore, ou pela música punk. Mas em contra partida, não só por isso claro, também, a pessoa não vai desenvolver o senso crítico só ouvindo isso daí. Mas a arte é uma maneira de desenvolver.

Fica evidente o sentimento de pertencimento construído a partir do que ele pode fazer e ser no meio *underground*. Em todas as entrevistas, o fio narrativo era o *hardcore*. Nas perguntas sobre trabalho, estudo e família, falava pouco e voltava a falar das bandas, dos amigos, do coletivo ou da cena como se refere quando fala da cultura *underground*. Este parece ser o eixo em torno do qual ele pensa sua vida. Conta que um dia sem escutar música não é um dia. Considera a música uma terapia, uma arte, uma forma de expressão que ultrapassa fronteiras geográficas. Em diferentes entrevistas, associou o *hardcore* à liberdade reafirmando a sintonia corpo/mente.

Considera importante conhecer pessoalmente os integrantes das bandas: *Tu ouve o vinil de tal a banda ou fita demo dos caras, e depois tu fica amigo deles. Acho que nenhum outro meio musical isso é possível, de tu ir num show e o cara apertar a tua mão, trocar uma idéia contigo, isso é lindo.* Pensando isto em relação às referências que faz sobre a importância das amizades, construídas a partir da inserção no movimento, é possível dizer que a dimensão do convívio, tão importante para a juventude, é ampliada por estas práticas culturais. É uma relação de interação real ao grupo, de maneira diferente dos ídolos do *rock* que têm na mídia seu canal de comunicação.

Ao mesmo tempo, Daniel revela uma descrença com as possibilidades de intervenção e mudança na sociedade, a partir do movimento. Diz que o mundo gira e continua o mesmo, quase ninguém escuta a música *underground* e quem escreve poesias são os poetas e quem lê poesias são os poetas; a maioria dos jovens está preocupada com o carro do ano, a roupa de marca, esquecendo das coisas maravilhosas que a juventude pode fazer.

O conhecimento construído sobre música o diferencia e lança a semente de projetos futuros. Nas conversas que se manteve, falava muito dos planos para o lançamento de CD em conjunto com bandas de diferentes partes do Brasil e do mundo, dos *shows* e dos encontros de bandas. Acredita que, desta forma, está fazendo sua parte na luta contra o consumismo e o individualismo, nos quais a música aparece como produto concreto de sua capacidade de criar. Debate-se, então, entre a desesperança devido à marginalização do movimento *punk* e o sonho de um mundo mais humano.

Em relação à religião, parece dizer o que o movimento quer, ou seja, ser *punk* ou *anarco punk* é ser ateu, numa aversão à religião como uma forma de opressão. Daniel tem na família um referencial religioso forte e, quando questionado sobre religião, diz: *Eu sou ateu e não quero comentar nada.* Quando se insiste no tema, ele comenta que, aos treze anos, leu Voltaire e identificou-se com as críticas do filósofo à Igreja. Mas não explica por que se diz ateu. Fez comentários dos jovens da *Pastoral da Juventude* como *cabeças fechadas*, mas gostou das conversas com Sabrina⁴⁴, concluindo que as lutas são comuns, mas os caminhos, diferentes.

⁴⁴ Daniel conheceu a Sabrina na biblioteca municipal, onde comentaram sobre a participação deles nesta pesquisa e a partir daí, mantiveram intensos diálogos sobre a *Pastoral da Juventude* e o *rock*. Isto motivou-me a propor encontros reunindo os jovens dos grupos musicais e religiosos, acreditando que a convivência passa pelo conhecimento do outro, sendo fundamental e possível a aproximação entre as culturas juvenis.

A inserção no movimento possibilitou uma reflexão sobre drogas, pois manteve contato com jovens *straight-edge*⁴⁵, que discutem o uso de drogas e a importância da alimentação natural. Daniel conta a experiência que teve num *show* em Curitiba, reunindo jovens da cultura *underground*, onde era proibido a venda de bebidas alcoólicas e todos os bares só vendiam comida vegetariana. No entanto, estes *shows* não têm cobertura da mídia e o tipo de som acaba identificando-os como drogados e loucos. Sobre isso ele diz:

É... eu não uso, eu só bebo cerveja. Quem quer usar é livre pra usar, as drogas tão ai pra... mas eu acho que... eu vejo assim, que a droga serve como um amuleto para a juventude, como a pessoa se apoiar naquilo ali, e fugir de uma vida, fugir de uma realidade, eu me identifico muito com straight-edge, mesmo não sendo, mas eu concordo com muitas coisas deles. Ser livre de drogas, é com o que eu me identifico mais, com atitudes positivas. Porque a sociedade fala que os punks são drogados, a juventude é drogada, isso é um tapa de luva na sociedade.

O uso de drogas que, muitas vezes, atrai jovens em função da necessidade de estar e pertencer a um grupo, neste caso, promove uma reflexão e um repúdio ao uso, pois o reconhecimento é definido em função de outras práticas. Fica evidente que é preciso apropriar-se da curiosidade juvenil e da necessidade de pertencer a grupos, canalizando para ações que promovam a participação juvenil, ou seja, o jovem como sujeito de sua própria ação e prevenção. Como anuncia Bologna (2000) “As pessoas não se transformam nem evoluem porque são censuradas: elas se desenvolvem quando são convidadas a discutir referenciais de valores pessoais e existenciais e aceitam o convite”.

Outro aspecto a considerar é que o fortalecimento das relações grupais, a partir de experiências positivas, eleva a auto-estima e ajuda o jovem a enfrentar a pressão diante da *turma*, quando se recusa a experimentar a droga, pois precisa-se pensar mais a respeito do *direito de não querer*.

Em relação à posição das mulheres, o movimento *punk* incorporou um discurso igualitário discutindo a problemática das mulheres, mas para Arce (1999) essa incorporação

⁴⁵ Straight-edge é uma facção surgida do punk que condena o uso de bebidas alcólicas, drogas e produtos artificiais. Pregam valores como a preservação da família e utilizam visual mais popular, evitando os moicanos, correntes, cadeados e alfinetes e usam cabelo muito curto e são identificados pelo X na mão.

foi paradoxal, contraditória e reprodutora do machismo; a participação feminina no movimento estava restrita à figura decorativa. O grupo de Santo Antônio não tem meninas e, segundo Daniel, muito poucas participam dos shows. Em relação ao Rio Grande do Sul ele diz: *Tem bandas de hardcore de gurias. Tem uma que se chama “Baga Caos”, que a gente já tocou com elas, que é de Caxias do Sul. Tem algumas bandas que têm integrantes mulheres como o “Instantâneo Momento de Loucura”, que é do interior também, Taquari. São amigas nossas. Tem a “Antítese Social” em Caxias...*

As namoradas que teve não curtiam o som e só o acompanhavam em função do namoro. O que vale para os demais integrantes da banda.

Por fim, a música nem sempre foi sinônimo de juventude, mas, para Daniel, ela compõe a sinfonia da sua vida.

4.4 FANZINES COMO PRÁTICA EDUCATIVA

Em nossa época, a comunicação escrita assume a centralidade das relações. Com extremo alcance consegue divulgar e introduzir valores, estilos de vida e objetos que se tornam de consumo. Constitui-se, então, como parâmetro de comunicação.

Para alguns jovens, especialmente os *punk*, estes modelos mediatizados são questionados e vistos como reprodutores da cultura dominante. Constroem meios alternativos de comunicação controlados por eles mesmos, retirando da mídia a legitimidade de comunicar o conteúdo de suas vivências.

Kemp (1993, p.135) diz que os grupos de jovens *underground* desenvolveram, a partir da década de 60, formas alternativas de comunicação com o intuito de responder às necessidades de reprodução dos conteúdos que elaboram e que os permite se pensarem como uma comunidade. “É através dessa rede comunicativa própria que eles se imaginam como uma comunidade, que compartilha de um universo simbólico capaz de expressar laços de união e solidariedade; desejos e objetivos comuns.”

Os *fanzines*, juntamente com o modo de se vestir, a linguagem, as bandas, os *grafites*, os grupos religiosos etc.. são expressão de uma cultura juvenil que se coloca frente ao mundo adulto.

Os *fanzines* fazem parte de um circuito alternativo de informação paralelo aos meios de comunicação de massa e ligado ao movimento *punk*. Elaborados, geralmente, em xerox ou *offset* não tem limites, regras, necessidade de agradar, compromisso com o retorno econômico. Apontam injustiças, ironizam, divulgam bandas de *rock*, selos responsáveis pelo lançamento dos CDs e opiniões de diferentes jovens adeptos de um conjunto de práticas que caracteriza a cultura *underground*⁴⁶.

Para Kemp (1993), o primeiro exemplar parece ter sido o *Sniffin' Glue*, de Londres, em 1976. Nos passos da revista *punk* dos Estados Unidos, o bancário inglês chamado Mark Perry, impressionado pelo estilo dos *Sex Pistols*, teve a idéia de fazer um *fanzine*⁴⁷ sobre o qual pudesse ter controle editorial completo (ESSINGER, 1999). Com letras escritas à mão e fotos coladas de qualquer maneira, o seu *fanzine* circulava com cópias xerocadas e destoava da imprensa alternativa de *rock* que havia nos anos 60. Para Essinger (1999), era um informativo deliberadamente tosco, em consonância com a arte gráfica elaborada por Jamie Reid para os cartazes e capas dos discos dos *Sex Pistols*. Diz que:

A mensagem era óbvia: aquilo que ele fazia era algo que estava ao alcance de qualquer um com um pouco de iniciativa. 'Todos vocês, garotos, que lêem *Sniffin' Glue*, não se sintam satisfeitos com o que nós escrevemos. Vão e comecem seus próprios *fanzines*', escreveu Perry certa vez. Em outros números, ele chegou a reproduzir desenhos de posições no braço da guitarra correspondentes aos acordes de lá, mi e sol maior. 'Agora vá e monte uma banda', concluía (ESSINGER, 1999, p. 62).

⁴⁶ Segundo Silva (1995), o termo surge na década de 60, designando *formas de expressão alternativas*, muito ligada ao seu significado em inglês, subterrâneo. Aprofundou seu significado na década de 70 com o desenvolvimento do *punk*. Arce (1998) analisando a relação entre juventude e cultura diz que no final dos anos 60 o *underground* se colocava dentro da chamada contracultura juvenil. O autor não concorda com o termo contracultura, pois coloca a cultura juvenil no âmbito do reativo e disfuncional. Também por que é um termo muito geral que impede ver que dentro destas contraculturas, existem elementos que reproduzem a cultura dominante a qual supostamente se opõem.

⁴⁷ No movimento *punk*, o nome *fanzine* surgiu da contração de *fans magazine*, ou revista de fãs.

Elaborados a partir da lógica do *punk* - *faça você mesmo* - os *fanzines* se constituem numa rede densa de divulgação do movimento *punk*. Pode se conhecer, a partir de Santo Antônio da Patrulha, aspectos do movimento *punk* brasileiro e dos países por onde circula.

Para Arce (1999, p. 117-118):

Através dos *fanzines*, foram apresentadas imagens desesperadas do cotidiano da juventude, da pobreza, da intolerância, do alto custo de vida e das passagens, da ausência de expectativas, da contaminação ambiental e mental, mas também elementos fundamentais de um imaginário definido contra: os aspectos antívida, a alienação, o comercialismo, a marcha sincronizada dos ‘manequins normalóides’ e a ausência de pensamento crítico.

A divulgação dos *fanzines* é feita com os *flyers* – tipo um *cartão de visitas*⁴⁸ dos *fanzines*. A partir daí, recebem cartas de diferentes lugares pedindo os *fanzines*, que, no caso dos *fanzineiros* de Santo Antônio da Patrulha, já enviaram para Espanha, Argentina, Finlândia e vários estados brasileiros. Nesta rede, a trama de relações que vão construindo redefine constantemente a identidade destes jovens. Como diz Gustavo *a partir do que lia nos fanzines comecei a me aprofundar nos assuntos ligados à política, ler livros sobre o anarquismo. Conheci muitas pessoas, muitos assuntos que eu não falava. Dizem que o underground é apenas uma questão de distância.*

Os *fanzines* elaborados por dois integrantes da banda de *hardcore* - *Scream Noise* - de Santo Antônio da Patrulha constituem-se numa produção caseira, muito bem elaborada que divulga bandas de *rock punk*, selos, poesias, letras de músicas, cinema, teatro, política, charges, cujo conteúdo é um misto de indignação política, ironização, crítica ao preconceito, anarquismo e, como assinalam, *uma forma de ler as coisas que a mídia não publica*. Dizem que muitas pessoas não acreditam, mas alguns textos de Daniel são feitos no computador, e

⁴⁸ Os *cartões de visitas* são pequenos pedaços de papel com nome, endereço e referências de conteúdo do *fanzine*, enviados por carta e/ou divulgados em outros *fanzines*. Antes destes, a divulgação dependia de contatos diretos, sendo mais local. Daniel da banda *Scream Noise* de Santo Antônio da Patrulha já chegou a receber 30 cartas num dia.

Gustavo, na redação final, faz novamente na máquina de escrever, tal como se fazia nos anos 80. Com textos datilografados numa máquina *Olivett Studio 46* e muita colagem em folha ofício dois, é hora da máquina de xerox funcionar. Reduz as folhas pela metade e dobra ao meio dando ao fanzine o formato de um pequeno jornal.

Gustavo – guitarrista da banda *Scream Noise*, conta que lançou o primeiro *fanzine* em 1996 com o nome de ANARCO-VOMIT.

Quando vi um zine de produção caseira pensei: assim posso fazer também. Mas hoje acho Anarco-Vomit mal feito. Era um meio de divulgar as coisas que escrevia, a minha banda e as bandas que eu gostava. Os fanzineiros mais antigos dizem que tu tem que recortar e sujar as mãos com cola. Aham um absurdo o zine estar na internet.

Sobre as aprendizagens com os fanzines, Daniel comenta: *o pouco que sei de inglês é a partir desse movimento; leio no zine um comentário sobre um livro e vou em busca; comecei a ler sobre o anarquismo nos zines. Para Gustavo fazer fanzine é ser criativo e romper com normas.*

Sou contra oficina de fanzine, pois todos vão ficar igual. O bom é sair completamente da norma, eu estou sempre mudando até o nome. Quero fazer sempre diferente. Uma vez uma pessoa me disse que eu tinha que fazer umas oficinas de poesia. E eu falei: Como assim? Tu quer que eu escreva o que tu quer ler?

Em relação à rede de amizades, Daniel comenta: *os meus melhores amigos eu conheci por carta. Antes só tinha amigos em Santo Antônio da Patrulha, agora tenho no mundo inteiro. Diego comprou um CD de uma coletânea de Londrina que tinha uma música da minha banda. Escreveu e ficamos amigos⁴⁹.*

É possível perceber um grande interesse em conhecer coisas que aprimorem as idéias em que acreditam, as atividade do grupo, mostrando a estreita relação entre produção de conhecimento e construção de sentidos. Criam uma estética da transgressão e reivindicam o

⁴⁹ Diego mora em Porto Alegre e, no dia da entrevista, ele estava na casa do entrevistado, em Santo Antônio da Patrulha.

direito de autoria tão importante para a construção de identidades positivas. Cultivam a criatividade, questionam o mundo, desenvolvem posicionamentos sobre diferentes temas e se fazem como cidadãos de um mundo global.

A vivência dessas experiências constitui-se em processos educativos que alertam para a necessidade de compreender a educação num sentido ampliado, ou seja, existe um educativo para além do escolar. Fica o desafio, como educadores, de assumirmos o potencial destas formas descontínuas de aprendizagens.

Pensando nas palavras de Melucci (1992), participa-se nas diversas instâncias do social e cultural. Em cada um, vive-se uma parte de si mesmos e, como animais migrantes das metrópoles, viajantes do planeta, nômades do presente, redefini-se as múltiplas identidades. No entanto, num mundo de incertezas é cada vez mais difícil para o jovem construir sua identidade, pois as referências/modelos anunciados pela modernidade se evaporaram. Resta ao jovem tomar a si mesmo como medida frente às mudanças. Tudo indica que a autoria propiciada pela cultura underground desenvolve um sentido de pertencimento fundamental neste momento da vida dos jovens.

As interações sócio culturais desenvolvidas por esses jovens rompem com as linhas traçadas pela indústria cultural e num circuito restrito a cena underground, compartilham músicas, leituras, textos, visões políticas, colocando-se como ativos produtores culturais. Entretanto, como eles mesmos afirmam falam aos que já sabem, pois tu passa as mesmas coisas para as mesmas pessoas. Criaram um mercado independente, cujo fanzine é o meio por excelência para a transmissão de informação dentro da rede da cultura underground. Resta pensar nas possibilidades de diálogo entre os diferentes grupos, pois parece existir um isolamento, a partir das referências culturais compartilhadas pelos membros do grupo. No dizer de Carrano (2001, p. 20):

O estímulo à existência de espaços comuns de encontro entre os diferentes grupos da juventude é de fundamental importância para a quebra do distanciamento simbólico [...] O investimento em espaços públicos, constituídos sobre a base do estímulo à convivência e ao pluralismo cultural entre os grupos de juventude, pode representar um caminho para a formulação de políticas públicas de educação cidadã no tempo livre.

É preciso pensar se a ausência de comunicação entre as diferentes expressões da cultura juvenil, aliada às condições materiais não têm contribuído para a disseminação do preconceito que coloca a juventude como desinteressada, alienada e consumista, tendo em vista que as formas de participação e agregação foge das tradicionais e, às vezes, tem pouca visibilidade. No caso do grupo pesquisado, o contraditório é instigador, pois são muito politizados e críticos, mas se *fecham* para o que é diferente deles e, por outro lado, condenam muito o preconceito. Os textos dos *fanzines* e as letras das músicas que compõe são voltadas para temas como racismo, política, alienação e recentemente fizeram letras que falam sobre alimentos transgênicos .

Como prática juvenil, os *fanzines* constituem-se no direito à circulação das idéias. Apropriam-se da palavra para apresentar uma explicação diferente daquelas produzidas pelos meios de comunicação, colocando-se como produtores e não consumidores passivos da indústria cultural.

Compondo na expressão de Melucci (apud SPOSITO, 1999, p. 85) “a cultura juvenil afirma com força as necessidades comunicativas, mas reivindica também o direito de decidir quando e com quem se comunicar”. Socializados em uma época de comunicação global, esses jovens *punks* rompem com a idéia de turmas localizadas em lugares/bairros. Dispersos, mas com um grande sentimento de pertencimento, eles vão construindo um outro tipo de agrupamento, colocando-se como parte de uma comunidade independente do convívio cara a cara.

No estudo dos *fanzines*, encontraram-se alguns feitos por meninas, cujo temática principal era o feminismo. Não difere na estética, mas no conteúdo. Nos textos dos *fanzines* as meninas escrevem: *não queremos andar de mão com o namorado, queremos poguear⁵⁰ também.*

Reproduz-se aqui partes de algumas entrevistas e textos de Gustavo e Daniel nos *fanzines*, como forma de esclarecer melhor os conteúdos da imprensa alternativa e seu papel educativo.

⁵⁰ Pogo é uma dança inventada pelos punks, onde a pessoa acompanha o ritmo da música brandindo uma corrente, literalmente, ou apenas gesticulando com se o estivesse fazendo.

Novamente volto a escrever; agora p/ este fanzine. Parece estranho, ou para todo mundo, o fato de o título do zine ser sempre diferente. Em 96, comecei a fazer meu primeiro zine ANARCO-VOMIT 1 e 2. Em 97, mudei o nome do fanzine e fiz o INFEKTOS MUERTOS n° 1 e em 1998 o n° 2. Em 1999 saiu um zine novo, o VIAGRA MAGGOT GORE GRINDER SHOW, experimental e em 2000 o INFEKTOS MUERTOS n° 3. Agora estou com este zine INSETICIDA FREAK STYLE, um pequeno zine só para eu falar dos meus fanzines, banda (SCREAM NOISE), meus projetos e o que me der na telha. Literatura, filmes TRASH, quadrinhos, bandas, cultura ou contra-cultura em geral; protestos que não vão faltar...

Em 1999 parei com a divulgação do VIAGRA, e comecei a me dedicar na montagem do meu 4º livro "CARCAÇA DE BRUXO", trata-se de um livro de poesias modernistas que fala do começo do mundo em diferentes tipos de religiões e mitologias, as crenças do homem e a sociedade e suas tecnologias.... Mas este livro não foi publicado.

.....Nisso o zine parou.....

Fui morar em Novo Hamburgo-RS em março de 2000 na casa da minha vó, para estudar para o vestibular, mas não consegui me fixar nos estudos e tudo o que eu fazia tinha parado, não fazíamos mais shows, não escrevia mais cartas, nem artigos, poemas, contos, desenhos também não...

Em junho/julho mais ou menos, minha namorada, a Fernanda (de Porto Alegre) me deu a notícia que estava grávida... (papai Inseketo). Tudo mudou, tive que voltar a morar em Santo Antônio, retornei a ver os amigos com frequência, a Fernanda veio morar aqui, mudamos a formação da banda e voltamos a tocar, comecei a estudar em Osório, outras mudanças de formação na banda, coloquei a mão na massa e terminei o zine...

Meu filho nasceu dia 24 de janeiro/2001 em Porto Alegre no Hospital Divina Providência, um dia antes do tão falado FÓRUM SOCIAL MUNDIAL, o nome dele é Cassiano Gustavo.

SCREAM NOISE – Ano passado a Scream Noise lançou sua primeira demo-tape intitulada –“Inutilia Truncat” – Algumas pessoas perguntam sobre o significado, ei-lo do latim “inutil, truncado, ou/e “cortar o inútil” frase da escola literária Arcadismo.

A capinha da demo é simples, em xerox, com uma menina pulando corda, uma foto simples e também bonita do livro “PHOTO” photo ALMANACH PRISMA 5, livro francês de 1952, mostrando de modo sutil como nós humanos devemos enfrentar os desafios do dia-a-dia, as barreiras impostas pelo nosso sistema, apenas uma menina pulando corda....

A GRAVAÇÃO – bom, esta nós deixamos para os ouvintes. Não vamos dizer que é péssima e que está ótima, a nossa opinião não vale.

A LETRA - a insatisfação do nosso mundo, algumas pessoas falam que é tudo clichê, mas queríamos protestar e por isso estamos juntos no hardcore; como todos da cena e fora da cena. Poesias, lágrimas, ódio, união, igualdade, um pouco de nós mesmos.

FANZINES - para adquirir o INFEKTOS MUERTOS III, basta nos enviar dois reais bem camuflados, de preferência em carta registrada (não nos responsabilizamos pelo extravio da carta) ou troca por seu zine/demo-tape.

Bandas que quiserem ver seu material divulgado no zine, nos envie seu peixe: “demo, CD’s, EP’s, etc... ENDEREÇOS DE CONTATOS/VER NO EDITORIAL.

Ah, e tomara que o underground pare de vez por todas com as panelinhas, que isto é um “saco sem fundo”!!!

(Gustavo, editor do INSETICIDA FREAK STYLE ZINE, 2001)

Escrever sobre música requer descrever sentimentos e expor opiniões. Junto com a divulgação das bandas, segue muito do que é cada um. Falando da cena *underground*, falam de suas vidas. Assim, o conteúdo dos *fanzines* não divulga apenas informações sobre a *cena* e as bandas, mas também vivências pessoais. Estabelecem uma rede de contatos, a partir de um trabalho de divulgação próprio de suas idéias e de como estão exercendo o ser jovem.

Na entrevista⁵¹ para o *Foco de Revolta Zine* (*Fanzine* editado por jovens de Gravataí/RS), Gustavo e Daniel fazem os seguintes comentários:

- *Quais as influências da banda (Scream Noise)?*

Daniel – *Bom....Edith Pif (sempre), hc americano dos anos 80, hc europeu, power violence atual, metal (Iron Maidem, Slayer e Hellhamer...he,he,he.), Jazz, garage rock dos anos 60, Filosofia grega, Filosofia Anarquista, guitars bands, Teixerinha, Gildo de Freitas (é verdade), zines, vídeos trash, bergamotas, café com leite..... e por aí vai!!!!*

- *Vocês consideram a banda politicamente correta?*

Gustavo – *Sim e não (?) . Leio muitos livros anarquistas, mas não chegamos a ter uma cartilha do que deve ou não deve fazer, às vezes ser politicamente correto acaba nos atando as mãos e muito da liberdade das pessoas é aprisionada por preconceitos estúpidos.... Acho que somos poeticamente incorretos.... viva a anarquia...*

- *O que vocês acham da cena alternativa atualmente?*

Gustavo – *Desde quando começamos na cena (que a gente não sabia direito o que era)muita coisa mudou...muitos selos, zines , bandas aparecem a cada dia e tudo está mais rápido (tipo- internet). Antes uma banda do interior para tocar na capital era uma briga, cada um queria ser melhor do que o outro , (aquelas panelinhas idiotas), nos zines daqui só se lia sobre a cena alternativa de bandas de outros estados e daqui raramente. Hoje a coisa tá mudando para melhor, todo mundo está se ajudando (nem todos), as bandas que a gente já tocou junto ficaram nossos amigos , sempre falamos neste lance de união, e é assim que deve ser sempre , um dando a mão para o outro e se respeitando. Quem ganha com isso somos nós mesmos. Mas tomara que fique melhor.*

O conteúdo dos *fanzines*, além de divulgar informações sobre bandas e práticas dos grupos da cultura *underground* é, também, um espaço de crítica e autocrítica do que fazem e das idéias em que acreditam. Assim, o *fanzine* apresenta um grupo ou uma banda para o mundo, mas sempre interligados a outros grupos e outras bandas. Percebe-se, então, uma

⁵¹ As entrevistas para os *fanzines* são realizadas através de cartas ou e-mail. Pelos correios segue a entrevista questionário ou a edição pronta e assim trocam informações sobre a cena de outros lugares. Nestas correspondências, trocam ainda fitas, fotos....

cumplicidade de posturas entre estes jovens. Elaboram críticas, sofrem críticas, recebem elogios e se fazem pelo uso da palavra.

Nos *fanzines* de Gustavo e Daniel a poesia também está presente. Estão transcritos aqui uma poesia e um texto publicados no *fanzine Inseticida Freak Style Zine*, nº 1 de 2001; autoria de Gustavo.

YAGE

*Uma biblioteca ao meu redor
Um cigarro em uma mão
Uma xícara de café na outra
Eu escrevo uma canção inacabada...
Leio o livro “Cartas do Yage”
Tenho como noção do tempo
A fragilidade dos olhos
E a fuga das palavras
No livro alucinógeno
Tenho como noção do tempo
Os cigarros que consumo
E os goles de café que se despedem
Da xícara.
Uma biblioteca ao meu redor
Escrevo uma canção cansativa
Inesperada ao vulto de seus prazeres
Uma página, se passa, a outra se despede...
Até então, outro livro corrói minha noção.*

Gustavo

ACORDO... e não consigo suportar a vida real na cara:

*Nesta mesma noite, sonhei coisas muito interessantes; parecia que eu era alguém...
Às vezes, qualquer pesadelo se torna muito melhor do que sua própria vida, ou, a vida em geral... perseguições atrás de mortes, pessoas gigantes atirando em suas costas, você entra em pânico, mas o pesadelo é seu, você no final do sonho pode virar um “android” com super poderes e se vingar do mundo, mas aí você acorda, abre a janela e se depara com as pessoas andando de um lado para outro, engarrafamentos nas principais ruas e avenidas, fumaça dos automóveis, mendigos comendo o pão que o diabo amassou, grandes empresários com um sorriso de “ganhei o dia”, as flores*

desabrochando nos jardins, e você vê que o mundo está se vingando de você, o mundo quer sua cabeça e não há nada que se possa fazer. As pessoas dizem: LUTE. Seja o melhor! E eu pergunto por quê? Por que tenho que pisar em alguém?

Fecho a janela, me deito na cama e retorno aos meus sonhos...

Gustavo

Enfim, para Gustavo e Daniel, os parâmetros para a elaboração dos *fanzines* são a sensibilidade e a criatividade permitindo que, na troca de experiências, as emoções e os sentimentos perante o mundo e a vida coloquem-se em forma de poesia.

Kemp (1993) destaca que a rede comunicativa *underground* não se encontra resumida à circulação dos *fanzines*. Existem:

- os dedicados *tape-traders* (pessoas que, via correio, trocam fitas magnéticas com gravações de bandas locais);
- as bandas que divulgam seu trabalho enviando as *demo-tapes* (fitas demonstrativas da produção das bandas, que variam em qualidade e quantidade de tempo de gravação; algumas bandas produzem fitas com três faixas gravadas, outras com tempo de um LP);
- os editores ou colecionadores de *fanzines*;
- os correspondentes que querem trocar informações sobre a *cena* local;
- os produtores independentes que confeccionam camisetas com estampas de bandas, logotipos para bandas ou *fanzines*;
- os editores de *fanzines* de vários gêneros de expressão artística e cultural, e não apenas a música (poesias, ecologia, militantes anarquistas, histórias em quadrinhos...)

Esses grupos encontram-se espalhados pelo mundo, não sendo difícil entrar em contato com outros países, pois todos os *fanzines* veiculam endereços ou *flyers* (ver anexo).

Impossível não reconhecer, em todo este processo descrito acima, que os jovens estão se educando por outros processos completamente estranhos a uma grande parte do mundo adulto.

Priorizando a esfera cultural, os jovens criam novos sentidos para o agir humano, reivindicam o direito à juventude e redefinem os modos de ser jovem frente a um tempo de incertezas.

• Sintetizando

Neste texto, orientou-se a reflexão a partir de dois eixos: primeiro, entender a juventude de forma flexível e diversa, cruzada por vários processos interativos; segundo, pensar como estas vivências produzem identidades positivas. Buscou-se, também, contextualizar as vivências dos jovens pesquisados, trazendo elementos da cultura *underground*. A preocupação foi sempre no sentido de respeito às experiências dos jovens, percebendo nelas elementos educativos. Resta assumir algumas reflexões.

No que se refere ao movimento *punk*, seria importante discutir o significado de ser *punk* numa cidade do interior e, ao mesmo tempo, pertencer a uma família de classe média.

Ao mesmo tempo que criticam os valores locais, compartilham de uma identidade ligada à cidade e à família. Vivem com as famílias, transitam por todos os espaços da cidade, dispõem de tempo para estudo da cultura *underground* e recebem apoio financeiro da família para manter as despesas com o movimento.

As bandas *hardcore* do mundo são referência de uma identidade global que uniu esses dois jovens, mas a identidade local é extremamente forte, a ponto de divulgar, nos *shows* de *rock*, os símbolos da cidade ligados, que são, à tradição. Tradição e modernidade são interfaces das identidades destes jovens completamente envolvidos com movimentos de expressão mundial, mas nem por isso *desligados* dos valores locais.

Rompem com a postura individualista e consumista procurando vivenciar as idéias do movimento *punk* com grande comprometimento, contrariando análises sobre os *punks* de São Paulo que indicam maior comprometimento com a cultura *underground*, nos setores

populares. Neste caso, são jovens de classe média que assumem uma postura crítica frente à cultura do consumo à qual se está acostumado a pensar quando se faz referência aos jovens.

Na perspectiva da produção cultural, esses jovens colocam-se como produtores, pois produzem músicas e letras, elaboram *fanzines* e divulgam idéias de mudança. Tudo isso demanda estarem atentos ao mundo, num exercício de reflexão e elaboração intelectual importante. Ao construírem suas próprias bandas e meios de divulgação, experimentam um sentimento de liberdade individual e coletiva que se transforma num grande exercício de educação e cidadania. Em relação ao estilo musical, o questionário aplicado apontou que 26,3% dos entrevistados preferem o *rock*. Ou seja, parece que o *rock* é o estilo preferido dos integrantes das bandas patruhenses.

Ampliam a noção de grupo, como uma turma localizada em determinados bairros. Progressivamente, vão construindo uma rede de amigos que dá lugar a um tipo de agrupamento jovem que rompe as fronteiras espaciais. Como diz Giddens (2002), a separação entre espaço e lugar só se tornou um fenômeno global por causa da integração da mídia impressa e eletrônica. Assim, socializados num tempo de comunicação global, os jovens constroem outros referenciais identitários que os diferenciam e os tornam um laboratório de novas aprendizagens.

No discurso de oposição à massificação, na circulação de idéias, no pertencimento expresso no *fazer parte da cena underground*, na tentativa de articular uma resposta às injustiças sociais, estes jovens se fazem como atores e desencadeiam processos educativos vitais para a juventude, colocando em xeque idéias homogeneizadoras da juventude como alienada, consumista e desinteressada.

Numa reflexão comparativa, Dayrell (1999, p.36) argumenta que os *punks* experimentam uma vivência mais densa com uma assiduidade dos encontros e uma produção cultural mais comprometida com a mudança. Já os *funks* colocam-se numa relação mais fluida, numa sociabilidade comprometida com a festa e a diversão e uma posição mais de consumidores culturais. “Em relação ao espaço, também há uma diferença significativa, com os *funkeiros* se articulando a partir do *pedaço* e tendo nele sua referência, enquanto os *punks* já possuem uma referência espacial centrada no urbano, na cidade como um todo”. Os jovens *punks* de Santo Antônio da Patrulha apresentam um inusitado relacionado ao apego à cidade

e à família com posições críticas sobre o *punk* excêntrico dos anos 70 e, até mesmo, os atuais que se preocupam mais com visual. Questionam as posições de algumas vertentes do movimento que consideram preconceituosas e transitam por diferentes grupos *punks*, onde são chamados de rapadureiros.

Outro aspecto a ser considerado diz respeito às formas de sociabilidade ligadas à música, que têm permitido aos jovens expressar seus sonhos, utopias e descontentamento com o mundo. Como sugere Herschmann (2000), as letras das músicas de grupos *hip-hop* e *funk* denunciam contrastes sociais e sugerem um Brasil hierarquizado e autoritário, rompendo com a imagem de um “País libertário e malandro.”

Obviamente que há muito preconceito, determinismo e fechamento em alguns movimentos juvenis, mas é preciso considerar a diversidade do ser jovem e as mudanças culturais que protagonizam, caso contrário ratificam-se visões estereotipadas e homogeneizadoras que desenham um futuro sombrio para a juventude. Nesta diversidade, há juventudes antagônicas e seria ingenuidade considerar a diversidade e esquecer as clivagens entre os jovens.

Não há unidade na condição juvenil e não levantar bandeiras, principalmente na área política, não significa indiferença, apatia e desinteresse. Como propõe Herschmann (2000), os estilos de vida juvenis, a linguagem, o vestuário, a música, a dança e os trajetos urbanos formam um universo cultural que define identidades, constrói sentidos e territorialidades. É um outro jeito de ser jovem que desponta e, quase sempre, articulado às vivências culturais. Neste processo, apropriam-se de um patrimônio educativo que se encontra fora do controle pedagógico, ou seja, estão gestando outras formas de aprendizagem que propõem que o outro pense por si mesmo. Neste sentido, Castro (2002) lembra que há formas de participação políticas mais visíveis e há outras que diferem das que eram mais registradas nas décadas de 60 e 70. Em outras palavras, segundo a autora, os jovens continuam presentes nos sindicatos, nos partidos e nas ONGs. Os jovens desta pesquisa fazem parte dos partidos políticos com representação no município, mas o partido aparece entre muitas outras formas de atuação, entre as quais estão o grupo de amigos, as bandas, a produção de fanzines, poesias...

Nos múltiplos pertencimentos, os jovens constroem as identidades, num exercício de interação e de reconhecimento recíproco cujo palco privilegiado é o grupo, seja ele virtual ou

localizado. No caso dos jovens pesquisados, o grupo é o *coletivo*, a *cena brasileira, rio-grandense* ou a *comunidade punk*. Em todos predomina a troca de experiências, o sentimento de pertencimento e a diferenciação, pois em vez de inserirem-se no mercado de consumo, criam seu próprio, com produtos e funcionamento diferenciados. Isto cria uma diferenciação em relação à identidade e rede social a serem assumidas como condição de vida.

Carrano (2002, p.151) em seu livro *Os Jovens e a Cidade*, traz depoimentos de jovens que identificaram, em suas inserções no movimento do *rock 'n' roll*, a construção de uma esfera de liberdade frente às instituições tradicionais. “Os pais, a escola, a mídia, as relações de trabalho, o casamento e até o namoro são denunciados como esferas de sociabilidade que impedem que *você seja o que você realmente é*. E quem realmente você é? A resposta dos *Malkavianos*⁵² estava na ponta da língua: *o rock 'n' roll!*” Para quem olha de fora, esses jovens são estranhos, esquisitos, loucos, alienados, sem trabalho, ou, simplesmente, roqueiros e *punks*. Primeiro, o rótulo sempre impede que possamos ver o que todo mundo vê, mas não enxerga; segundo, o movimento *punk* não é homogêneo. Adentrando os espaços de convivências desses jovens, lapidando a sensibilidade para a escuta e aproximando-se da humanidade de cada um, é possível perceber diferenciações permeadas de lutas, solidariedade, críticas, conflitos, preconceitos e muita vontade de vida. Questões que passariam despercebidas ao olhar que corre o risco de se fixar em um só ponto de vista.

Resta pensar a escola, não em termos de crise, mas enquanto possibilidade de tornar-se parte de uma rede formativa que respeita e potencializa as experiências de vida dos jovens, pois assim como a identidade é um processo relacional e dinâmico, a educação não é mais uma imposição de idéias restritas a determinadas instituições. O cotidiano é vivido como experimentação formativa, com sentidos múltiplos que definem constantemente as identidades. Freire, em toda a sua obra, anunciava o respeito aos saberes dos educandos, destacando a intimidade entre os saberes curriculares e a experiência social que os alunos têm como indivíduos, pois a construção de sentidos não é dada a priori. Aprende-se o que tem significado.

⁵² *Malkavianos* é o nome da banda de *punk-rock* dos jovens de Angra dos Reis, cenário da pesquisa que resultou no livro *Os Jovens e a Cidade: Identidades e práticas culturais em Angra de tantos reis e rainhas* de Paulo César Rodrigues Carrano, lançado em 2002.

Por fim, a juventude não pode ser compreendida de forma monolítica e objetivamente dada. Para Gouveia (2000, p, 62), não sendo *apenas uma palavra* ou sinônimo de uma idade da vida, “a juventude agrega em seu entorno uma série de circunstâncias e significados socialmente definidos” e ser jovem não é destino, mas possibilidade e escolha de dirigir o próprio destino.

4.5 LIANA E SABRINA: ENTRE O SONHO E A TRANSFORMAÇÃO

Nas entrevistas realizadas com Liana e Sabrina, destacou-se o pertencimento ao grupo como algo fundamental para a construção das identidades juvenis. O grupo como lugar de sociabilidade, canal de expressão e construção de vínculos solidários. Nas fronteiras do sonho, mas com paixão pela transformação, essas duas jovens marcam este texto com um sentimento de esperança.

4.5.1 Liana: tecendo a vida com ações sociais

Liana é uma jovem morena, alta, olhos verdes, cabelos longos, vinte e dois anos. Muito calma, responsável e amiga. Estudante do quinto semestre de Administração, catequista de crisma, é secretária da Paróquia da Cidade Alta onde desenvolve atividades de segunda a sexta, nos turnos da manhã e tarde e aos sábados pela manhã. Sua casa fica muito próxima da Paróquia, o que facilita seu deslocamento para o trabalho, pois não necessita de ônibus. Com ajuda dos pais consegue estudar. Participa dos grupos *GALERA. com Jesus e o JOMISP*. Mora com o pai, a mãe e o irmão de dezesseis anos. Tem outro irmão mais velho casado. Namora José Antônio que também faz parte do grupo *JOMISP*. Um jovem de bem com a vida, operário da fábrica de calçados Daiby, que, nas entrevistas, relatou um pouco do cotidiano da fábrica. Um pouco diferente do que se ouve diariamente, pois gosta do trabalho na fábrica. Nunca se pensou em ouvir isso de um jovem. Não quer estudar, mas lê e participa de tudo que fala de calçado, couro.

As entrevistas com Liana eram realizadas quase sempre na sua casa. É uma casa de madeira localizada no centro da cidade. A sala, um dos locais de encontro do *JOMISP*, era

onde se conversava com o grupo e com Liana. Havia um sofá grande e dois pequenos, uma mesa pequena com o telefone, um tapete e um quadro na parede. Ali o chamarão e a pipoca passavam de mão em mão, enquanto rolavam as discussões, filmagens ou gravações. Algumas vezes, conversou-se na Secretaria da Paróquia, seu local de trabalho.

Liana fala da família como seu porto seguro, o lugar onde se sente bem e gosta de estar. Apresenta-se como *uma jovem com sonhos, que, para ser feliz, preciso amar e ser amada, muito ligada à família, gosto de morar no interior, gosto de trabalhar com os grupos, tenho esperança, acredito nas pessoas e acredito que um outro mundo é possível.*

Descreve o seu cotidiano a partir das vivências na família e na Igreja.

Participo dos grupos, janto com os amigos, às vezes, participo de atividades da Pastoral da Juventude, às vezes passeio na casa de familiares, fico em casa lendo, olhando à TV, escutando música, fico junto com minha família ou vou para a casa do meu namorado. Gosto de muitos estilos de música, gosto de rock, pop, MPB, gosto das músicas da MOENDA, enfim, gosto de música boa.

Foi a primeira pessoa a entrar no grupo depois de sua formação e acredita que estão juntos até hoje porque criaram laços de amizade muito fortes, fazendo-se numa convivência que tem muitos pontos em comum, mas também muitas divergências. A diversidade foi apontada como o grande elemento que caracteriza a identidade do grupo. Diferenças de classe, cor, interesses, religião...fazem das reuniões do grupo *JOMISP* um exercício constante de diálogo com o outro.

Sobre a importância do grupo *JOMISP* na sua vida, Liana comenta:

Depois que comecei a participar do grupo, passei a ter mais amigos, conheci muita gente, perdi um pouco da timidez, passei a ser uma pessoa mais comunicativa e aprendi a gostar de mim. Passei a ter uma turma depois do grupo e passei a me relacionar com pessoas de uma realidade diferente da minha, comecei a participar da Pastoral da Juventude e vivenciar minha fé. O grupo me vê como uma pessoa amiga, responsável, uma pessoa em que eles confiam, principalmente os guris. Não consigo pensar um final de semana sem o grupo. O grupo me levou a outras atividades. O que une o grupo é esta diversidade de coisas, faz tu te encontrar, crescer na fé.

Nas entrevistas coletivas, ficou evidente que o grupo tem um forte significado para todos os integrantes. Percebe-se um clima de amizade, respeito e alegria em todas as atividades do grupo. A música está presente nos rituais religiosos, nos momentos de reflexão, nas refeições em grupo ou na *rodinha* de conversa, mas a solidariedade e o cuidado com o outro foi o que mais chamou atenção. Em relação ao questionário aplicado aos jovens integrantes de grupos de música e religião, a maioria (93,4%) declarou que considera o grupo muito importante na sua vida.

Os encontros do *JOMISP* são momentos de muita amizade, onde cada um conta como foi a semana; dificuldades, sonhos, decepções e alegrias são colocados na roda de conversa. Cada um tem seu momento para falar e ser escutado. A oração e o planejamento de ações conjuntas estão sempre presentes na rotina dos encontros.

Entendem que a continuidade do grupo é fundamental para a formação de outros jovens e, por isso, criaram o *GALERA.com Jesus* que reúne adolescentes de diferentes bairros da cidade. Liana é uma das jovens que acompanha o *GALERA* nas reuniões aos sábados à tarde.

Liana vive um momento de reflexão diante das possibilidades reais de encontrar um trabalho relacionado ao curso que está realizando na Faculdade – Administração. Preocupação típica de uma jovem, cujo trabalho atual não tem qualquer relação com o curso.

Estou numa crise profissional. Gosto do trabalho na Paróquia, mas já deu o que tinha que dar. Ficou pequeno; mas não sei por onde começar. Em Santo Antônio tu não tem muito o que escolher.

Na Administração, falando sobre as empresas... aí fico querendo trabalhar no ramo, pois estou fazendo este curso porque gosto. Estou num emprego que não me preenche, mas não vejo oportunidade. Já pensei em investir em algo, mas não tenho capital. Mas acho que sou um pouco acomodada, não mando o currículo para nenhuma empresa, não procuro outra coisa. Está faltando algo para me lançar, mas não sei se consigo me desligar da família. Sou muita apegada com a família, mesmo antes de entrar no grupo. Queria fazer algo aqui, não me afastar da cidade. Aí passo num concurso, mas tenho medo de me acomodar mais ainda.

Sou muito de esperar a hora. Sempre foi assim...todo mundo namorava e eu não...agora, para o trabalho, parece que não chegou a minha hora.

Mesmo dizendo que vive uma crise profissional, Liana tem um trabalho que lhe proporciona uma certa segurança para projetar o futuro, que pretende seja atrelado à vida na

cidade. Ao contrário de tantos jovens que se ouviu, Liana quer construir sua vida na cidade de Santo Antônio da Patrulha. Nas entrevistas, ela questionava se a relativa segurança de ter um trabalho não adiava decisões sobre o seu futuro profissional. Lembrava-se de outros integrantes do grupo que deixaram a família e se lançaram em busca de trabalho nas cidades vizinhas.

As conversas com jovens que têm um trabalho e estão cursando uma faculdade são muito diferentes daquelas com jovens que disputam diariamente uma vaga no mercado de trabalho. Para estes é como se os impasses do presente tornassem o futuro ausente. Vivem o presente com muita descrença no futuro, mergulhados num reino de incertezas.

Liana pensa, por outro lado, que a formação adquirida na escola, embora importante, deixou lacunas que se refletem na sua vida profissional.

Adoro a escola! Sempre gostei. Tenho boas lembranças...é que o lugar escola me agrada, mas exige muito pouco do aluno. Hoje eu leio pouco, tenho dificuldades para pensar algumas coisas, fazer relações...Acho que a escola tem que marcar mais o aluno. Acho que fui pouco aproveitada na escola e ela tem que se preocupar em não tratar todos iguais. Não culpo o professor, pois com uma turma de 40 alunos... Mas professor tinha que ser apaixonado. Tenho uma tia assim, mas na última vez que conversamos, fiquei preocupada porque parece que ela está perdendo a esperança. Ela diz que o lugar mais terrível é a sala dos professores, falam de filhos, de moda, vendem roupas, maquiagem. Eu acho que a instituição está falida e eu fiquei muito preocupada porque gostava de falar com ela, era exemplo para mim, ela me deixava com esperança e era bom ouvir o que ela dizia. Agora... Mas adoro conversar sobre escola. Não sei por que, pois não quero ser professora e não entendi por que não fiz magistério, bem ou mal é um emprego razoável, nesta cidade.

Fala da relevância da escola, não para conseguir uma melhor inserção profissional, mas para o desenvolvimento de *competências* fundamentais para a vida. Sabe que o *canudo* por si só não garante nada, mas Liana tem consciência dos desencontros entre as demandas dos alunos e o que, atualmente, a escola está oferecendo. Os jovens sabem que o futuro para que a escola diz prepará-los, é incerto. Portanto, a rotina e os vícios da escola são impeditivos de uma *pedagogia da autonomia*, para a qual, segundo Freire (1999), saber ensinar não é transferir conhecimentos, mas criar possibilidades para a sua produção, onde os alunos têm uma participação ativa.

Para Liana, o significado do grupo está na convivência, na troca de experiências e nos contatos que estabeleceu, a partir de seu trabalho na *Pastoral da Juventude*:

A pastoral veio no final de noventa e sete, eu caí de pára-quadras num encontro no Instituto da Pastoral da Juventude, no IPJ. Fui num encontro de assessores, que não era um encontro para mim, aí que eu vi que a coisa era muito maior do que eu pensava. Porque até então eu estava ali no meu grupinho de jovens, gostava, mas eu acho que a igreja não me satisfazia por um todo ainda. E quando eu descobri a Pastoral, descobri que era muito maior, que a razão, que o ideal, que o sonho era maior que aquilo ali, que não era só eu e o meu grupinho, mas que tinha muito mais jovens em todo o Brasil, e todo o mundo em torno daquilo que a gente lutava também.

Participando da *Pastoral da Juventude*, Liana começa a perceber o grupo como parte de um movimento maior, comprometido com mudanças, onde a amizade é importante, mas as ações também. Essa participação vai abrindo muitos caminhos, pois passa a fazer parte da equipe de coordenação da Pastoral em Santo Antônio da Patrulha e conquista, no grupo, o lugar de confidente; no município é chamada de o *dinossauro da Pastoral da Juventude*. A garota tímida começa a se projetar, falar em público, coordenar encontros e se fazer como jovem atuante no palco da vida.

Nas entrevistas individuais, Liana relatava os objetivos e organização da *Pastoral da juventude*, procurando sempre mostrar o papel político da Pastoral, alertando que a Igreja não se faz da porta para dentro. A oração é importante, mas a luta e o envolvimento na construção da sociedade mais justa é fundamental. No depoimento a seguir, ela fala das ações da Pastoral:

Bom, eu acho que a pastoral age principalmente na questão dos grupos, na conscientização do jovem... ele descobrir que ele é cidadão, que ele também tem a sua função no mundo, que ele é um agente transformador... a Pastoral age mais nesse sentido da conscientização. E, a partir disso, tem propostas, como: a semana da cidadania, o próprio DNJ... a gente vê jovem da pastoral envolvidos em diversas coisas, não só na Pastoral, mas em movimentos populares, no MOVA, eu acho que a Pastoral ajuda muito nesse sentido, em todos esses projetos alternativos.

A Pastoral propõe é que tu não fique só ali dentro da igreja, mas que a igreja é o povo de Deus, então é todo o povo que vive lá fora, e que está precisando da tua ajuda, não é assistencialismo, mas, de repente, estar lá e tentar transformar.

A pedagogia da *Pastoral da Juventude* nucleando os jovens, a partir de suas realidades, tem certo impacto para Liana que acredita no pequeno grupo:

tu vai realmente criar os laços de amizade, é onde tu vai te encontrar mais contigo mesmo, com Deus, a gente acredita na formação integral, no crescimento contigo mesmo, com o outro, com Deus, com o ambiente e com a sociedade. O grande grupo é muito difícil de tu poder te expressar, de tu conseguir... eu tenho muitas dificuldades de grandes grupos, eu só funciono em pequenos grupos, em grandes grupos eu... não dá certo.

No grupo, Liana percebe um crescimento pessoal, superando dificuldades de relacionamento, convivendo com as diferenças e acompanhando o crescimento do outro.

Cresci muito porque tinha muitas dificuldades, não tinha muitos amigos, e era bem fechada, eu acho que mudou bastante a minha vida. Mexe demais com todo mundo, mexeu demais, transformou muita gente. Eu vejo que antes de entrar no grupo, eu quase não tinha convívio com pessoas negras. Minha família são todos muito brancos. E eu só fui mesmo ter contato com pessoas negras no grupo. Porque onde eu estudava, que era no colégio Santa Teresinha, eu acho que se tinha algum negro, eram muito raros, na minha sala de aula não tinha ninguém; e eu não me sentia muito bem ali, não sei bem porque, por ser talvez uma sociedade de classe alta e eu era mais pobre. E no grupo eu me senti muito bem, de estar conhecendo pessoas com realidades muito diferentes da minha, que moravam em outro lugar, que gostavam de outras músicas, pessoal que trabalhava e estudava, e eu não tinha contato com isso antes. Antes eu tinha... escola para casa, da casa para a escola, os amigos eram aqueles ali, e os horizontes eram bem menores. E tu aprende a conviver com outras pessoas, tu conhece outras realidades bem diferentes, porque o grupo... ele faz isso, ele traz gente de todo lugar, e eu acho que se cresce muito assim. Eu tenho muitos amigos que mudaram bastante.

Estar no grupo me ajudou até na Faculdade. Gosto de apresentar trabalho, não tenho grilo de falar na frente para o professor e os colegas. Vejo os outros estudantes em pânico para falar em público, e eu vou muito bem, gosto e não sinto vergonha. Fui me acostumando...

Os jovens da *Pastoral da Juventude* com os quais conversei, em especial Liana, demonstraram um forte pertencimento ao grupo. O grupo como um espaço de acolhida, de troca, um porto que é seguro, mas não é prisão. A oração está presente, mas diria que a amizade, a brincadeira e o lúdico foram pontos que mais chamaram atenção. Atribuem significado para esse pertencimento avaliando o crescimento pessoal e coletivo;

desenvolvendo uma sensibilidade para a vida associativa, tão importante na construção de suas identidades.

Através da amizade e do lúdico, os jovens reinventam novos significados para os grupos religiosos, onde os objetivos da Igreja Católica ficam em segundo plano. Fazem política sem um discurso político como nas gerações passadas; colocam sentimentos e emoções na agenda pública e contribuem para a mudança de mentalidades; transformam os grupos em espaços de convivência mais do que de luta, por mais que os discursos sejam de transformação.

Os jovens transformaram os grupos em espaço de *socialização para a cidadania*, com muitos desdobramentos para a afirmação das identidades, pois, no grupo, são reconhecidos e acolhidos como sujeitos de direitos. Deixam de ser meros instrumentos da Igreja, cujo objetivo principal é o desenvolvimento da fé e conquista da salvação daqueles que ainda não descobriram Jesus Cristo.

Para a antropóloga Regina Novaes⁵³, as religiões são *locus* de agregação social, pois junta os indivíduos e cria obrigações com o mundo circundante. Em suas pesquisas sobre religião e juventude, duas coisas surpreendem. A primeira é o número de jovens em busca de crença religiosa. Todas as pesquisas que têm sido feitas mostram um jovem procurando a fé, a espiritualidade. Ao mesmo tempo, nunca houve um corte tão grande entre a religião dos pais e o que o jovem afirma ser. Há uma tendência de que o jovem não fique mais com a religião da família.

Na entrevista⁵⁴ ao Jornal do Brasil, Regina Novaes comenta a busca da religiosidade juvenil:

Eles vivem intensamente o presente. E, no presente, eles têm desafios muito importantes. No estudo, no trabalho, do ponto de vista emocional. E o tempo todo eles estão preocupados com o futuro. Vivem esta tensão, entre aproveitar a vida e se preocupar com o futuro. E ficam buscando uma explicação para o sentido da vida. Onde poderiam buscar explicação para tudo isso? Em outras gerações se buscou na família, que transmitia uma educação religiosa. Ou então, num certo ateísmo militante, que também dava um sentido para a vida. O que se esperava era que, a

⁵³ Pesquisadora do Instituto Social de Estudos Religiosos (ISER), onde desenvolve pesquisas sobre juventude e religião.

⁵⁴ Entrevista de Regina Novaes ao Jornal do Brasil disponível no site: <http://jbonline.terra.com.br/jb/papel/cidade/2001/09/08/jorcid20010908004.html>

partir do desenvolvimento da ciência e do avanço tecnológico, estas explicações fossem surgir. Mas isso não aconteceu. As pessoas continuam procurando um sentido para a vida e uma forma para lidar com suas angústias e sofrimentos. Os jovens, de qualquer classe social, sofrem. Sofrem pensando no futuro, no mercado de trabalho. Sofrem com a questão da droga. A religião ajuda a tornar o sofrimento suportável.

Melucci (1992) discute a intensidade do presente para os jovens, ou seja, a ameaça de reduzir o tempo a um somatório de instantes sem tempo. Diz que as novas patologias dos jovens estão ligadas ao risco de dissolução da perspectiva temporal. A necessidade de sentido para a vida é um caminho importante para manter a relação circular entre passado, presente e futuro. Parece que a religião está cumprindo esse papel. Melhor seria se a agregação das pessoas, para discutirem o futuro, fosse o espaço da participação do cidadão em vários níveis.

Juventude não combina com isolamento e todas as religiões organizam os jovens em grupos. O lazer fica associado à religião, pois se encontram, tocam violão, discutem, organizam encontros, apresentações, teatros, sempre no contato com o outro, o que é fundamental para a identidade juvenil. Nos grupos, os jovens partilham angústias e encontram um sentido para a vida, diante da incerteza, provisoriade e mudança que caracteriza o nosso tempo.

4.5.2 Sabrina : tecendo a vida com sonhos

Sabrina é uma jovem alta, magra, olhos castanhos, rosto redondo, cabelos longos e uma linda voz. É muito meiga, *indignada* e apaixonada pela vida.

As entrevistas individuais com Sabrina foram realizadas algumas em sua casa, outras não. Ela mora no Bairro Menino Deus, que fica distante do centro da cidade. É uma casa pequena de madeira que está em reforma. O quarto de Sabrina conta um pouco da sua história. É muito pequeno com uma cama de solteiro e um roupeiro, ficando entre eles um estreito corredor que possibilita abrir a porta do roupeiro, onde Sabrina pintou momentos importantes de sua vida: pensamentos, recados e imagens que significam uma parte de si. Nas paredes do quarto, há muitas imagens de Jesus e Maria, rosários pendurados na cama e livros da Pastoral da Juventude num pequeno bidê ao lado da cama.

Sabrina fez curso de magistério, época em que se acompanhou a elaboração de sua monografia de conclusão do curso, feita sobre Paulo Freire. Houve a convivência de dois anos como aluna e professora. Em 2001, durante a elaboração do projeto de dissertação de mestrado, fez-se contato com ela em função de sua atuação na banda *Kairós*. Naquele momento, estavam sendo mapeadas as bandas de música existentes no município. Nesta oportunidade, Sabrina teceu muitos comentários sobre seu envolvimento com as atividades promovidas pela Igreja Católica. Demonstrava dúvidas em seguir a vocação religiosa, mas falava muito de suas idéias para organizar grupos de jovens, ajudar as pessoas e tinha muitos planos para a banda *Kairós*.

Em outubro de 2002, em novos encontros, realizaram-se as entrevistas individuais. Em um deles ficou combinado que Sabrina escreveria uma apresentação sua para o texto da dissertação, mas não se falou nada sobre o que escreveria, ela resolveria como fazer. Assim ela escreveu:

Sou Sabrina de Souza, filha de Nina Rosa e Luiz Carlos Cândido da Rosa. Nasci em Osório no dia treze de setembro de 1983, tenho 19 anos. Sou filha única de minha mãe que tem mais um menino, o Douglas, meu irmão por parte de mãe, que tem 12 anos, filho de César Vanderson de Oliveira, casado com minha mãe há 15 anos, meu padrasto. Meu pai, que morreu a um ano e meio de acidente de automóvel, tinha mais três filhos, o Rodrigo de 14 anos, a Bruna de 12 anos e a Danuza de 19 anos que ainda não conheço. Faço parte da classe predominante de meu País, sou pobre; de classe popular, jovem, petista, “pejoteira”, artista e mulher. Sou professora, me formei no magistério em 2001, e ainda não consegui um bom emprego, portanto, não posso estudar. Pretendo estudar filosofia, e depois dar aulas. Participo da Pastoral da Juventude que é uma maneira de me encontrar e encontrar amigos, pessoas especiais. Há dois anos, mais ou menos, comecei a me engajar em atividades diferentes das de costume, tanto da família, quanto do grupo de amizade ao qual eu fazia parte. Comecei a participar ativamente de muitas outras coisas; a primeira delas foi a Banda Kairós, onde fiz muitas amizades fecundas. Depois o grupo de amizades mais amplo, o REJOC, A RCC, o Conselho da Pastoral Paroquial, e finalmente a Pastoral da Juventude. Todo esse processo teve início no hospital da PUC, onde fiquei internada durante um mês, com doença sangüínea, e lá, acredito eu, encontrei o sentido da minha vida: viver buscando Deus e a mim mesmo nos outros como eu, que não pude viver o que vivi. “Acredito que fui premiada com minha doença”, pois com ela vi que minha vida neste mundo tem um sentido maior do que eu mesma imaginava... Daí é que partiu a mudança de hábitos e a mudança de vida, propriamente dita. Durante estes dois anos aconteceram muitas coisas, uma delas foi eu procurar meu pai (e perdôá-lo), justamente um ano antes dele se ir... Outra foi eu ter entrado em muitas “crises existenciais”, o que conta muito como experiência vivida... Outra foi descobrir que em mim há uma vocação, algo “nato”, que grita e não cessa de queimar... Outros amores (o que se contradiz muito!!!) E por fim toda a avaliação e revisão ideológica. Sou esse processo em

construção, que apenas iniciou!! E os sonhos são os mais bonitos e puros possíveis. O trabalho é cada vez mais maravilhoso, mais responsabilizante, mais complicado, mais humano, mais divino... E a luta é para sempre contínua, na esperança do mundo novo sem injustiça, sem opressão nem desigualdade. Ainda não sei bem nem como vou estar daqui um tempo, talvez eu já não seja mais jovem. Mas ainda sou e adoro esta condição de “rebelde” e ao mesmo tempo “santinha”. Adoro essa juventude que me deixa livre para escolher meu futuro.... Tão livre que quase morro para descobrir o que quero realmente. Tão “mimada” que morro de medo de sair de casa e “crescer”!!! O que sei de mim é isso!! O que posso fazer é te carregar comigo e mostrar (pessoalmente) a maravilha que é ser e estar com pessoas que amam ser o que são... A “beleza” que é respirar juventude, Jesus Cristo, estrada, missão, amigos, saudades, “gatões e gatinhos”, abraços, carinhos, loucuras, poesia, arte e teatro e música, muita música!!! Música boa! Letras incríveis! Ritmos belos e alma na melodia! encantos e fantasia. SABRINA

Quando Sabrina entregou este texto, estava muito preocupada se não tinha esquecido nada. Pediu que o lesse e comentasse. Não se pode esconder o encantamento, pois descreve, sente e vive a juventude como um tempo de liberdade, de escolhas, de formação, de decisões. Diante das dificuldades, não perde a esperança e vai tecendo a vida com sonho e paixão. Neste dia, falou muito sobre sua formação, preparação e dificuldades de conseguir um trabalho que não tomasse todo seu tempo. Sentiu-se sua angústia na ambigüidade que representava o trabalho. Sente-se preparada, investe muito na sua formação fazendo cursos e participando de muitas atividades que promovem a cidadania, mas vive os dilemas do desemprego que atinge toda a população brasileira, especialmente os jovens. Deseja trabalhar, mas gostaria de ter o controle do seu tempo, ocupando um turno para fazer as coisas de que gosta, ligadas aos grupos de jovens.

No dia 15 de outubro de 2002, realizou-se uma entrevista com Sabrina. Foi planejado um roteiro aberto sobre as redes de amizades e os processos educativos que a participação nos grupos religiosos proporcionava. Pensou-se em iniciar pedindo que falasse um pouco de sua vida, mas, no momento do encontro, este propósito foi alterado, pois ocorreu que se gostaria de saber, inicialmente, como ela se definia, percebia-se. Queria se saber como ela se assumia, neste momento de sua vida, ou seja, que posição procurava marcar para si. Estudante? Jovem? Desempregada? Seria uma identificação pela negatividade ou positividade? Estas questões ocorreram durante os momentos que antecediam a entrevista, fazendo mudar o rumo inicial da conversa.

Marcou-se a entrevista por telefone, e ela foi muito receptiva, dizendo: *Que saudades, professora, precisamos conversar!*

Chegando à sua casa, ela estava tomando café, que terminou rapidamente, colocou, um CD da Pastoral no aparelho de som, em volume bem baixo, pegou sua agenda e sentou-se totalmente disponível para falar e dizendo que também queria anotar. Parecia muito feliz.

Na entrevista, não foi usado gravador. Escreveu-se o que ela pausadamente falava. Por fim, ela disse: *vou escrever tudo isso para ti*. Talvez ela tenha sentido a dificuldade, pois foi ficando difícil registrar o que se ouvia, já que ela se envolveu na narrativa e acelerou.

Iniciou-se a entrevista perguntando: Como te defines, hoje? Quem é a Sabrina? Já tinha sido comentado com ela a respeito da pesquisa que estava sendo feita. Imediatamente, ela disse:

Hoje posso me definir como jovem. Momento em que estou gozando de muita coisa. Dezenove anos! E estou muito feliz. Comentava com a minha mãe, ontem, que é muito bom o nosso relacionamento. Posso conversar e tenho liberdade. Estou num momento bom. Ser jovem é isso: descobrir o verdadeiro valor das coisas.

Ela fazia uma definição positiva de si. Estava bem diferente da primeira entrevista e de outros momentos em que se conversou.

Perguntou-se o que ela estava fazendo. Sabrina começou a contar toda a sua vida, a partir de uma doença que teve quando estava no curso de magistério.

Estive doente e vi muita coisa no hospital da PUC. Comecei a pensar em muita coisa, que a vida não é para ser vivida como todo mundo vive, de forma chocha. Decidi mudar, procurar outras coisas. Só fazia o normal: estudar, ir à festa, beber, namorar.

Perguntou-se : O que mudou?

Procurei dar sentido para as coisas. Fiz o Retiro de Jovens com Cristo (REJOC) e daí, sim, mudei radicalmente minha vida. Parei de sair, pois não precisava das festas, das coisas do mundo. Aí, desbanquei para o lado da Renovação Carismática Católica. Entrei em crise. No começo, era bom, mas vivia chorando. Hoje posso dizer que a renovação é um culto ao egoísmo. É triste falar isso de algo que me fez bem. Tem um lado bom que faz a gente pensar no que fizemos de errado. Eu cantava nos encontros da Renovação com a banda. Entrei em depressão e comecei a pensar muito na minha vida. Em 2001, meu pai morreu e, aí, vi que a religião do jeito que eu estava levando não era boa. Comecei a participar da liturgia na Cidade Baixa, nas reuniões e comecei a montar um grupo de jovens na Cidade Baixa. Eu participei de cinco REJOCs (Retiro de Jovens com Cristo), dois REJOVs (Retiro de Jovens Vicentinos), dois RAVIs (Retiro Vida), FESTICRISTO, FESFAJOC (um dia de festa). Todos esses movimentos são promovidos pela Renovação Carismática. A Igreja não gosta porque é alienante, pois a Igreja não foi feita para si, mas para todos. Estas reflexões me levaram a ser o que eu sou hoje. Para fazer uma revisão da minha vida precisei fazer uma linha de tempo para saber onde eu estava. Depois disso, entrei no MOVA e na Pastoral da Juventude. Fui ao Congresso da Pastoral da Juventude Rural onde participaram integrantes do MST, partidos de esquerda e representações de jovens da realidade rural de todo o Estado. Isto deu início a uma reflexão mais política da minha vida. Antes eu participava do PT e da Renovação Carismática, não sei como conseguia.

Toda a entrevista se desenvolveu como revisão da sua vida. Ela ia e voltava no tempo, comparando a sua atuação e idéias quando estava no grupo de carismáticos⁵⁵ e agora que está na *Pastoral da Juventude*. Ria das coisas em que acreditava, pelas quais havia brigado, e que hoje eram revisadas. Contou das músicas de Cazusa que não ouvia porque eram profanas e colocou para escutarmos *Cobaias de Deus*. Ia comentando a letra e rindo das críticas que a música fazia às idéias em que ela, antes, acreditava.

A narrativa da entrevistada revela a vivência de um momento de revisão de idéias, totalmente envolvida com o grupo de carismáticos. Numa postura de contemplação e oração, ela ingressa na Pastoral da Juventude e se defronta com idéias de transformação e crítica social da ação da Igreja. Passa, então, a questionar os ritos dos carismáticos que, segundo ela,

⁵⁵ A Renovação Carismática é um movimento da Igreja Católica que se volta para a 3ª pessoa da Trindade, o Espírito Santo. O lado racional da fé sede lugar as vivências emocionais da fé com celebrações esplendorosas, longas e com reuniões de massas. É, também, uma adaptação da Igreja ao fenômeno da *revanche do sagrado*, ao surto religioso que surgiu e se firmou nas últimas décadas com a explosão do número de movimentos e igrejas pentecostais. A relação com o mundo *de fora* (extra-ecclesial) é bastante superficial, pois a religião se restringe ao espaço privado, individual desenvolvendo ações de assistencialismo. Não se relaciona politicamente com outros movimentos. Oferece retiros, encontros e cenáculos que são momentos de profunda oração, cura interior e *libertação* das crises pessoais.

desenvolvem um culto ao egoísmo, pois todos os rituais da *Renovação Carismática* tem por objetivo a louvação.

Sabrina trazia do passado fatos que estavam relacionados a esse momento de revisão por que estava passando. Como sugere Vidal (1998), o ontem não renasce, mas é produzido pelo olhar do presente crivado de influências, ou seja, o passado não existe como algo pronto, que já foi vivido e, portanto, possível de reconstruí-lo tal como aconteceu. Ao contrário, as escolhas e vivências do presente resignificam o passado e o passado lança luz ou sombra no presente. Também se busca, no passado, coisas que se quer preservar em vivências do presente. Na mesma linha, Brand (2000) fala do diálogo e da reciprocidade entre o passado e o presente.

Em alguns momentos da narrativa, pensava-se na entrevista que tinha sido feita com ela em 2001, quando ela falava que queria se dedicar inteiramente à vida religiosa, entrando para a *Congregação dos Carmelos*⁵⁶. Na ocasião, procurava justificar os comentários que ouvia a respeito das músicas da Renovação Carismática, tidas como alienantes. Pensava, também, no quanto a diversidade de experiências, que ela vivenciava em grupos, ampliava as possibilidades de exercer sua condição de jovem. Perguntou-se, então, que redes de relações são construídas pelos jovens das camadas populares, que possibilitem a construção de uma identidade positiva? Se somos as relações que construímos, que projetos de vida são possíveis produzir num contexto de *abandono* das políticas públicas, inexistentes ou inadequadas? É fundamental a discussão do direito à juventude, pois a sociedade joga para o indivíduo a necessidade de se construir, mas retira os recursos materiais.

⁵⁶ A Congregação dos Carmelos pertence à Igreja Católica. A Ordem do Carmo nasceu do gesto de um grupo de amigos que, após ter combatido e sofrido durante meses, ou talvez anos, pela causa comum de Cristo, na recuperação e defesa da Terra Santa, decidiram levar essa entrega até suas últimas conseqüências, estabelecendo-se definitivamente na encosta ocidental do Monte Carmelo. Seu propósito era viver em obséquio de Jesus Cristo, ou melhor, continuar defendendo com sua presença a terra do Senhor e abraçar, além disso, o estilo de vida dos monges antigos que na solidão do deserto buscaram a plenitude da vida cristã imitando a Jesus Cristo.

O ramo feminino da congregação ganhou vitalidade com Santa Teresa e, há uma variedade de vida, costumes e legislação existente entre os diversos mosteiros. Se o Beato Soreth, por exemplo, criou um núcleo de mosteiros bastante homogêneo na França e nos Países Baixos, sua influência na Itália e Espanha foi quase nula. Com frequência os mosteiros são fruto de uma transformação paulatina de grupos de beatas que, ao ir participando cada vez mais plenamente da vida da Ordem, convertem-se em monjas propriamente ditas, adotando sua Regra e Constituições. Santa Teresa, monja carmelita, fez-se carmelita no mosteiro da Encarnação de Ávila, recebendo a herança dos primeiros eremitões do Carmelo, enriquecida por três séculos de tradição, e condicionada ao mesmo tempo pela configuração histórica da comunidade na qual aprende a vivê-la. (informações disponíveis no site: http://www.ocd.pcn.net/hp_2.htm#2)

Relendo o texto de Errante (2000), refletiu-se sobre o cruzamento de narrativas, ou o quanto a entrevista estava evocando memórias que levavam a fazer outras perguntas, impensadas no momento do planejamento da entrevista. Por isso a entrevista é um evento que produz reflexões para o entrevistado e para o entrevistador. É um processo de escuta de si e do outro.

Como recomenda Vidigal (1993, p. 18):

O entrevistador não pode assumir uma postura excessivamente participante [...]. Não deve, por outro lado, estar sempre a mudar de tema, e a fazer muitas perguntas [...]. Por isso os inquéritos rígidos são muito pouco apropriados para recolher dados significativos. São as poucas perguntas consideradas essenciais que devem ser feitas, segundo o andamento da conversa.

Realizando uma entrevista é que se percebe que a fronteira entre essas posturas - participante ou inquisidor - parece ser de cristal, pois, às vezes, há uma grande curiosidade de saber mais e mais do que se está pesquisando e se esquece que o narrador também tem seus motivos para falar. Nesse momento, a sensibilidade e o conhecimento do assunto são elementos fundamentais.

Outra entrevista foi feita em minha casa, pois Sabrina teria um compromisso próximo a ela. Às 15h, pontualmente, ela chegou. Sentadas na área dos fundos, onde soprava uma brisa refrescante, conversou-se um pouco, falou-se que gostaria de gravar, e ela não demonstrou qualquer constrangimento com o aparelho, mas no início sentiu-se que mudou o tom de voz e olhava muito para o gravador.

Iniciou-se a entrevista retomando a anterior e solicitando que ela falasse mais sobre outros momentos de sua vida, abordando temas como namoro, família, dia-a-dia, projetos futuros. A intenção era ouvi-la a partir de diferentes lugares, objetivando mapear a rede de relações e os processos educativos.

Bom, não posso falar de mim, mesmo falando de namoro, família, de qualquer coisa sem falar da Pastoral. A minha vida é em torno da Pastoral. Namoro é complicado, nem sempre os meninos estão dispostos a entender que eu vou passar o final de semana todo lá em outro lugar e convenhamos,

na Pastoral tem muitos gatinhos!! Trabalho no MOVA que, agora, é minha grande atividade[...] Trabalho com alfabetização que se liga muito com o trabalho da Pastoral. Com minha família o relacionamento é muito bom. Sempre conversamos e depois que amadurecemos o diálogo fica melhor. Por que se antes eles não davam ouvidos porque era uma criança que estava falando, hoje eles dão. Hoje eles me consultam até na educação do meu irmão. Ah, porque tu estudou... sabe melhor psicologia. A única coisa que não está bom é a questão financeira, porque a minha mãe não está trabalhando. A pessoa que trabalha lá em casa é o meu padrasto; parece que a minha mãe vai começar numa fábrica de calçados... coitada!! A minha mãe retrata muito a realidade que se fala, a realidade de um país quebrado como o Brasil. Minha família retrata isso, porque são pessoas que não têm escolaridade. Meu padrasto estudou até a quinta série e no ano retrasado consegui convencer minha mãe a voltar a estudar. Consegui colocar ela no colégio, só que ela se frustra muito, porque ela entrou no colégio e saiu do emprego. A patroa dela dispensou seus serviços porque ela precisava sair do trabalho meia hora mais cedo para ir ao colégio. Ela era empregada doméstica, mas ganhava bem. Acabou optando pelo estudo. Só que tinha certeza que ia achar um bom emprego. Mas vejo minha mãe crescer junto comigo. Vou falando para ela muita coisa que eu aprendi na monografia, em filosofia e muita coisa ela já entende. Antes ela era anti-petista, agora ela já vai ao comício.

Sobre os projetos futuros Sabrina diz:

Daqui para frente...a minha vida provavelmente não se desligará da Pastoral da Juventude, da Igreja, isto eu tenho certeza. Acho que não vou largar as coisas que eu faço porque realmente é um trabalho que eu gosto muito, que me identifico. São reuniões, encontros, trabalhos, músicas. Coisas que trazem uma motivação para tocar em frente, para levar adiante a proposta do trabalho com a juventude..

E a narrativa nesta entrevista desenrolou-se em função do que ela fazia na Igreja, da revisão de idéias, dos encontros religiosos que tinha feito. Neste contexto, foi trazendo o cotidiano, a situação financeira da família, o relacionamento com a mãe, o trabalho no MOVA, a militância no Partido dos Trabalhadores, os namoros e os projetos futuros. O fio da narrativa era a vivência da religião, mesmo quando falava do namoro, reportava-se à dificuldade dos meninos entenderem o tempo dedicado à Pastoral.

Questionada sobre sua participação na banda *Kairós*, Sabrina comenta: *A banda mudou muito em função desse processo de conscientização que aconteceu comigo. Antes a gente se reunia*

para tocar por tocar [...] Para mim hoje já não tem mais sentido, porque aquele tipo de música já não faz parte da minha realidade. Perguntou-se quais eram as músicas e Sabrina diz que :

São músicas de adoração, de louvor, músicas introspectivas, que te faz rezar, te coloca em oração. Hoje a minha música é diferente. É mais Renato Russo, Cazusa, Elis Regina, MPB. Bem diferente. Se antes eu vivia encerrada dentro de um contexto de oração, agora parece que eu me libertei disso e modificou. É mais um processo de descobrir aquilo que é bom para ti. Minha vida musical antes era mais relacionada a oração e isso não tem muito sentido na vida de um jovem. Hoje eu escuto Legião Urbana rezando e digo que tem mais a ver com a realidade da gente. É uma coisa mais encarnada. Hoje ir ao encontro da Renovação Carismática, depende do meu humor, porque é uma questão de humor mesmo. Se eu estou totalmente livre e disposta não tem porque não ir. Agora eu vejo assim, mas antes eu ia todas as 5^a feiras aos encontros e todas as 3^a feiras eu cantava no Ministério da Música na Renovação. E isso era importante !

Inspirada em Errante (2000), ficou-se atenta ao contexto no qual o entrevistado rememora, e, talvez, Sabrina não estivesse contando para uma pessoa, mas para todos aqueles com os quais estava com problemas, diante dos questionamentos que vinha fazendo da *Renovação Carismática*. Vivia o momento de rompimento com a sua banda, pois esta não aceitava a *Pastoral da Juventude*. Na entrevista, várias vezes ela fez críticas à banda que só queria tocar músicas alienantes. De certa forma, a narrativa de Sabrina revela a necessidade de estar em grupo, de ser reconhecido no grupo, ou seja, a possibilidade de construir projetos coletivos, que tenham sentido para o jovem. E os momentos da vida vão configurando as escolhas em relação a quais grupos participar.

Quando foi lida a transcrição da entrevista, deu-se conta de que quando se perguntou: a música /a banda não é a centralidade da tua vida? pensava-se na vocalista que estava saindo da banda, e quis-se saber como Sabrina se sentiria sem a banda. Ela respondeu pensando na música ouvida no rádio, CD ou os momentos em casa em que tocava e cantava. Ou seja, pensava-se na banda e ela pensava na música e, obviamente que a música não ficaria fora de sua vida sem a banda. A banda neste momento parecia não ser importante para ela. Muitas vezes, os esquemas de pensamento são diferentes, e as respostas se apresentam diferentes das perguntas. Ou, como salienta Vidigal (1993), as perguntas devem levar em conta o conteúdo que se pretende apreender. Neste caso a pergunta foi dúbia.

Durante a transcrição da entrevista, foram lembradas as discussões em aula (UFRGS) e os textos lidos, pois não sabia como expressar, no papel, certas coisas: sentimentos que ela passava na voz, entre os quais a entonação de voz, às vezes, forte, outras vezes, maliciosos, críticos, esperançosos; seus gestos e sua voz eram evocadores. Sentia as coisas se perdendo na transcrição. O conforto veio nas palavras de Vidal (1998, p. 12):

Por mais próxima que ela esteja da fala, a transcrição é a passagem da oralidade à escrita, o que de certo modo constitui uma reelaboração da entrevista na medida em que pausa, entonação, silêncio, ritmo são algumas características da oralidade dificilmente enquadráveis nas regras gramaticais do escrito. Transcrever, assim, implica fazer opções, mais ou menos arbitrárias, de ortografia e pontuação.

Realmente, a entrevista é um momento de reflexão, como afirma Portelli (1970), e aponta, em si mesma, pistas a serem seguidas. Neste caso, a narrativa da Sabrina suscitou novas questões, entre as quais o significado da Pastoral da Juventude Rural, a Congregação dos Carmelos e os encontros da Renovação Carismática em Santo Antônio da Patrulha, algumas curiosidades e outros elementos que foram considerados nesta dissertação.

Em outros momentos em que se conversou, Sabrina falou sobre a dinâmica da *Pastoral da Juventude*:

A pastoral da juventude diz que o legal é viver em grupo. É a gente conseguir crescer em grupo, criar idéias juntos, uma ideologia de libertação, uma ideologia de política também, porque na Pastoral a gente estuda política. Não somos só encontros. Somos grupos, encontros, promoções para buscar mais jovens. Mas não é só isso, a gente quase se mata para fazer os encontros! Temos uma super-organização. O nosso Encontro Estadual desse ano, teve mais de cinquenta mil pessoas. A principal idéia é Ter espírito de coletividade. É se organizar para conseguir viver em grupo, para conseguir crescer juntos.

Sobre a importância desta participação na sua vida ela diz:

A partir do grupo, minha vida mudou muito. Acabamos nos deparando com a gente mesmo a partir das outras pessoas. Aí começamos a nos questionar... A nossa relação às outras pessoas e com nós mesmos. E eu

acho que a partir daí que se cresce, a partir daí que se sonha, é a partir daí que se pode optar em fazer alguma coisa na vida. Que se pode escolher! Porque ou nos conhecemos, ou não saímos do lugar. Não saímos de nós mesmos. E sair de si é o principal.

Se a cidadania é fundamentalmente participação, pode-se pensar que as vivências dos jovens nos grupos fomentam formas de conhecimento de si e do outro incentivando atividades públicas e coletivas. Fala-se tanto dos grupos ligados às instituições, como dos grupos de formação autônoma dos jovens (bandas de músicas), pois, tanto em um como em outro, a amizade e as trocas afetivas são fundamentais.

Muitas foram as vezes em que Sabrina falou das dificuldades em conseguir trabalho:

As pessoas me dizem: Por que tu não vai trabalhar no comércio, por que tu não vai fazer alguma coisa? Tu é pobre, tu tem que trabalhar, mas isso indigna a gente. Se tem consciência que possui condições e não consegue trabalhar. Em Santo Antônio não tem onde trabalhar. E para poder trabalhar aqui, se espera estar na faculdade, e para estar na faculdade, precisa dinheiro, logo, de um trabalho. É frustrante viver a juventude assim. Tenho um caderno onde eu escrevo sobre isso, é tudo que eu penso sobre essas coisas, a contrapartida que é minha vida. Mas eu tenho muito medo de começar a trabalhar e me tornar aquele negócio: Ir pra casa depois do serviço, olhar TV, tomar banho, ir dormir e no outro dia acordar ir para o serviço, chegar em casa, almoçar. Vejo pelo meu padrasto. É uma máquina! Chega final de semana, e ele não tem o que fazer. Parece que fica faltando alguma coisa. E aí o que acontece? Liga a TV e senta e fica sem fazer nada, estático. Porque é uma pessoa que não aprendeu a viver com as outras pessoas, não tem um postura de vida coletiva. Vamos no vizinho? Vamos tomar chimarrão? Imagina! É a TV e ele!

Como se vê, os processos de transição para a vida adulta ativa não são lineares. Terminar um curso de magistério e continuar estudando e participando de encontros de formação não constitui garantia de emprego. Muitas vezes, o problema do trabalho não está apenas na falta dele, mas de ser ou não alienante. Para Sabrina, ter um trabalho em turno integral, sem tempo para sentir os momentos da vida, é como se estivesse desempregada ou abrindo mão de projetos de vida. Ao não ter um trabalho, segundo ela, perde a oportunidade de cursar uma faculdade de Filosofia, considerada um de seus sonhos. Sabrina vacila entre o que pode fazer e o que gostaria de fazer. Gostaria de encontrar um trabalho compatível com as atividades no grupo de jovens. Porém, neste momento, não consegue nenhum tipo de trabalho,

principalmente numa cidade onde ainda são relevantes as relações de amizade e familiares para conseguir emprego. Interessante é que os impasses do presente de Sabrina não tornam seu futuro ausente. Sonha, faz planos e luta para realizá-los.

As conversas que se teve com Sabrina permitiram pensar sobre a maneira como ela mobilizava seus conhecimentos, valores, crenças, para ir dando forma às suas identidades. No inventário de si, a religião parece ocupar um lugar central. As relações que estabelece, as trocas, os conflitos, os valores predominantes são dimensões que marcam sua vida e constituem um filtro por meio do qual lê o mundo, lê a si mesma, descobrindo o lugar que ocupa.

Se a identidade é relacional, cujo eixo é a alteridade, ou seja, nos tornamos conscientes de nós mesmos nas relações que estabelecemos, a religião para Sabrina é o espaço da visibilidade, da sua constituição como sujeito social. A atuação nos grupos religiosos significou uma ampliação das redes de amizade, num exercício de convivência social que reforça a auto-estima e a coloca na cena pública, exercendo uma identidade reconhecida e desejada no grupo e que põe em relevo potencialidades pessoais.

Sabrina vive a juventude como um momento determinado, de afirmação, revisão e descobertas, um momento em que os dramas humanos são sentidos de forma mais intensa, o que não significa, porém, que a juventude seja uma passagem, um corredor cheio de problemas pelo qual se precisa *passar rápido*. Representa parte de um processo de constituição do sujeito, tem especificidades, mas não é mera transição para o mundo adulto *estável*.

Nessa narrativa de vida, pôde-se refletir sobre a religião e a juventude, a importância do pertencimento a um grupo e o evento da entrevista. E neste último aspecto, o quanto nossa memória se apoia na história vivida, ou seja, o presente é o horizonte onde o passado e o futuro se encontram. Isso faz da entrevista um momento único, de escutas e reflexões para ambas as partes. Escutar Sabrina possibilitou pensar em tempo de juventude, nas possibilidades de escolhas que se teve e que, agora, os jovens têm.

Foi difícil pensar o entrevistado e o entrevistador, pois, por vezes, mergulhou-se no relato, perguntando-se o quê mesmo se queria saber. Difícil perceber em que contexto cada

elemento aparecia e, principalmente, como interpretar fragmentos de vida. Como atribuir o significado aos discursos e às vivências narradas?

Amado (1997, p.154) fala da relação entrevistado e entrevistador como troca, negociação e *quanto mais próximos os objetivos de ambos [...] mais fácil será a experiência*. Não se sabe se foi troca, negociação ou proximidade de objetivos, mas foi muito bom dialogar com Sabrina. Houve uma disponibilidade, empatia e confiança, pois contou coisas, que depois, ela mesma dizia: *Meu Deus, como é que eu estou falando estas coisas*.

É importante pensar, também, que o momento de vida de Sabrina, os locais das entrevistas, os objetivos, as evocações que os depoimentos proporcionaram, a relação de amizade que se construiu, definiram o quê e como contar, ou seja, o contexto de rememoração construiu uma narrativa. Se o momento da vida de Sabrina e o do entrevistador fossem outros, certamente o depoimento seria diferente. Como comenta Vidal (1998, p.12), “é impossível afirmar o depoimento como um documento construído pelo outro e revelador de sua identidade. É uma construção discursiva que, ao se projetar sobre o passado, procura conferir-lhe um ou vários sentidos”. Por isso, como afirma Errante (2000), o momento da entrevista é um evento em si.

A partir dos depoimentos de Sabrina, é possível pensar que as experiências com os grupos religiosos se transformam numa rede de sustentação na vida de alguns jovens, que se vêem obrigados a fazer escolhas diante de um mundo marcado por incertezas e ampliação das possibilidades. Mas o grupo é, também, o lugar da fruição da vida. Momento de encontro, de trocas, de afirmação da auto-estima, de vivências vitais para a juventude. Nos grupos, os jovens elaboram diferentes sentidos para a vida, questionam e criam projetos futuros, fundamentalmente coletivos. Assim, não podemos negar que esses jovens estão sendo educados por outras pedagogias, além da escola.

4.6 A PASTORAL DA JUVENTUDE

O principal objetivo da *Pastoral da Juventude*⁵⁷ é a evangelização da juventude em suas diversificadas realidades. Em vista deste objetivo, a Pastoral defende a importância do grupo e da vivência comunitária. As palavras escritas no Manual do Evangelista da Pastoral da Juventude do Sul 3⁵⁸ apontam para a importância do viver juntos.

A fé cristã é comunitária; dentro de todos nós mora a vocação comunitária. Um grupo de jovens também não pode viver isolado; ele é comunitário. Encontrar outros grupos com a mesma finalidade é uma festa; é uma atitude política; é uma forma bonita de ser Igreja. Viver fechado em si mesmo é sinal de doença.

A Pastoral considera integralmente o jovem em sua formação, levando em conta sua experiência como elemento central e ponto de partida dos métodos e das técnicas que vão ser utilizados. A experiência não é pretexto para comunicar conhecimentos abstratos, nem induzir ou provocar *vivências fortes* por meio de técnicas que mexem com o emocional, mas a fé sendo percebida como aprofundamento da própria experiência de vida.

Nas décadas de 1930 e 1940, difundiu-se nas Igrejas da América Latina, a Ação Católica Geral que teve grande influência na formação dos jovens. No final da década de 40, começam a difundir-se movimentos laicos como continuidade e ruptura da *Ação Católica Geral*. Os mais conhecidos são a *Juventude Operária Católica (JOC)*, *Juventude Agrária Católica (JAC)*, *Juventude estudantil Católica (JEC)*, entre outros. Esses movimentos desencadeiam reflexões que se desenvolveriam como *Teologia da Libertação*. Politizados, esses movimentos tornam-se alvo das forças repressoras que dominavam a América Latina nas décadas de 1960 e 1970. Alguns desses movimentos se reorganizam, continuando seu trabalho animados pelo novo impulso dado às Pastorais Específicas de Juventude.

⁵⁷ Para o Conselho Episcopal Latino –Americano a expressão *Pastoral da Juventude* é utilizada para diferentes conteúdos e realidades. Às vezes, designa o processo de educação na fé que a Igreja realiza para a evangelização dos jovens; outras vezes, aplica-se ao conjunto de jovens integrados nesses processos e, outras vezes ainda assinala o conjunto de estruturas e organismos que possibilitam este processo pastoral. A *Pastoral da Juventude* é a expressão concreta da missão pastoral da comunidade eclesial no que tange à evangelização dos jovens.

⁵⁸ A CNBB agrupou os Estados brasileiros em dezessete regionais e o Rio Grande do Sul é a Regional Sul 3. Algumas Regionais compreendem mais de um Estado, o que não é o caso do Rio Grande do Sul.

A partir da década de 1970, o trabalho com os jovens era através dos Movimentos de Encontro, inspirados na metodologia (de impacto emocional) dos Cursilhos de Cristandade, um movimento para evangelização dos adultos, nascido na Espanha. Os encontros eram coordenados pelos adultos, e os jovens organizavam tarefas secundárias. As dificuldades apareciam depois do encontro, pois não havia uma proposta de continuidade. No entanto, muitos jovens, formados nos Encontros, ajudaram a fazer a passagem dos Movimentos de Encontros para a *Pastoral da Juventude*.

A *Pastoral da Juventude* é uma forma de trabalhar com os jovens que começa a nascer em quase todos os países da América Latina na década de 70. Surge de uma necessidade sentida pela coordenação dos grupos de jovens nos níveis paroquial, pastoral, diocesano, regional e nacional. Hoje, no Brasil, há a *Pastoral da Juventude* (PJ), a *Pastoral da Juventude Estudantil* (PJE), a *Pastoral da Juventude Rural* (PJR) e a *Pastoral da Juventude do Meio Popular* (PJMP). No seu todo, formam a *Pastoral da Juventude do Brasil* (PJB) e todas estão representadas no Rio Grande do Sul.

O Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM) teve uma importante participação na elaboração da proposta da *Pastoral da Juventude*. O grande impulso foi a II e III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, realizadas em Medellín e Puebla, quando a Igreja produziu um documento oficial sobre a juventude (Medellín, 1968) e fez a opção pelos pobres e pelos jovens (PUEBLA, 1979). Constituíram-se em forças renovadas do processo da *Pastoral da Juventude* no continente⁵⁹.

Esta opção pelos jovens desencadeou uma série de estratégias de ação que levaram os coordenadores da *Pastoral da Juventude* a organizarem encontros nacionais, regionais e latino-americano, na busca de uma Pastoral organizada e assumida pelos jovens. Atualmente, existem dezessete regionais da CNBB espalhadas pelo Brasil, cada uma respondendo pelo trabalho em nível nacional. O Rio Grande do Sul é a Regional Sul 3, onde existem quatro inter-diocesanos⁶⁰: Norte (formado pelas dioceses de Frederico Westphalen, Erechim, Passo Fundo e Vacaria), Centro-Oeste (Uruguaiana, Santo Ângelo, Santa Maria, Cruz Alta,

⁵⁹ O breve relato da constituição da Pastoral da Juventude foi elaborado a partir das informações contidas no livro *Civilização do Amor: tarefa e esperança do CELAM – Conselho Episcopal Latino-Americano*.

⁶⁰ Inter-diocesano é uma instância da PJ, uma região que abrange várias dioceses. Diocese é uma circunscrição eclesiástica presidida por um bispo. Abrange uma região geográfica formada por certo número de paróquias, isto é, uma circunscrição geográfica menor presidida por um vigário. No Sul 3 temos 17 dioceses.

Cachoeira do Sul e Santa Cruz do Sul), Leste (dioceses de Caxias do Sul, Novo Hamburgo, Osório e Porto Alegre) e Sul (diocese de Rio Grande, Pelotas e Bagé).

O Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM) explica que o ponto de partida da Pastoral da Juventude é o próprio jovem, assumido em sua realidade pessoal, cultural e social. Não inventa os jovens: encontra-os como são e onde estão. O processo evangelizador é vivido em pequenos grupos, de forma participativa a partir dos jovens e com os jovens. Eles são ponto de partida e sujeitos ativos de seus próprios processos, e são chamados a ser os primeiros evangelizadores dos outros jovens. Essa participação é o elemento fundamental da pedagogia da *Pastoral da Juventude*.

A Pastoral, portanto, reúne ingredientes importantes para a experiência juvenil, entre eles, o nucleamento por grupos; o discurso de fraternidade na busca da aceitação do outro, absorvendo as singularidades, ou seja, são menos cruéis com as diferenças; a idéia de que somos todos irmãos cria uma rede de solidariedade que contribui na construção de identidades positivas, pois o grupo se torna um espaço de pertencimento; a didática do lúdico faz dos encontros da Pastoral momentos de sociabilidade fundamentais para a convivência em grupo.

O mundo é cheio de possibilidades, mas, para muitos jovens, de difícil inserção. A Pastoral, mais compatível com as diferenças, torna-se, para uma juventude que tem sede de ser aceita e estar em grupo, um espaço de fruição da vida. Na convivência com os jovens, percebia-se que, para muitos, o grupo, enquanto um espaço para o encontro, as amizades e o namoro era mais importante do que a religião.

Uma questão importante da Pastoral diz respeito ao caráter fragmentário e diversificado das experiências. Em lugar de procurar movimentos centralizados, a Pastoral desenvolve iniciativas coladas às diferentes realidades, acompanhando uma tendência deste tempo de proliferação de redes com projetos diversificados. Talvez resida aí a fecundidade da Pastoral junto aos jovens. Lentamente, vai construindo novos jeitos de ser Igreja comunitária, participativa e diversificada, e a diversidade é a marca fundamental dos jovens deste nosso tempo.

Outro aspecto a considerar, em relação à Pastoral, é o nível de abrangência. Encontraram-se jovens do meio rural organizados a partir da *Pastoral da Juventude Rural*, ou

seja, a Igreja tem marcado uma importante presença no meio rural onde os jovens parecem carregar o peso da inferioridade, como diz Benevuto (2000), pois o *jovem que é moda*, é eminentemente urbano.

Obviamente não se pode esquecer que a *Pastoral da Juventude* representa o instituído e há uma pressão da hierarquia da Igreja. Com objetivos precisos, a Igreja busca ampliar *seu rebanho*, porém importa pensar que significados os jovens estão construindo para as vivências cotidianas nos grupos religiosos.

CONCLUSÃO

REINVENTANDO FORMAS DE PROXIMIDADE

O jovem! Aquele que não é mais, mas não é ainda...Consumidores, viajantes, imaturos, barulhentos, desencaminhados, individualistas, isolados, errantes.... Serão tudo isto?

Evocá-los impõe produzir outro ponto de vista abandonando estereótipos. Em seu livro *Idade de Ouro: Adolescentes entre sonho e experiência*, Alberto Melucci e Anna Fabbrini (1992) propõem um outro rosto desta idade. Nas suas pesquisas, encontraram rapazes e moças conscientes, empenhados, capazes de pensar, de observar, de ter idéias e projetos próprios para o futuro.

Encontramos inteligências desejosas de conhecer e de pôr-se à prova, pessoas que não se contentam em sonhar e iludir-se, mas que querem crescer e entrar na experiência de vida, à procura de uma verdade sobre o mundo e sobre si mesmas; pessoas que querem inventar uma vida que valha a pena ser vivida⁶¹ (MELUCCI E FABBRINI, 1992, p. 13).

⁶¹ MELUCCI & FABBRINI. *A Idade de Ouro: Adolescentes entre o sonho e a experiência*. Tradução de Elton L. Bof.

Não negam que esta *estação da vida* seja um momento de construção, mas deslocam o olhar dos conteúdos da experiência aos processos de construção e aí pensam na adolescência/juventude “como um período que não termina, para passar definitivamente à idade madura sem problemas e sem crises, mas que mantém, ao contrário, abertos para o resto da vida, os aprendizados da própria crise.” (MELUCCI E FABBRINI, 1992, p.15). Os medos, dilemas e conflitos não terminam na juventude, mas iniciam a partir dela a fazer parte da existência de cada um.

Melucci e Fabbrini (1992) anunciam que pesquisar sobre jovens é, então, interrogar o adulto porque fala de desejos e medos que nos acompanham por toda a existência. Hoje, mais do que nunca, é preciso reinventar formas de proximidade, pois os jovens deste tempo têm outros pensamentos e outros sonhos. Mães e pais, professores e professoras procuram caminhos do entendimento, vacilando *do excessivo ao muito pouco* com testemunhos, muitas vezes, impróprios para indicar o caminho. *Torna-se necessário ajudar quem ajuda.*

Neste trabalho, o interesse concentrou-se na investigação das aprendizagens desencadeadas na vivência em grupos, nos quais a autonomia e o reconhecimento constroem identidades positivas, pois define sentido para a vida e consolida amizades.

Os gregos não tinham uma palavra para amigo no sentido de hoje: *philos* era usado para referir-se aos mais próximos, independentes das relações de sangue; a rede de *philos* de uma pessoa era definida pela posição social. Não havia escolha. Giddens (2002, p.87) se refere às relações de amizade como uma escolha espontânea que se mantém apenas se os sentimentos de proximidade forem correspondidos por seu valor intrínseco. “É possível tornar-se amigo de um colega, e a proximidade no trabalho ou o interesse compartilhado gerado pelo trabalho podem estimular a amizade - mas ela só será uma amizade se a ligação com a outra pessoa for valorizada em si mesma.”

Os grupos são uma escolha dos jovens, um espaço de comunicação entre si num diálogo constante com práticas culturais inseridas num mundo global. Nesse processo, envolvem-se, fazem amizades, antagonizam-se e tomam consciência de que a vida com o outro pode ser educadora. Em torno dos grupos, os jovens estruturam experiências importantes, seja por relações de amizade, solidariedade ou socialização política.

O aleatório, o difuso, o contraditório e o imprevisível, presentes nas práticas tanto relativas à música, quanto à religião, são elementos do processo educativo dos jovens e apontam para o que Melucci (2001) chama de provisoriade dos interesses, das agregações e das escolhas, presente na cultura juvenil. Os jovens pesquisados fazem esse movimento questionando a hierarquia e as posições da Igreja, criando uma dinâmica própria para os grupos, nem sempre em consonância com os objetivos da Igreja; em relação aos *roqueiros*, participam de um grupo que tem abrangência global, mas trazem a marca do específico, do local. Com os *fanzines*, rompem com a idéia de espaço territorial. São da cidade, mas não estão só na cidade, e as relações de amizade ultrapassam os limites da cidade. Agregam-se pelo uso de uma linguagem comum independente do espaço, do tempo e da classe social. Os jovens roqueiros de Santo Antônio da Patrulha são de classe média, mas, na *rede*, relacionam-se com jovens de diferentes classes.

Vivem intensamente as escolhas feitas e estão sempre fazendo novas escolhas. As muitas bandas, com pequenas diferenças entre som, temáticas das letras e integrantes, apontam para este desejo de romper padrões e se colocar num mundo onde *tudo* parece caminhar para o efêmero. Nas conversas com os jovens ligados às bandas de música, percebeu-se que entrar na faculdade era um momento importante para o direcionamento da vida, pois isso implicava, às vezes, morar em Porto Alegre, e a banda tornava-se um lazer muito querido, mas situada numa outra posição em termos de valores. Já os estudantes de Ensino Fundamental e Médio diziam que a banda era a coisa mais importante de suas vidas e tocariam por um pastel e um refri.⁶²

Os jovens, atores da pesquisa, vivem no contexto de uma cidade de 37.035 habitantes com uma forte marca de tradição e do clientelismo, porém a localização privilegiada - entre a serra, o litoral e a capital - facilita o contato dos jovens com os *ares culturais* destas partes do estado. Esta troca traz algumas nuances para o ser jovem em Santo Antônio da Patrulha: os *punks*, muito apegados à família e à cidade, assumem as idéias do movimento para questionar o modo de vida da cidade, um tanto apegado à tradição, mas não assumem o estilo de vida difundido pelo movimento *punk*. Tradição e *modernidade* emergem como elementos que se interligam na constituição das identidades desses jovens patrulhenses.

⁶² Nas entrevistas coletivas, que reunia integrantes de diferentes bandas, os jovens que estavam trabalhando e na faculdade mostravam-se mais cautelosos em relação a importância da banda em suas vidas (*no início a gente acha que pode tocar de graça a vida toda, mas tem a sobrevivência, tem outras coisas na vida*).

A reunião dos jovens em grupos religiosos e bandas de música é vista na cidade como altamente positiva. Uma forma de engajamento e, no caso das bandas, de revelação de talentos da cidade, tendo em vista a projeção regional de algumas bandas e jovens músicos. No entanto, os adeptos do *rock* mais *pesado* são vistos a partir de estereótipos que os afastam de uma participação mais ativa na esfera pública.

A música é uma forma de expressão importante dos jovens de Santo Antônio da Patrulha, encontrando incentivo da *MOENDA*, dos eventos promovidas na cidade, dos bares (dependendo do estilo), das famílias e das escolas que organizam *shows* e apresentações das bandas. No âmbito local, os jovens acompanham uma tendência internacional da cultura juvenil, porém a sociabilidade praticada, a partir da música, é única no espaço desta pequena cidade.

Os jovens ligados em grupos religiosos encontram neles uma forma de reconhecimento e de acolhida. Se as orientações da Igreja são instrumentais para o desenvolvimento e expansão da fé, também os grupos constroem uma dinâmica própria que questiona as orientações da Igreja. Importante é que as vivências no grupo são uma forma de sentir-se parte de algo, principalmente numa cidade onde as fronteiras sociais são bem delimitadas com divisões invisíveis e silenciosas.

Na pesquisa, foi possível perceber que as vivências no grupo religioso têm um importante papel na formação pessoal. Em muitos casos, os grupos não ultrapassam a primeira fase, segundo as etapas definidas pela Pastoral, mas as revisões de vida, o debate, as trocas com jovens de diferentes realidades fortalecem valores e, em alguns casos, afasta os jovens de outros grupos não muito construtivos. Encontrei grupos direcionados mais ao assistencialismo, outros fechados no próprio grupo e, também aqueles que potencializam ações para fora do grupo. Porém, em todos, a amizade, a solidariedade e a convivência com as diferenças são pontos fortes.

Um aspecto importante a considerar é que os grupos religiosos não estão isolados, mas inseridos numa hierarquia que vai do local ao internacional e, mesmo recriando e questionando os direcionamentos, existe a presença forte dos objetivos da Igreja e a pressão da hierarquia. As bandas, entretanto, constituem-se numa criação autônoma dos jovens que

assumem os riscos das escolhas e revelam, nas letras das músicas, posições e opiniões sobre a vida.

A música, a poesia e o *fanzine* aparecem como formas privilegiadas de comunicação, verdadeiros diários da vida privada que revelam um jeito de ser jovem numa cidade do interior, cujo preconceito, a carência de oportunidades de trabalho e as poucas opções culturais produzem sentimentos ambíguos, colocando-os ora como críticos, ora como defensores da cidade.

O grupo é o espaço da construção da auto-estima, da troca, da amizade, do acolhimento, da crítica, mas, acima de tudo, de construção de uma imagem positiva de si. As vivências no grupo estimulam o jovem a refletir sobre si mesmo, sobre seu lugar social e o mundo que o rodeia, num processo formativo que o ajuda a encontrar sentido para a vida.

Neste aspecto, Pais (1993) interroga se, independentemente da manifestação de um aparente conformismo, não estariam os jovens desenvolvendo, na sua vida cotidiana – por exemplo, das sociabilidades com os seus grupos de amigos - um tipo particular de afirmação social? Investigar os jovens, a partir de instituições dominadas pelas gerações adultas, talvez, acabe por dissimular o significado do cotidiano destes jovens, abrindo espaço para determinismos e preconceitos. Por outro lado, focar o olhar nas experiências juvenis em diferentes espaços e situações cotidianas é, para esse autor, um caminho de aproximação dos elementos que constituem o sentido para o ser jovem neste tempo. O grupo de amigos coloca-se como um dos espaços privilegiados para uma aproximação com os jovens.

Afirmam a família como um espaço importante das relações cotidianas. Lugar do afeto, do diálogo e da acolhida frente ao preconceito que alguns jovens enfrentam na cidade. E nas *voltas que a vida dá*, José Machado Pais (2001, p.71) lembra do curioso movimento de socialização de pais para filhos que dá uma volta de retorno, assegurando que também os pais sejam socializados pelos filhos, “aculturizados por uma cultura juvenil, cada vez mais referencial, nomeadamente no domínio da moda e da valorização do corpo”. No questionário aplicado, dentre doze itens apresentados aos jovens entrevistados, através do questionário, a família é o primeiro aspecto considerado mais importante; 11,27% colocaram o número um para o item família e, em segundo lugar (11,26), escreveram número dois para o grupo de

amigos. Para estes jovens, a família e o grupo de amigos constituem duas instâncias relevantes na sua formação.

Para os jovens pesquisados, o trabalho aparece na sua precariedade, expressão de uma crise maior, vivida duplamente numa cidade do interior que, além do serviço público, oferece muito poucas oportunidades de trabalho. As estratégias para conseguir trabalho é quase um jogo onde a carta fundamental, no caso de Santo Antônio da Patrulha, parece ser a *rede de conhecimentos*, que alguns jovens denominaram QI (quem indica). Para os que ficam fora deste jogo, é preciso ter sorte, como se trabalho pudesse ser sorteado numa rifa de loteria.

As experiências escolares são diferenciadas. Para alguns, a escola mostrou-se ineficaz, pouco contribuindo para sua formação como sujeitos. Para outros, foi um importante período da vida, cujas aprendizagens e vivências são lembradas como alicerces para outras construções. Dubet⁶³, citado por Dayrell (2001, p.293), diz que a escola não funciona como uma instituição monolítica, moldando os indivíduos à sua imagem e produzindo os mesmos efeitos para todos. “Entre a sua função propalada e a realidade de suas práticas, existe a capacidade dos sujeitos de elaborar e articular suas próprias experiências, muitas vezes ao lado ou mesmo contra a própria escola.”

Os depoimentos colhidos junto aos jovens entrevistados permitem estabelecer um olhar sobre a educação que extrapola os limites do institucional, na medida em que participam de uma rede de situações educativas, ampliadas pelo grupo. Tecem saberes, frutos de aprendizagens em diferentes espaços e formas de integração com o mundo. A escrita dos *fanzines*, a apropriação da cultura *underground*, o domínio da língua inglesa, a organização dos shows, as interdições da cidade, o conhecimento de si, o planejamento dos encontros de jovens, a defesa pública de idéias e as leituras que orientam os encontros são momentos educativos importantes na vida deste jovens patrulhenses.

Por outro lado, o currículo fragmentado, especializado demais, comum no Ensino Médio, coloca-se contra as características do pensamento dos jovens que estão justamente buscando relações e associações entre tudo. Na escola, às vezes, não encontram pistas deste intercâmbio.

⁶³ DUBET, Francois & MARTUCELLI, Danilo. En la escuela: sociologia de la experiencia escolar. Buenos Aires: Losada, 1997.

Essa juventude não é um dado ou apenas uma palavra, e os jovens aqui presentes contrariam alguns dos estereótipos a eles atribuídos: consumistas, desinteressados, irresponsáveis e indiferentes aos valores da família. Muito pelo contrário. Na pesquisa empírica, foi possível perceber que muitos jovens não se reconhecem como parte integrante destes atributos.

A imagem que esses jovens colocam em questão é a juventude vista como um tempo de quem não sabe ainda o que quer. Nesta aproximação, foi possível perceber que os conflitos e as incertezas existem entrelaçados com projetos de vida. Nutrem sonhos que expressam o desejo de serem tratados com mais respeito pelas opções que fazem. Denunciam o preconceito como um aspecto que os afasta de outros grupos, do mundo adulto e de uma participação mais ativa na cidade.

Os trabalhos de Sposito, Melucci, Pais, Dayrell e Carrano, em diferentes cenários, foram fundamentais nesta pesquisa, possibilitando pensar a existência de várias juventudes. A grande contribuição destes autores estaria na multiplicação dos enfoques, rompendo com o determinismo e apresentando o potencial solidário, cooperativo e educativo das organizações juvenis.

É urgente fomentar a diversidade da juventude, levando em conta as múltiplas identidades. Em SAP, os jovens católicos, evangélicos, rokeiros, estudantes, skatistas, da capoeira, do teatro, do CTG, do futebol, do pagode, do underground, dos partidos, dos fanzines, entre outras formas juvenis de expressão, fazem-se, a partir de práticas educativas marcadas pela convivência grupal. Um mundo que a escola parece não ver. As práticas educativas dos jovens, em seus grupos, poderiam ajudar a construir outros significados para a escola?

Algumas escolas ignoram esta diversidade e, também, o que há de comum entre esta geração. Fixam-se numa concepção de juventude como passagem e problema impossibilitando o diálogo. Em algumas escolas, os projetos existem, mas são pensados para os jovens e não com os jovens. Uma tutela que direciona e percebe uma faceta do jovem – o aluno/a. Entretanto, no cotidiano, um mundo se desvela. Emoções, interações, práticas culturais, organização, solidariedade e compromisso social são desencadeados por estes jovens patruhenses, emergindo um processo educativo que extrapola a educação escolar. A

criação dos fanzines que demanda produção textual, leitura, criatividade, articulação imagem-texto e sensibilidade, é um forte exemplo deste processo.

Neste momento final da pesquisa, sinto-me invadida por um sentimento de profundo respeito por estes jovens. Pesquisar jovens considerados *rebeldes, drogados, padrecos* foi uma experiência que demandou a constituição de uma atitude dialógica, de escuta e de reflexão sobre idéias e valores construídos. Realizar este movimento de aproximação com o mundo juvenil significou pensar o meu mundo e refletir sobre as *descobertas*⁶⁴, tão comentadas durante este texto. Significou, sim, considerar que nem todos os jovens contemporâneos são indiferentes às questões deste mundo. As combinações são muitas: outros atores, outras demandas coletivas, outras formas de expressão e mobilização, e o futuro coloca-se diferente do previsível movimento apontado pela *flecha do tempo*. Falamos de vidas e, portanto, nem tudo é revelado, nem tudo foi dito e, certamente, nem tudo tem necessidade de ser dito (MELUCCI, 1992).

Sobre a contribuição desta pesquisa para os estudos sobre juventude, retomo o que foi apontado no Estado do Conhecimento: Juventude e Escolarização (1980-1998), da importância dos estudos sobre jovens de pequenos centros e grupos juvenis. O balanço da produção discente da Pós-Graduação em Educação de 1980-1998 apresenta nove trabalhos sobre grupos juvenis, e a ênfase destes trabalhos está na expressão artístico-cultural como elemento de mobilização juvenil. Portanto, o elemento religioso, nesta pesquisa, talvez contribua para outras problematizações.

Ficam em aberto algumas questões importantes que dizem respeito à inexistência de meninas nas bandas de músicas, especialmente nas de *rock* (no caso de Santo Antônio) e a importância do namoro. Mesmo não apreciando o tipo de som e o *ideário punk*, estão juntas, acompanhando os meninos. Ante a liberalização dos costumes, a diversificação da vida social e cultural, a emergência de novas práticas de lazer e de novos espaços de sociabilidade, como

⁶⁴ Registro o depoimento da Maria José, mãe de um dos integrantes da banda *Scream Noise*, nestes momentos finais da pesquisa. A mãe que acompanha os shows de hardcore, que oferece café para a Brigada Militar chamada pelos vizinhos, pois o som incomoda, que faz a comida vegetariana para os straight-edge, oferece a Chácara, no interior do município, como sede para o II Mutha Fuka – Festival de hardcore. Ela diz: *Não gosto quando as pessoas dizem que eles são drogados, loucos...Estou sempre junto, faço café para eles. Não rola bebida, nem droga e os assuntos são sobre política, bandas, músicas. É saudável. Precisamos acompanhar os filhos, estar junto se não aí é que eles vão para as drogas.* Parte do seu depoimento está no vídeo que conta um pouco do meu encontro com os jovens patruhenses.

bares, restaurantes, teatros, cinemas, ruas, praças, clubes e *shopping-centers* onde meninos e meninas desfrutam de um convívio mais intenso, é de se perguntar, portanto, qual o lugar do feminino na cultura juvenil? Como emerge uma cultura juvenil na intersecção dos universos masculino e feminino? Até porque há uma predominância nos estudos das culturas juvenis masculinas e operárias. Seria importante pensar esses processos em relação com o mundo adulto, pois o jovem é um ser situado na relação com os outros momentos da vida.

A difícil coleta de indicadores estatísticos de SAP e a reflexão, a partir de dados estatísticos sobre os jovens brasileiros, aguçaram minha curiosidade para investigar as políticas públicas para e com os jovens, no sentido de contribuir para um debate necessário que transforme problemas em direitos, como anuncia Sposito. Mas esse é um outro capítulo (da minha vida).

Por fim, diria que este trabalho representou uma resistência a tudo que separa, desintegra e distancia o mundo jovem do mundo adulto. Para alguns, uma leitura ingênua ou otimista demais; para a pesquisadora iniciante, em constante processo de formação, uma leitura esperançosa sobre jovens. Uma primeira tentativa de compreender o mundo juvenil. Tomo as palavras de Michelet, citado por Thompson (1992), para dizer que realizei esse trabalho com o melhor de mim: minha vida e meu coração.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMO, Helena Wendel. Considerações sobre a tematização social da juventude. In.: Juventude e Contemporaneidade. **Revista Brasileira de Educação**. São Paulo: ANPED, Número Especial: n. 5: mai/jun/jul/ago e n. 6: set/out/nov/dez, 1997.

ABRAMO, Helena; FREITAS, Maria Virginia de; SPOSITO, Marília P. (orgs). **Juventude em debate**. São Paulo: Cortez, 2000.

ALVIM, Rosilene; GOUVEIA, Patrícia (orgs.). **Juventude anos 90: conceitos, imagens, contextos**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2000.

AMADO, Janaína. A culpa nossa de cada dia: ética e História Oral. In: **Projeto História**. São Paulo, n.15,abr. 1997, p.145-155.

ARCE, José Manuel Valenzuela. **Vida de barro duro: Cultura popular juvenil e grafite**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1999.

_____, Identidades Juveniles. MARGULIS, Mario. **Viviendo a toda: Jóvenes, territorios culturales y nuevas sensibilidades**. Santafé de Bogotá: Siglo del Hombre Editores, Departamento de Investigaciones Universidad Central, 1998.

ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1981.

ARROYO, Miguel. **Ofício de Mestre; imagens e auto-imagens**. Petrópolis: Vozes, 2000.

BARROSO, Véra Lucia Maciel. **Santo Antônio da Patrulha: Vínculo, Expansão e Isolamento. 1803-1889.** Porto Alegre: PUCRS, 1970. (Dissertação, Mestrado)

BENEVUTO, Mônica Aparecida. Mitos e imagens nos modos de expressão de jovens rurais. ALVIM, Rosilene; GOUVEIA, Patrícia (orgs.). **Juventude anos 90: conceitos, imagens, contextos.** Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2000.

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade.** 15.ed. Petrópolis: Vozes, 1985.

BERGER, Peter L. **Perspectivas sociológicas: uma visão humanística.** Petrópolis: Vozes, 1999.

BOLOGNA, José Ernesto. Referenciais e drogas. ABRAMO, Helena; FREITAS, Maria Virginia de; SPOSITO, Marília P. (org). **Juventude em debate.** São Paulo: Cortez, 2000.

BRAND, Antônio. História Oral: perspectivas, questionamentos e sua aplicabilidade em culturas orais. In: **História Unisinos**, v.4, n. 2, 2000, p.195-227.

CAIAFA, Janice. **Movimento Punk na cidade: a invasão dos bandos sub.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1985.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. **A política dos outros.** O cotidiano dos moradores da periferia e o que pensam do poder e dos poderosos. São Paulo: Brasiliense, 1984.

CARRANO, Paulo Cesar Rodrigues. **Os jovens e a cidade: identidades e práticas culturais em Angra de tantos reis e rainhas.** Rio de Janeiro: Relume Dumará: FAPERJ, 2002.

_____ ; DAYRELL, Juarez. **Jovens no Brasil: difíceis travessias de fim de século e promessas de um outro mundo.** Texto apresentado na 25ª reunião da ANPED, anais 2002.

_____. Jovens na Cidade. In: **Revista Trabalho e Sociedade.** Rio de Janeiro: IETS, Ano 1, n. 1. 2001.

_____. Juventudes: as identidades são múltiplas. In: **Movimento**. Revista da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense. Rio de Janeiro: DP&A, n.1, maio de 2000, 52-72.

_____. **Angra de Tantos Reis**: práticas educativas e jovens tra(n)çados da cidade. Niterói: Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense, 1999. (Tese, Doutorado).

CASTRO, Mary Garcia. **O que dizem as pesquisas da UNESCO sobre juventude no Brasil**: leituras singulares. NOVAES, Regina R.; PORTO, Marta; HENRIQUES, Ricardo. (org). Juventude, Cultura e Cidadania. Rio de Janeiro: Comunicações do ISER, Ano 21, edição especial – 2002.

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber**: elementos para uma teoria. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

DAYRELL, Juarez. **O rap e o funk na socialização da juventude**. *Educ. Pesqui.* [online]. jan./jun. 2002, vol.28, no.1, p.117-136. Disponível na World Wide Web: <<http://www.scielo.br/scielo.php>> Acesso em: 01 mar. 2003.

_____. **O jovem como sujeito social**. Texto apresentado na 25ª reunião da ANPED, anais 2002.

_____. **A Música entra em cena**: o Rap e o Funk na socialização da juventude em Belo Horizonte. São Paulo: Faculdade de Educação da USP. (Tese de Doutorado). 2001.

_____. Juventude e escola. In: SPOSITO, Marília. **Estado do Conhecimento sobre Juventude**. Brasília: INEP. 2000.

_____. Juventude, grupos de estilo e identidade. In: **Educação em Revista**. Belo Horizonte: FEA/UFMG, n. 30, 1999.

_____. **Múltiplos olhares sobre educação e cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.

DOMÍNGUEZ, Pedro. **Espacios Educativos**: sobre la participación y transformación social. Barcelona: EUB, 1995.

DURAND, Olga Celestina da Silva. **Jovens da Ilha de Santa Catarina: sociabilidade, socialização.** São Paulo: Faculdade de Educação da USP. (Tese de Doutorado). 2000.

ERRANTE, Antoinette. Mas afinal, a memória é de quem? Histórias orais e modos de lembrar e contar. In: **História da Educação.** ASPHE. Pelotas, UFPel, n. 8, set. 2000, p.141-174.

ESSINGER, Silvio. **Punk: Anarquia planetária e a cena brasileira.** São Paulo: Ed. 34, 1999.

FISCHER, Nilton Bueno. Educando o pesquisador: relações entre o objeto e o objetivo. In: **Estudos Leopoldinenses-Série Educação.** Vol. 3, n. 5, 1999.

_____. **Movimentos Sociais e Educação: uma reflexividade instituinte.** In: Educação em tempos de Incertezas – HYPOLITO, Álvaro; GANDIN, Luís Armando (org.), Belo Horizonte, Autêntica, 2000.

FREIRE, Paulo. **A educação na cidade.** São Paulo: Cortez, 2000.

_____. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1999.

FORTUNA, Carlos. **As Cidades e as Identidades: Narrativas patrimônios e memórias.** In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais.** Vol. 12, nº 33, 1997.

FURTER, Pierre. **Educação e vida.** Petrópolis: Vozes, 1987.

GOUVEIA, Patrícia. 'Juventude-adolescente pobre' e 'valor-trabalho'. ALVIM, Rosilene; GOUVEIA, Patrícia (orgs.). **Juventude anos 90: conceitos, imagens, contextos.** Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2000.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e Identidade.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1990.

HERSCHMANN, Micael. **O funk e o Hip-hop invadem a cena.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.

ISLAS, José Antonio Pérez. Memórias y Olvidos: una revisión sobre el vínculo de lo cultural y lo juvenil. MARGULIS, Mario. **Viviendo a toda**: Jóvenes, territorios culturales y nuevas sensibilidades. Santafé de Bogotá: Siglo del Hombre Editores, Departamento de Investigaciones Universidad Central, 1998.

KEMP, Kenia. **Grupos de estilo jovens**; o rock underground e as práticas (contra) culturais dos grupos “punk” e “trash” em São Paulo. São Paulo: Departamento de Antropologia da UNICAMP, 1993. (Dissertação, Mestrado)

LEON, Alessandro Ponce de. “Juventude Problema” ou descaso oficial? NOVAES, Regina R.; PORTO, Marta; HENRIQUES, Ricardo. (org). **Juventude, Cultura e Cidadania**. Rio de Janeiro: Comunicações do ISER, Ano 21, edição especial – 2002.

LEVI, Giovanni; SCHMITT, Jean-Claude. **História dos Jovens**. Volume 1 (da Antigüidade à era moderna). Tradução: Cláudio Marcondes, Nilson Moulin e Paulo Neves. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

LLORET, Caterina. As outras idades ou as idades do outro. LARROSA, Jorge; LARA, Nuria Pérez de (org). **Imagens do Outro**. Petrópolis: Vozes, 1998.

MARGULIS, Mario. **Viviendo a toda**: Jóvenes, territorios culturales y nuevas sensibilidades. Santafé de Bogotá: Siglo del Hombre Editores, Departamento de Investigaciones Universidad Central, 1998.

MELUCCI, Alberto. **A invenção do Presente**: movimentos sociais nas sociedades complexas. Tradução: Maria do Carmo Alves do Bomfim. Rio de Janeiro: Vozes. 2001.

_____. Silencio y voz juveniles. Individuidad y compromiso en la experiencia cotidiana de los adolescentes. **Vivencia y Convivencia**: teoria social para una era de la informacion. Madri: editorial Trotta, 2001.

_____. Juventude, tempo e movimentos sociais. In: Juventude e Contemporaneidade. **Revista Brasileira de Educação**. São Paulo: ANPED, Número Especial: n. 5: mai/jun/jul/ago e n. 6: set/out/nov/dez, 1997.

_____. A experiência individual na sociedade planetária. **Revista Iua Nova**, São Paulo. Cedec, n. 38, 1996.

_____. **Movimentos sociais, renovação cultural e o papel do conhecimento:** entrevista a Leonardo Avritzer e Timo Lyra. *Novos Estudos Cebrap*. São Paulo, Cebrap, n. 40, p. 152-166, 1994.

_____. **Il gioco dell'io;** il cambiamento di sè in una società global. Milano: Feltrinelli, 1992.

_____; FABBRINI, Anna. **L'età dell'oro:** adolescenti tra sogno ed esperienza. Milano. Feltrinelli. 1992.

MOLL, Jaqueline. **Histórias de vida, histórias de escola:** elementos para uma pedagogia da cidade. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

_____. Tempos de viver, espaços de educar. **Revista Blau**, n. 19. 1998.

NOVAES, Regina R. Entrevista/Regina Novaes. *Jornal do Brasil ON LINE*, 08/09/2001. Disponível em: <<http://jbonline.terra.com.br/jb/papel/cidade/2001/09/08/jorcid20010908004.html>>

PAIS, José Machado. **Vida Cotidiana:** enigmas e revelações. São Paulo: Cortez, 2003.

_____. **Ganchos, Tachos e Biscates:** Jovens, Trabalho e Futuro. Porto: Ambar, 2001.

_____. **Culturas Juvenis.** Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1993.

PERALVA, Angelina. O jovem como modelo cultural. In: Juventude e Contemporaneidade In: **Revista Brasileira de Educação**. São Paulo: ANPED, Número Especial: n. 5: mai/jun/jul/ago e n. 6: set/out/nov/dez, 1997.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a História Oral diferente. In: **Projeto História**. São Paulo, n.14, fev. 1997, Projeto Político Pedagógico, p.25-39.

POCHMANN, Marcio. Emprego e desemprego juvenil no Brasil: as transformações nos anos 1990. In: **Movimento**. Revista da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense. FÁVERO, Osmar; CARRANO, Paulo; RUMMERT, Sonia M (org.) Rio de Janeiro: DP&A, n.1, maio de 2000, 52-72.

SARLO, Beatriz. **Cenas da vida pós-moderna**. Intelectuais, arte e vídeo-cultura na Argentina. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1997.

SILVA, Luis Eduardo F. da. **A marginalidade da cultura underground**. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 1995. (monografia de conclusão do Curso de Ciências Sociais).

SIMMEL, Georg. **Sociabilidade**: um exemplo de sociologia pura ou formal. MORAIS FILHO, Evaristo (org) Simmel. São Paulo: Ática, 1983 (Coleção Grandes Cientistas Sociais).

SANTOS, Myrian. O pesadelo da amnésia coletiva: um estudo sobre os conceitos de memória, tradição e traços do passado. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, ANPOCS, São Paulo, n.23, ano 8, p.70-84, 1993.

SPOSITO, Marília P. (Coord). **Juventude e Escolarização (1980-1998)**. Brasília: MEC/Inep/Comped, 2002.

_____. **A produção de conhecimentos sobre juventude na Área de Educação no Brasil**. Disponível em: <<http://www.hottopos.com/harvard4/marilia.htm>> Acesso em 20/10/2001.

_____. Algumas hipóteses sobre as relações entre movimentos sociais, juventude e educação. **Revista Brasileira de Educação**. São Paulo: Anped, n. 13, 2000.

_____. Educação e Juventude. In: **Educação em Revista**. Belo Horizonte: FEA/UFMG, n. 29, 1999.

_____. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. In: Juventude e Contemporaneidade. **Revista Brasileira de Educação**. São Paulo: ANPED, Número Especial: n. 5: mai/jun/jul/ago e n. 6: set/out/nov/dez, 1997.

_____. Juventude: crise, identidade e escola. DAYRELL, Juarez. (org) **Múltiplos olhares sobre educação e cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.

THOMSON, Alistair. **Recompondo a memória**: questões sobre a relação entre a história oral e as memórias. In: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História do Departamento de História da PUC/SP. São Paulo, n.15, abr. 1997, p.51-84.

THOMPSON, Paul. **A Voz do Passado**: História Oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1992.

TRILLA, Jaume. **La educación informal**. Barcelona: PPU, 1986.

VARELA, Julia; ALVAREZ-URIA, Fernando. **A maquinaria escolar**. In: Teoria e Educação. Porto Alegre, n. 6, p. 68-96, 1992.

VIANNA, Cláudia. **Os nós do “nós”**: crise e perspectiva da ação coletiva docente em São Paulo. São Paulo: Xamã, 1999.

VIANNA, Hermano. (org) **Galerias cariocas**; territórios de conflitos e encontros culturais. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1997.

VIDAL, Diana G. A fonte oral e a pesquisa em História da Educação: algumas considerações. In: **Educação em Revista**. Belo Horizonte, Faculdade de Educação da UFMG, n. 27, jul.1998, p. 7-16.

VIDIGAL, Luis. A História oral: o que é, para que serve, como se faz. **Cadernos do projeto Museológico sobre Educação e Infância**. n.16, Santarém/Portugal,1993.

_____. A entrevista: o que é preciso saber para originar testemunhos orais. **Escola Superior de Educação de Santarém**. Santarém, Portugal,1993.

ANEXOS

ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

Esta pesquisa tem como objetivo central investigar os processos educativos de jovens em grupos de música e religião. O cenário da pesquisa é o município de Santo Antônio da Patrulha, uma cidade de 37.035 habitantes, situada a 84km de Porto Alegre.

Os jovens pesquisados são integrantes de uma banda de hardcore e de um grupo da Pastoral da Juventude – JOMISP. Diário de campo, observação, entrevistas individuais e coletivas foram estratégias importantes usadas na pesquisa.

Procurei respeitar os valores éticos que permeiam esse tipo de trabalho, efetuando pessoalmente as entrevistas e observações dos encontros e ensaios dos grupos pesquisados. Nos relatos individuais, foi mantido sigilo a respeito do que os jovens solicitaram para não ser divulgado. Entretanto, permitiram e alguns pediram que os nomes reais fossem mantidos no trabalho.

Como responsável por esta pesquisa, procurei esclarecer adequadamente as dúvidas sobre sua divulgação, deixando os jovens pesquisados muito a vontade para participar ou não do trabalho.

Após ter sido devidamente informado de todos os aspectos desta pesquisa, revisado e aprovado a transcrição de minhas falas e ter esclarecido todas as minhas dúvidas;

Eu _____, R.G. sob. nº _____, concordo com a apresentação oral, escrita ou publicação do que foi escrito nesta pesquisa e divulgação de fotos e filmagens em que participei;

Assinatura do/a Participante

Assinatura da pesquisadora

_____, ____ de _____ de _____

Dados da pesquisadora:

Carmem Zeli Vargas Gil de Souza – Licenciada em História, Especialização em Sociologia Política e História do Rio Grande do Sul, mestranda em Educação/UFRGS.

Professora da Rede Pública Estadual, Particular e Ensino Superior – FACOS.

Email: carmemz@terra.com.br Fone: (051) 662-2454

**ANEXO B – RELAÇÃO DOS GRUPOS MUSICAIS DE SANTO ANTÔNIO DA
PATRULHA**

BANDAS DE GARAGEM	CONJUNTOS PROFISSIONAIS	BANDAS RELIGIOSAS
Êxitos – alterou a formação e dividiu-se em duas: Escaravelho Mutante e Sub-Zero	Banda Amil	Kairós (Renovação Carismática)
Outros Planos	Novo Horizonte	Nascidos do Espírito (Igreja O Brasil para Cristo – Evangélica Pentecostal)
Balanço Praieiro	André Salazar e Banda	Grupo Adoração (Assembléia de Deus)
Swing Padrão	Criado em Galpão	
Banda 3X4	Banda Atual	
éRamos 3	Banda Sem Limite	
Johniie Walker – hoje Registro Provisório	Banda Biss	
Scream Noise	Charamba	
Ornitorrincos	Brilho Musical	
Facão Três Listras		
Banda Dez		
Menino Cristóvão		
Um Sonho a Mais		
The Houting		
Pagode da Fonte		
Clandestinos		
Israel e Palestinos		

ANEXO C – LISTA DOS FANZINES PESQUISADOS

FANZINES ELABORADOS POR GUSTAVO E DANIEL:

ANARCO – VOMIT: n° 1 e n° 2 lançado em 1996 (textos anarquistas)

INFEKTOS MUERTOS: n° 1 lançado em 1997 (textos, poesias, entrevistas, resenhas de livros, demos, CDs, EPS, vinil, quadrinhos etc.) **n° 2** lançado em 1998 e **n° 3** lançado em 2000.

VIAGRA MAGGOT GORE GRINDER SHOW: n° 1 lançado em 1999 (experimental com entrevistas com bandas e o cineasta Petter Baiestorf (filmes trash), textos, resenhas, demos, outros zines, etc.)

INSETICIDA FREAK STYLE: números 1, 2, e 3 lançados em 2001. (poesias, textos pessoais, informativo da banda)

CUCKING STOOL: n° 1 lançado em 2002 (textos e contos nonsense)

OUTROS FANZINES PESQUISADOS

CONTRAVENÇÃO n° 3, 2002

FOCO DE REVOLTA ZINE, n° 4, 2002

GRITO DE PAZ n° 5, 1999

SEMENTE FEMINISTA n° 4, 1998

REBELIÃO DAS BRUXAS DO CAOS n° 2, 1998

ANEXO D – FRAGMENTOS DE FANZINES E FLYERS

**ANEXO E – TEXTO *REFLEXÕES LIBERTÁRIAS* E POESIA *LAMENTAÇÕES*
PROFÉTICAS, DE AUTORIA DE UM DOS JOVENS PESQUISADOS**

LAMENTAÇÕES PROFÉTICAS – XXVIII

Luiz Gustavo

Fujo das fronteiras metafísicas
de poemas que lembram a morte
em sua essência tirânica do caos

finjo brotar uma lâmina enferrujada
em sua carne pura de anjo mascarado
ele foge dos cortes, foge da vida
tento aprender consigo
este fator universal da palavra maligna
mas choro toda vez que a rosa é sacrificada

tento não ver sua morte,
para que seja presenteada à donzela amada
queria tentar mas não posso
só sinto o desejo de vingar
suas pétalas caídas, destroçadas pelos poetas

estes que querem a noite para todo o sempre,
acham-se donos da lua,
apreciam os goles ásperos da noite insana
e pretenciosos egocêntricos como são
beijam suas mãos de joelhos
em uma serenata manchada de sangue
tento não olhar, mas
estou só no jardim, sinto um frio...
a lâmina sente a sede de seu corpo
quero-o inteiro, completo, nu e obseno

precoce casamento com as letras mofadas
da língua ingênua,
tento escrever suas lágrimas paridas nas esquinas
choradas por uma prostituta santificada, pura
quero, sentir suas lágrimas queimarem minha pele
quero lhe abraçar, mas não posso, rasgo suas cartas...
examino o DNA do coveiro, mas está sua alma dominada
pela mentira castradora da ignorância social
e dos fantasmas medíocres da moral
e da ética que se despedem no ralo
quando puxo a descarga ao amanhecer...
com eles junto, vai meu toco de cigarro ingrato
quer me matar??? Tente, eu lhe dou esta ajuda.
Confesse! Ele só tem uma resposta para meus pulmões
Traumatizados com o perfume macabro:

Existem POETAS,
E existem pessoas
que,
escrevem poesias!!!

Tiro a folha da máquina
Antes que as lágrimas borrem a dor no papel amarelado
Castigado pela ira do tempo peregrino
Em lamentos proféticos...

Do livro “WELT POLITK, Sucrílhios e refrigerantes”.

ANEXO F – ROTEIROS DAS ENTREVISTAS

ROTEIRO PARA ENTREVISTA INDIVIDUAL: Banda Scream Noise
Processos educativos juvenis na cidade de Santo Antônio da Patrulha

GRUPO

- 1) Como e quando começou a fazer parte da banda?
- 2) Como você caracteriza a banda, quanto ao estilo de música?
- 3) Qual a importância dos fanzines para você?
- 4) Quais as temáticas que orientam as produções dos fanzines? E quais as idéias que tentam passar?
- 5) Como é a divulgação do fanzine?
- 6) Participando da banda, editando os fanzines... quais as conseqüências para você da atuação nestes movimentos?
- 7) Como divide o tempo com o grupo? (namorada, trabalho, família...)
- 8) Como acha que o grupo lhe vê?
- 9) Mudou alguma coisa na sua vida, a partir da sua entrada na banda?

COTIDIANO

- 10) Como é a semana: atividades que participa; com quem mais se relaciona?
- 11) Como você ocupa o tempo livre nos dias de semana?
- 12) O seu cotidiano é diferente, de alguma forma, das pessoas que conhece?
- 13) Onde vai aos finais de semana?
- 14) Qual o estilo de música que gosta?
- 15) O que mais lhe dá prazer, atualmente?

FAMÍLIA

- 16) Qual a principal marca que você carrega de sua família?

RELIGIÃO

- 17) O que significa a religião na sua vida?

ESCOLA

- 18) Até onde estudou ou estuda?
- 19) Qual o sentido da escola para você?

20) O que foi (ou é) mais importante na experiência escolar?

TRABALHO

21) Qual sua trajetória de trabalho? (sentido do trabalho atualmente).

22) O que seria um bom trabalho para você?

IDENTIDADE

23) Como você se percebe ou quem é?

24) Mudou alguma coisa no seu jeito depois que começou a participar da banda?

25) Com quem você se relaciona mais atualmente?

CIDADE

26) Qual a receptividade da cidade para esses movimentos?

27) Como você vê a cidade?

28) Como acha que as pessoas da cidade vêem você?

29) Qual a importância de você nesta rede da cultura underground?

30) Nesta rede você é visto como jovem de Santo Antônio?

ENTREVISTA COLETIVA COM AS BANDAS DE MÚSICAS
Processos educativos juvenis na cidade de Santo Antônio da Patrulha

1. Nome da banda: -----

2. Componentes:-----

3. Quando a banda foi formada?-----Como? -----

4. Houve mudança de formação?----- Quantas vezes?-----
5. Que tipo de música vocês tocam?-----
6. Que tipo de música preferem tocar?-----
7. Há músicas de autoria própria dos grupos?-----
8. Quem escreve as letras?-----
9. Quantas já escreveram? -----
10. Quais as fontes de inspiração para as letras? -----
11. Os instrumentos pertencem: () à banda () a cada componente () é emprestado
12. Com quem aprenderam a tocar? -----
13. Quantas horas semanais gastam no ensaio?-----
14. Já fizeram apresentações? -----Quantas?-----Onde?-----Qual
a mais significativa?-----Por que?-----

15. O que sentem no palco?-----

16. Qual o maior retorno desta atividade para a vida de vocês?-----

17. Ganham dinheiro nas apresentações?-----
18. Vocês já gravaram alguma fita demo, CD com músicas de outras bandas ou CD próprio?-----
19. Vocês costumam se encontrar com grupos de outras bandas para discutir assuntos comuns?----- O que discutem?-----

20. A banda se encontra por outros motivos? (outros tempos juntos)-----

21. Na cidade, quais os espaços de trabalho, lazer, encontro? (onde vocês mais circulam?)-----

22. Há algum espaço da cidade em que vocês não circulam?-----
Por quê? -----
23. Qual o sentido do grupo na vida de cada um?-----

24. Qual a rotina diária de vocês?-----

25. O que costumam fazer no tempo livre?-----

26. Quais os projetos futuros da banda?

27. O que vocês gostariam de dizer sobre a cidade de Santo Antônio da Patrulha?-----

ROTEIRO PARA ENTREVISTA INDIVIDUAL: GRUPO DA PASTORAL DA JUVENTUDE

Processos educativos juvenis na cidade de Santo Antônio da Patrulha

GRUPO

- 1) Como e quando começou a fazer parte do grupo?
- 2) Como divide o tempo com o grupo? (namorada/o, trabalho, família...)
- 3) Como acha que o grupo lhe vê?
- 4) Mudou alguma coisa na sua vida, a partir da sua entrada no grupo?

COTIDIANO

- 5) Como é a semana? atividades que participa; com quem mais se relaciona?
- 6) Como você ocupa o tempo livre nos dias de semana?
- 7) O seu cotidiano é diferente, de alguma forma, das pessoas que conhece?
- 8) Onde vai aos finais de semana?
- 9) Qual o estilo de música que gosta?
- 10) O que mais te dá prazer, atualmente?

FAMÍLIA

- 11) Qual a principal marca que você carrega de sua família?

RELIGIÃO

- 12) O que significa a religião na sua vida?
- 13) Como e com que intensidade vive a religião?

ESCOLA

- 14) Até onde estudou ou estuda?
- 15) Qual o sentido da escola para você?
- 16) O que foi (ou é) mais importante na experiência escolar?

TRABALHO

- 17) Qual sua trajetória de trabalho? (sentido do trabalho atualmente).
- 18) O que seria um bom trabalho para você?
- 19) Quais os projetos?

IDENTIDADE

- 20) Como você se percebe ou quem é?
- 21) Mudou alguma coisa no seu jeito depois que começou a participar do grupo?
- 22) Com quem você se relaciona mais atualmente?

CIDADE

- 23) Qual a receptividade da cidade para as ações da Pastoral da Juventude?
- 24) Como você vê a cidade?
- 25) Como achas que as pessoas da cidade vêem vocês?

ANEXO G – QUESTIONÁRIO E GRÁFICOS

MAPEAMENTO CULTURAL SOBRE JOVENS LIGADOS A GRUPOS MÚSICAIS E RELIGIOSOS EM STO. ANTÔNIO DA PATRULHA

Sua colaboração é muito importante. Obrigada!

1) DADOS PESSOAIS

Você mora: Zona urbana Zona rural

Sexo: Feminino Masculino

2) ESCOLARIDADE:

a. Cursando Ensino Fundamental

b. Cursando Ensino Médio

c. Cursando Ensino Superior

d. Ensino Superior Completo

3) ESTUDA, OU ESTUDOU, EM ESCOLA:

a. Pública

b. Particular

4) ESCOLARIDADE DA MÃE:

a. Ensino Fundamental Incompleto

b. Ensino Fundamental Completo

c. Ensino Médio Incompleto

d. Ensino Médio Completo

e. Ensino Superior

5) ESCOLARIDADE DO PAI:

a. Ensino Fundamental Incompleto

b. Ensino Fundamental Completo

c. Ensino Médio Incompleto

d. Ensino Médio Completo

e. Ensino Superior

6) RELIGIÃO:

a. Assembléia de Deus

b. Católica

c. Evangélica Luterana

d. Evangélica Quadrangular

e. Umbanda

f. Evangélico - Universal do Reino de Deus

g. Batista

h. Candomblé

i. Testemunha de Jeová

j. Espírita

k. Não tem religião

l. Outra. Qual?.....

7) IDADE:

a. Até 14 anos

b. De 15 a 18 anos

c. Mais de 18 anos

8) ATUALMENTE, VOCÊ ESTÁ TRABALHANDO?

a. Não

b. Sim. Assalariado registrado

c. Sim. Assalariado sem registro

d. Sim. Funcionário público

e. Sim. Freelance - bico

f. Sim. Estagiário

g. Outro. Qual?.....

9) NO SEU TEMPO LIVRE, VOCÊ:

a. Frequente os bares da cidade

b. Assiste televisão

c. Lê

d. Navega na internet

e. Vai a bailes

f. Pratica esportes

g. Estuda

h. Faz cursos

i. Outras atividades. Quais?.....

10) LUGAR DA CIDADE QUE MAIS GOSTA:

a. Escola

b. Igreja

c. Praças

d. Bares

e. Frente da Cooperativa

f. Outro. Qual?.....

11) NUMERE DE 1 A 12, POR ORDEM DE IMPORTÂNCIA:

a. Livros

b. Roupas

c. CDs

d. Revistas

e. Televisão

f. Grupo de amigos

g. Família

h. Escola

i. Igreja

j. Computador

k. Banda da qual você faz parte

m. Grupo religioso do qual faz parte

12) EM 2002, QUANTOS LIVROS VOCÊ LEU?

a. De 1 a 3 livros

b. De 3 a 6 livros

c. Mais de 6 livros

d. Nenhum livro

13) QUAL TIPO DE REVISTA VOCÊ PREFERE?

a. Feminina (Claudia, Nova, etc)

b. Masculina (Playboy, Quatro Rodas, etc)

c. Atualidades (Veja, Isto É, etc)

d. Especializada (Bizz, Set, Bravo!, etc)

e. Esporte (Fluir, Terra, Placar, etc)

f. Adolescente (Capricho, MTV, etc)

g. Outro. Qual?.....

14) VOCÊ FAZ PARTE DE UM GRUPO DE:

a. Música. Qual gênero?..... Qual banda?.....

b. Religião. Qual grupo?.....

15) HÁ QUANTO TEMPO PARTICIPA DO GRUPO?

a. 1 ano

b. 2 anos

c. Mais de dois anos

16) SOBRE O GRUPO NA SUA VIDA, DIRIA QUE:

a. É muito importante

b. É pouco importante

c. Não tem importância

17) VOCÊ PERTENCE A ALGUM OUTRO GRUPO?

a. Não

b. Sim. Grêmio Estudantil

c. Sim. Partido político

d. Sim. Sindicato

e. Sim. Associação de bairro

f. Sim. Grupo de teatro/dança

g. Outro. Qual?.....

18) QUE TIPO DE LAZER GOSTARIA QUE TIVESSE EM SAP?

a. Cinema

b. Shopping center

c. Livraria

d. Lan house

e. Outro. Qual?.....

19) VOCÊ NÃO SE SENTE À VONTADE EM:

a. Bar Porão

b. Bailão

c. Jogos de futebol

d. Baiuka

e. Festas de igreja

f. Fandangos

g. Bailes no clube de Pitangueiras

h. Bailes no clube da Cidade Alta

i. Outro. Qual?.....

20) EM QUAL LUGAR DA CIDADE VOCÊ NUNCA IRIA?

a. Bar Porão

b. Bailão

c. Jogos de futebol

d. Baiuka

e. Festas de igreja

f. Fandangos

g. Bailes no clube de Pitangueiras

h. Bailes no clube da Cidade Alta

i. Outro. Qual?.....

Por quê?.....

21) EM RELAÇÃO AOS EVENTOS CULTURAIS DO MUNICÍPIO,

VOCÊ:

a. Participa ativamente

b. Participa moderadamente

c. Não participa. Por quê?.....

22) NA SUA VIDA, O CINEMA É:

a. Muito presente

b. Pouco presente

c. Totalmente ausente

d. Nunca foi

23) QUAL ESTILO MUSICAL VOCÊ MAIS GOSTA?

a. Rock

b. MPB

c. Romântico

d. Pop

ANEXO H – MAPAS DA CIDADE

GLOSSÁRIO DE TERMOS E EXPRESSÕES

Black metal - metal negro, escuro. O lado mais sombrio do Heavy Metal, com letras que falam de dor, perdas e agonia.

Demo-tapes - fitas demonstrativas da produção das bandas, que variam em qualidade e quantidade de tempo de gravação; algumas bandas produzem fitas com três faixas gravadas, outras com tempo de um LP.

Fanzine – contração de fans magazine, ou revista de fãs. São edições alternativas, feitas individualmente ou por um pequeno grupo de pessoas, que procura fazê-la circular a preço de custo ou gratuitamente para o maior número de pessoas. O veículo utilizado quase sempre é o correio ou vendidos nos *shows* de *rock punk* e não são distribuídos em bancas.

Flyer – traduzido seria *voador*. Um pequeno papel onde se imprimem informações sobre um fanzine ou uma banda. Constam nomes, endereços e mensagens que possam dar uma referência sobre os conteúdos e o estilo de que se tratam.

Hardcore – traduzido seria *miolo duro*. Uma facção do *punk* (em termos de ritmo e comportamento), que não admite qualquer aproximação da mídia ou das grandes gravadoras. Ritmicamente é uma aceleração do *punk rock* com letras que falam de política e problemas sociais.

Heavy metal – rock pesado com muita distorção e altos decibéis.

New-wave – som leve, de fácil execução, voltado sobretudo para o mercado musical.

Punk-rock – som que se apóia no vocal agressivo e batida acelerada; leva o rock a uma execução básica com força percussiva.

Pogo – uma dança inventada pelos *punks*, onde a pessoa acompanha o ritmo da música brandindo uma corrente, literalmente, ou apenas gesticulando como se o estivesse fazendo.

Scream Noise – *barulho gritado*.

Skinhead – *cabeça raspada*; grupo de estilo surgido nos bairros periféricos de Londres na década de 60, empobrecidos pela crise econômica que levou a Grã-Bretanha a transformar e modernizar sua indústria. Na época, ouviam músicas da comunidade negra, como o reggae, vestiam-se como operários e não chegavam a ter um pensamento político estruturado, porém ostentavam um nacionalismo exacerbado e um confuso discurso antiburguês.

Sniffin' Glue - foi o mais importante fanzine punk. Tradução: *cheirando cola*. Expressão que apareceu numa das músicas do Ramones: Now I Wanna Sniff Some Glue (*agora eu estou cheirando um pouco de cola*). Em 1976, saiu o primeiro LP do Ramones auto-intitulado. O disco, gravado em ínfimas 18 horas, continha 14 músicas curtas e primitivas, uma autêntica afronta ao rock da época. O álbum foi rejeitado pela crítica, o Ramones foi decretado o pior conjunto do mundo, cópias do LP foram quebradas em programas de TV e as rádios o boicotaram. Mas a rebeldia que emanava do som do grupo, que devolvia o rock às ruas, aos guetos, aos porões, também conquistou de imediato os jovens comuns, desiludidos e apáticos da época, que não escreviam para jornais e não apresentavam shows televisivos. Esse disco influenciou toda uma geração e, sem ele, não existiriam bandas seminais como Sex Pistols (inclusive, Johnny Rotten, futuro vocalista dos Sex Pistols, batizou seu fanzine com o nome de Sniffin' Glue a partir da música Now I Wanna Sniff Some Glue, desse disco), The Clash e todas as que lapidaram e deram contornos finais ao movimento punk na Inglaterra. Portanto, o Ramones, com seu primeiro LP, inaugurava o punk rock.

Straight-edge – facção surgida do *punk*, que procura ridicularizar e desestimular o uso de bebidas alcoólicas, drogas e muitas vezes produtos artificiais. Procuram moralizar o meio *punk*, pregando valores como a preservação da família, e utilizam um visual mais de acordo com os critérios populares, evitando o uso de coisas incomuns como os moicanos e o uso de correntes, cadeados, alfinetes e usam cabelo muito curto.

Tape-trader – traduzido seria *comércio de fita*. Pessoa que, através de correspondência, envia e recebe fitas magnéticas com gravações de bandas com produção independente.

Trash – Lixo, filmes mal feitos de propósito. Cultura do trash é ser brega, gostar de coisa ruim (propositadamente).

Underground – Este termo surgiu aproximadamente em meados da década de 60, designando *formas de expressão alternativas*, muito ligado a seu significado em inglês: subterrâneo. Mas difundiu e aprofundou seu significado a partir da década de 70 com o surgimento do *punk*. Para Silva (1995), o *underground* é algo alternativo às vias formais de acesso à cultura, ao lazer e às informações, que se coloca em oposição ao sistema capitalista e/ou à cultura de massa.

Vegan - O VEGANISMO pode ser definido como uma forma de viver que busca excluir, na medida do possível e do prático, todas as formas de exploração e tratamento cruel de animais na alimentação, no vestuário e com qualquer outro fim. Em termos dietéticos, refere-se à prática de abrir mão de todos os produtos animais, como carne, peixe, aves, ovos, leite animal, mel e seus derivados.

Visual – conjunto de adereços punks (bótons, coturnos, pinos), o cabelo arrepiado, a cor negra e, ao mesmo tempo, o efeito que se produz por esses adereços.

Bibliografia:

CAIAFA, Janice. Movimento Punk na cidade: a invasão dos bandos sub. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1985.

KEMP, Kenia. **Grupos de estilo jovens**; o rock underground e as práticas (contra) culturais dos grupos “punk” e “trash” em São Paulo. São Paulo: Departamento de Antropologia da UNICAMP, 1993. (Dissertação, Mestrado)

SILVA, Luis Eduardo F. da. A marginalidade da Cultura Underground. Paraná: Universidade Estadual de Londrina, 1995. (monografia de conclusão do curso de Bacharel em Ciências Sociais).